

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS**

FABÍOLA TARCILA BAQUER DE BARROS

**DA REALEZA VELADA AO AUTODESCOBRIMENTO:
UMA PROPOSTA DE LEITURA PROFICIENTE A PARTIR DA OBRA
O PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY**

RIO BRANCO

2021

FABÍOLA TARCILA BAQUER DE BARROS

**DA REALEZA VELADA AO AUTODESCOBRIMENTO:
UMA PROPOSTA DE LEITURA PROFICIENTE A PARTIR DA OBRA
O PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – na Universidade Federal do Acre como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.
Linha de Pesquisa: Letramento Literário

Orientador: Prof. Dr. João Carlos de Souza Ribeiro

RIO BRANCO

2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

B277d Barros, Fabíola Tarcila Baquer de, 1988- .
Da realeza velada ao autodescobrimento : uma proposta de leitura proficiente a partir da obra O pequeno príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry / Fabíola Tarcila Baquer de Barros. – 2021.
107f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Acre, Programa de Pós- graduação do Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS. Área de concentração: Linguagens e Letramentos. Linha de Pesquisa: Letramento Literário. Rio Branco, Acre, 2021.
Orientador: Prof. Dr. João Carlos de Souza Ribeiro.
Inclui referências.

1. Letramento. 2. Competências socioemocionais. 3. Literatura. 4. “O pequeno príncipe”. I. Ribeiro, João Carlos de Souza, Prof. Dr. (orientador) II. Universidade Federal do Acre. III. PROFLETRAS. IV. Título

CDD: 400

FABÍOLA TARCILA BAQUER DE BARROS

**DA REALEZA VELADA AO AUTODESCOBRIMENTO:
UMA PROPOSTA DE LEITURA PROFICIENTE A PARTIR DA OBRA
O PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – na Universidade Federal do Acre para fins de defesa:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. João Carlos de Souza Ribeiro

- Orientador -

Universidade Federal do Acre – PROFLETRAS - UFAC

Prof. Dr. Alexandre Melo de Souza

- Membro interno -

Universidade Federal do Acre – PROFLETRAS - UFAC

Prof^a Dra. Luciana Marino do Nascimento

- Membro externo –

Universidade Federal do Rio de Janeiro – PIPGLA - UFRJ

RIO BRANCO

2021

À minha mãe Lenice, ao meu irmão Antonio Sergio, ao meu esposo Evaldo e ao meu querido orientador, João Carlos, meus pilares e maiores incentivadores.

Agradecimentos

Inicialmente, agradeço a Deus, que sempre está ao meu lado, me fortalecendo e renovando minha fé. Sem Ele, nada seria possível, pois, nas grandes provações pelas quais passei, era Ele que me sustentava e renovava as minhas forças para que eu continuasse a minha caminhada.

Agradeço, também, a Nossa Senhora Aparecida e ao Santo Expedito, que nunca deixaram minhas orações sem resposta; sempre intercederam diante Deus por cada oração que a eles devotei com fé.

Sou infinitamente grata à minha mãe Lenice, meu maior exemplo de força e resiliência; minha fortaleza, meu porto seguro; aquela que sempre me mostrou o caminho certo a seguir e que me inspira a buscar o meu melhor. Agradeço por todas as suas orações e suas intercessões por minha vida perante nosso Deus.

Minha gratidão também ao meu pai por sempre torcer por minhas conquistas e fazer o seu melhor por nós.

Agradeço ao meu irmão Sergio, meu parceiro e exemplo de dedicação, que sempre me incentivou a estudar e me deu as oportunidades necessárias para trilhar meu caminho na formação acadêmica.

Sou grata pela vida de cada um dos sobrinhos André, Lorrany, Hillary, João, Hivyna e Heitor, que me alegram cotidianamente e tantas vezes aliviaram o peso dos dias difíceis.

Minha gratidão imensa que tenho por meu esposo Evaldo, que verdadeiramente tem sido um companheiro de todas as horas, que me ampara nos momentos de incertezas e acredita em mim até quando eu duvido de minha capacidade.

Agradeço a cada um de meus professores, que me auxiliaram a expandir os horizontes do conhecimento, com tanta dedicação e humildade.

Agradeço, em especial, a professora doutora e coordenadora do Mestrado Profissional em Letras, Rosane Garcia, pela paciência, compreensão e orientações, e por tantas vezes ser uma verdadeira mãe que dá carinho e atenção, mas também, quando necessário, repreende para nos ensinar o que é certo e melhor.

Sou grata ao professor doutor Selmo Azevedo Apontes pelo exemplo de humildade e sabedoria, e por nos ter mostrado, em suas aulas memoráveis, que o conhecimento deve nos ensinar a sermos pessoas melhores e mais humanas.

À professora doutora Gabriela Oliveira Codinhoto, minha gratidão por nos ensinar a lutar por nossos sonhos e nos empoderarmos sempre, sendo firmes na luta por aquilo que acreditamos.

Ao professor doutor Shelton de Souza, minha gratidão por tornar leves e felizes todos os momentos que vivenciamos, nos ensinando não somente os conhecimentos acadêmicos, mas também a humanidade em seu exercício pleno.

Minha gratidão infinita ao meu amado professor e orientador, doutor João Carlos de Souza Ribeiro que, como um pai, me guiou durante essa trajetória, que não foi apenas da construção de uma dissertação, mas de uma evolução de vida em diversos sentidos.

Sou imensamente grata à minha turma do curso mestrado. Uma turma tão pequena em quantidade, mas tão gigante em amor e companheirismo.

Às professoras mestras Camila da Silva Martins e Mirian Teles da Costa, minhas amigas, minhas colegas de caminhada, agradeço por tão genuína amizade que construímos, repleta de lágrimas e sorrisos; e regada por um carinho imenso. Cada momento que compartilhamos foi de profundo aprendizado. Mulheres guerreiras, resilientes e determinadas, que tornaram meus dias durante o curso e em seu final ainda mais felizes.

À professora mestra Christia Monteiro da Rocha, a quem sou grata por todo o apoio, incentivo e amizade. Por ter sido a nossa líder, que nos orientava e dava exemplo de determinação. Gratidão imensa por tudo que fez por nossa turma.

Ao Antônio, à Gertrudes e à Diana Raquel, agradeço por, mesmo não estarmos juntos até o final dessa trajetória, me ensinarem muito sobre a vida e que, ainda que seja necessário dar uma pausa em nossos sonhos, nunca devemos desistir deles.

“O leitor é livre, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro: aliás, ele não pode compreender um livro se não se compreende ele próprio graças a esse livro”.

(Antoine Compagnon)

RESUMO

O presente trabalho, intitulado *Da Realeza velada ao autodescobrimento: uma proposta de leitura proficiente a partir da obra O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry*, tem como principal objetivo apresentar uma proposta didático-pedagógica, que proporcione o desvelamento das potencialidades intelectuais e humanas de jovens estudantes dos anos finais ensino fundamental mediante a realização de atividades, que priorizam o efetivo letramento, à luz do que propõe a Base Nacional Comum Curricular no uso de suas competências gerais. A partir dessa premissa, o intento é nortear o trabalho docente, vislumbrando a construção de valores humanos, como o amor e a amizade, bem como os comportamentos que estão de acordo com o que está sendo proposto para a educação escolar no século XXI. Além disso, a pesquisa em questão busca oportunizar aos alunos uma formação humana integral, que os prepare para os desafios a serem enfrentados em sua trajetória de formação e de vida, por intermédio de metodologias que privilegiem o desenvolvimento das competências socioemocionais que a BNCC nos apresenta, como o autoconhecimento e o autocuidado. Este trabalho será desenvolvido durante as aulas do componente curricular de Língua Portuguesa, auxiliado pelo desdobramento de metodologias estruturadas, com vistas a proporcionar o letramento literário, cujas bases são a leitura e a análise da obra *O Pequeno Príncipe*, do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry. A dissertação apresentada foi delineada a partir de observações de situações experienciadas em uma escola pública do município de Porto Acre, no estado do Acre, e de pesquisas bibliográficas, que relatam a realidade intrínseca à educação, suas perspectivas e as demandas inerentes à realidade socioemocional vivenciada pela sociedade brasileira e associadas às experiências educacionais com a leitura literária, e os reflexos dessa vivência na construção do aprendizado e na conseqüente formação do aluno, priorizando a sua humanidade. A escolha do livro *O Pequeno Príncipe* deve-se aos ensinamentos, profundos e atemporais, contidos nesse texto poético de ascendência universal, que desafiam as leis do tempo, continuando, portanto, atuais e extremamente relevantes para a condição humana, com enfoque, sobretudo, no essencialismo, na valorização da construção e no fortalecimento dos vínculos nas relações interpessoais. A metodologia utilizada teve como escopo um trabalho dirigido em uma turma de alunos do 6º ano, singularizando uma formação educacional, que ultrapasse o simples ato de ler e de decodificação de informações, levando-os a refletir sobre o aprendizado e a absorção dos ensinamentos para transformarem suas vidas no modo como vivem e como lidam com o mundo à sua volta. Através da realização de práticas metodológicas, que incluem círculos de leitura e análise de questões relacionadas à temática abordada, visando, desde o letramento literário até a elaboração de produções textuais, que, por sua vez, possibilitem os alunos que expressem o seu aprendizado, a referida proposta fundamenta suas atividades na leitura e no estudo da obra *O Pequeno Príncipe* mediante a construção de uma análise hermenêutica. As experiências educacionais propostas neste trabalho foram organizadas no formato de uma sequência básica de atividades, que contemplará a leitura e a reflexão de questões abordadas na obra, enfatizando aquelas que propiciarão o autoconhecimento.

Palavras-chave: Letramento. Competências socioemocionais. Literatura. Profletras.

ABSTRACT

This essay which we have entitled *From hidden royalty to self-discovery: a proficient reading proposition in Antoine Saint-Exupéry's work The Little Prince literary text* intends to show a didactic and educational proposition that be able to promote the young students' unveiling human and scholar potentialities in the elementary school final years throughout activities that prioritize actual literacy based on National Basis of Standard Curricular and its general competencies usage (BNCC). From this assumption our attempt is guiding teaching work and also foresee human values formation like love and friendship and every behaviors that are concerned with propositions have been submitted to school education in twenty-first century. In addition this research aims give opportunities to the students an integral human formation which prepare them for challenges will be faced in their life's trajectories through methodologies that favour to the socioemotional competencies development that BNCC approaches as the self-knowledge and self-care. This work will be developed during curricular component classes of Portuguese language and also will be aided by unfolding structured methodologies that may provide literary literacy whose bases are reading and analysis Antoine Saint-Exupéry' work, *The Little Prince*. The paper has been outlined from findings of experienced situations in a Porto Acre's public school, Acre State, and the researches bibliographic which report education intrinsic reality, its prospects and demands inherent to socioemotional reality experienced by brazilian society which are associated to educational experiences throughout literary reading, the impacts of those ones in the learning construction and the resulting student formation that gives priority to his humanity. The choice of *The Little Prince* work was made because its deep and timeless teaching are contained in this universal poetic text that challenges laws of time, they are current and extremely relevant to human condition focusing on especially in the essentialism, highlighting formation and the strengthenig of the bonds in the interpersonal relationships. The used methodology had as main object a work group in one class of sixth years 'students offering an educational formation that beyond simple the act of reading and the informations decode, and also leading them to think about learning and the teaching absorption to become their lives and how they live and deal with surrounding world. Through pedagogical practices which comprehend reading circles and analyses of relating issues to the adressed thematics aiming since literary literacy until development of textual productions, allowing the students to express their learning, this proposal is based on their activities by reading and also by studying *The Little Prince work* from a hermeneutical analysis. The educational experiences have been proposed in this paper were developed in the format of activities basic sequence which will cover reading and reflection of issues adressed in work emphasizing those ones that will prioritize self-knowledge.

Keywords: Literacy. Socioemotional competencies. Literatura. Profletras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Antoine de Saint-Exupéry na infância	63
Figura 2	Capa do livro Terra dos Homens	64
Figura 3	Capa do livro Correio do Sul	65
Figura 4	Capa do livro Voo Noturno	66
Figura 5	Antoine de Saint-Exupéry: o piloto	67
Figura 6	<i>Slide</i> com a capa do projeto	89
Figura 7	<i>Slide</i> relativo à introdução das atividades do projeto	90
Figura 8	<i>Slide</i> com a imagem da capa do livro utilizado e foto do autor da obra	91
Figura 9	<i>Slide</i> introdutório aos círculos de leitura do projeto	92
Figura 10	<i>Slide</i> com o cronograma de leituras para o primeiro encontro do projeto ..	93
Figura 11	<i>Slide</i> com o cronograma de leituras para o segundo encontro do projeto ...	94
Figura 12	<i>Slide</i> com o cronograma de leituras para o terceiro encontro do projeto	95
Figura 13	<i>Slide</i> introdutório às apresentações dos diários de leitura	96
Figura 14	<i>Slide</i> introdutório às produções das <i>fanfics</i>	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Tipos de leitores	56
Quadro 2	Funções das ilustrações nas obras literárias	60
Quadro 3	Cronograma das atividades	100

SUMÁRIO

1	DESCOBRINDO REALEZAS.....	12
1.1	Adolescendo corpos, florescendo para a Vida	18
2	DESVELANDO A TEORIA.....	34
2.1	O Letramento e as Competências Socioemocionais da Base Nacional Comum Curricular.....	37
2.1.1	Reflexões a partir da abordagem dada ao ensino de literatura na BNCC...	41
2.2	As práticas de letramento literário.....	44
2.3	A leitura de textos literários na escola.....	47
2.4	Literatura para jovens no Brasil.....	51
2.5	A presença da literatura juvenil na sala de aula.....	55
3	O MUNDO SINGULAR DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY.....	63
3.1	O fabuloso universo de O Pequeno Príncipe.....	67
4	METODOLOGIA.....	85
4.1	Proposta didático-pedagógica.....	88
4.1.1	Motivação para a leitura.....	89
4.1.2	Conhecendo a obra e o seu autor.....	90
4.1.3	Leitura da obra.....	92
4.1.4	Primeiro encontro literário.....	93
4.1.5	Segundo encontro literário.....	94
4.1.6	Terceiro encontro literário.....	94
4.1.7	Interpretação.....	95
4.1.8	Expansão.....	96
4.1.9	Avaliação.....	97
4.2	Cronograma das atividades.....	100
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
	REFERÊNCIAS.....	105

1 DESCOBRINDO REALEZAS

O presente trabalho foi idealizado a partir da observação e análise de situações vivenciadas em escolas públicas de ensino fundamental bem como em vivências pessoais relacionadas à maneira como, costumeiramente, a leitura literária é trabalhada e os reflexos dessas experiências na construção tanto do aprendizado dos alunos quanto de sua condição humana.

Na contramão das orientações curriculares instituídas em nosso país, há, ainda, uma forte tendência de as avaliações realizadas nas escolas exigirem dos alunos, basicamente, a memorização das matérias repassadas pelos professores, de maneira mecânica e pouco reflexiva, repetindo uma perspectiva ultrapassada em que o professor é visto como o detentor de todo o conhecimento e o aluno como uma espécie de “esponja”, que tem por obrigação a absorção do que lhe é ensinado sem o direito, muitas vezes, de questionar o seu aprendizado. No entanto, cada vez mais, a necessidade de os estudantes terem oportunidades reais e satisfatórias para desenvolverem habilidades, como a criatividade, a comunicação e a capacidade de solucionar problemas para que aprendam a ser proativos e alcancem o sucesso em todos os âmbitos de sua vida, é crescente.

Os alunos, em especial as crianças e adolescentes, que estão em fase de plena construção e de desenvolvimento de todas as suas capacidades, precisam compreender a sua importância no processo e aprendizagem, assumindo o papel de protagonistas de suas vidas; líderes de sua própria história.

O público-alvo ao qual será direcionada a proposta pedagógica apresentada na presente dissertação são alunos do 6º ano dos anos finais do ensino fundamental regular. Levando em consideração a faixa etária em que estão inseridos, os objetivos de desenvolvimento do aprendizado, explanados na pesquisa, que culminou no texto em questão, objetivam impactar significativamente na formação dos estudantes adolescentes provenientes de uma região interiorana do estado do Acre, no município de Porto Acre. Por meio de suas experiências interpessoais e vivências das mais diversas, compartilhadas em turmas de uma escola pública rural, em que a humanidade de cada um seja privilegiada no decurso do ensino e aprendizagem, colaborando, efetivamente, na construção e na formação da identidade e da cidadania dos estudantes adolescentes, em seu percurso escolar.

Portanto, considerando, a fundamental importância da literatura como um instrumento essencial para o convívio social e a formação cognitiva do indivíduo, temos a convicção de que ela tem importante contribuição na inserção e na inter-relação do sujeito nos diversos âmbitos

da vida, tanto social quanto cultural, político e econômico. Por isso, o ato de ler textos literários precisa transcender o que é superficial, devendo ser compreendido para além daquilo que está escrito e que, portanto, são infinitas as possibilidades de utilização da leitura como instrumento que promove o crescimento do ser interior de cada qual, a sua relação com o Outro e a consciência de si como sujeito que transforma o mundo, cada geração em sua época distinta e única.

Questões relativas à formação de leitores literários, de um modo geral, é problema que é enfrentado constantemente na rotina escolar e que apresenta diversas e consideráveis lacunas que são observadas em inúmeros estudos e pesquisas, sendo, desse modo, um dos maiores objetivos e desafios vivenciados quando se remete ao ensino fundamental, a base inicial para a construção do sujeito, que é o aluno, nos ambientes doméstico e escolar, respectivamente, no que diz respeito a valores e princípios morais e éticos, pilares da cidadania, de um lado, e da ingresso no mundo da leitura por meio do letramento, do outro lado.

É importante ressaltar que não há, ainda, uma compreensão e aceitação pacificada, por meio de muitos professores de língua e literatura, em relação ao letramento literário, sobretudo quando sabemos que a leitura do texto literário em sala de aula, como atividade permanente, é essencial para a formação do sujeito. Assoma-se a isto o fato de que essa prática ainda não é uma realidade em parte considerável das escolas brasileiras. Portanto, o tema precisa ser tratado com maior sensibilidade e dedicação, com orientações e políticas públicas efetivas e aplicadas para tal finalidade.

O letramento literário pode ser compreendido como um conjunto de práticas e eventos sociais, que implicam a interação entre leitor e o autor e que contribuem para o processo socialização através da leitura de textos literários. O letramento literário tem como objetivo principal a construção e reconstrução dos sentidos relacionados ao texto literário lido, dentro ou fora do ambiente escolar. Portanto, vai muito além de ser uma mera leitura literária, não podendo ser restringido ao patamar de ser visto apenas como uma simples estrutura textual, pois tal prática é de fundamental importância para a formação do indivíduo, tendo o poder de transformar e elucidar as tramas que envolvem as relações humanas e a maneira de ser e de se apresentar no mundo que nos rodeia.

A leitura de textos literários nos possibilita adentrar num universo de histórias de outras pessoas ou criadas por outras pessoas, que nos permite ampliar o campo de visão a respeito de nossa própria história e, dessa forma, podermos compreender, com mais clareza, o passado, o presente e o futuro de nossa espécie no planeta. Assim, a partir do letramento literário, podemos não somente compreender nossa condição humana, mas desenvolver

características relativas à criatividade, despertando, principalmente, a subjetividade intrínseca às expressões artísticas.

A incumbência de fazer o letramento literário acontecer, de fato e de direito, está, na maioria das vezes, ligada à escola; é uma de suas competências, sendo o professor o responsável por criar as condições adequadas para que a relação entre o aluno e a literatura seja uma busca contínua para dar um real sentido ao texto literário em prol do próprio aluno e da sociedade. Entretanto, provavelmente, tal responsabilidade seja justificada pelo fato de este ser o único momento em que há a oportunidade de contato de alguns alunos com obras literárias das mais diversas e que se dá apenas no ambiente escolar. A prática da leitura do texto literário, lamentavelmente, há muito tempo, tem perdido os espaços para essa atividade fora da escola, pois, cada vez mais há menos há bibliotecas públicas abertas no país; além do fenômeno da *internet*, que desviou a atenção dos alunos que preferem o entretenimento da rede em detrimento da leitura em seu modo clássico – o livro.

O indivíduo, para exercer totalmente o seu protagonismo perante a sociedade, precisa tomar posse da linguagem literária, letrar-se, literalmente, nela, tornando-se um usuário competente, ainda que nunca tenha a pretensão de escrever um livro. O ensino de literatura não pode ser tratado como um simples complemento das aulas de língua portuguesa, como equivocadamente muitos pensam, ainda. A aprendizagem enquanto processo que tem princípio, meio e fim acontece não somente através das aulas de língua portuguesa, mas em conjunto com as aulas de literatura.

Para ser uma condutora, por intermédio de experiências de letramento literário, a leitura literária não pode ser utilizada tão somente para transmitir informações; mas, antes e sempre, a leitura do texto literário precisa fazer sentido para o seu leitor, os alunos que, nesse caso, necessitam de motivação no processo de reconhecimento da literatura e aquilo que lerão. É necessário que se mostre aos alunos, os leitores em proficiência, os diversos porquês relacionados ao que estão lendo e a consciência de que precisam saber o que leem, como leem e para que leem.

O que se observa no contexto de ensino escolar, constantemente, é que a leitura dos textos literários tem se tornado, em muitos momentos, apenas um mero pretexto para o objetivo unicamente pedagógico, repletos de leituras superficiais, visando tão somente a verificação do aprendizado daquilo que, mecanicamente, é estabelecido pelo sistema de ensino como o mais adequado a ser ensinado, finalizando o processo da aprendizagem, propriamente dita, com atividades que, muitas vezes não levam o aluno em direção ao que deveria ser o objetivo

principal, que é conduzir o aluno a vivenciar e experienciar o letramento. Não é por acaso que todo professor é essencialmente um pedagogo, ou seja, aquele que conduz a criança ao saber.

Nesse contexto, nota-se que o texto, no ambiente escolar, em algumas instituições de ensino, tem sido apresentado de forma artificial, onde se tem utilizado uma metodologia que somente tem contribuído para o afastamento do aluno daquele e dificultando a familiaridade entre literatura e escola.

Assim, o questionamento principal a ser discutido não é o fato de a escola dever ou não escolarizar a literatura, pois isso é imprescindível; entretanto, a par disso, oportunizamos a seguinte questão: como “fazer acontecer” essa escolarização de maneira que ela não seja usada tão somente com o objetivo de cumprir o que é estabelecido pelos currículos pedagógicos, mas, sim, de modo que haja a promoção de ganhos reais para a formação do estudante?

As atividades voltadas para a conscientização dos alunos têm como objetivo esclarecer quanto aos seus direitos e facilitar o seu acesso à literatura, facultando vivências que tenham como porto final o letramento literário. No entanto, as vivências às quais nos referimos em nosso pensamento crítico têm sido negligenciadas por grande parte das instituições de ensino, ou porque há um desconhecimento sobre o tópico abordado ou porque tais instituições não estão atualizadas, incorrendo, portanto, em práticas anacrônicas.

Defendemos a partir da pesquisa que culminou a presente dissertação de mestrado a relevância deste tema e o seu debate na ordem do dia, com o intuito de pôr um fim à dominação da escolarização, que direciona somente para o ensino as questões históricas da literatura ao invés de levar os professores a compreenderem a importância das práticas sociais de leitura literária, iniciando no próprio texto artístico.

É fundamental que o professor tenha como uma de suas principais metas a garantia do direito à leitura literária, buscando-se, sempre, um significado cada vez mais profundo e proficiente para a leitura dos textos literários por intermédio de estratégias que motivem os alunos, assumindo o papel de mediador das atividades relativas à interação entre o texto e o leitor e tendo como propósito a abertura dos diversos caminhos que o texto literário pode oferecer a todos que o acessarem.

A partir de todas as questões educacionais e pessoais expostas, a problemática da pesquisa, que ora delineamos, envolve a construção e a realização de um processo de investigação sobre o letramento literário no processo de ensino e aprendizagem, objetivando demonstrar o quanto acreditamos na importância da literatura e no seu papel para a formação integral do sujeito.

A vital contribuição da literatura na formação e no desenvolvimento social do indivíduo e da coletividade não apenas é primordial, mas, acima de tudo, é inevitável. De tal forma, propõem-se os vários questionamentos a respeito das práticas didático-pedagógicas, que devem ser coerentes para o ensino efetivo de literatura que, por sua vez, tem como objetivo principal a formação do leitor literário.

Nesse contexto, a partir de nossas inquietações como professora de língua e literatura e, também, leitora, apresentamos a questão que fundamentou a elaboração dessa dissertação: quais estratégias podem ser mais adequadas para a realização da mediação, utilizando-se das práticas de leitura literária e objetivando que esses momentos sejam instrumentos primordiais que possam contribuir, efetivamente, para o processo de letramento literário do aluno, quer seja no círculo escolar, que seja fora dele?

A problemática que ora expomos faz parte de nossa investigação sobre as possibilidades de desenvolvimento e realização de ações em prol do letramento nos estudos literários. Desse modo, cumpre afirmar que essa pesquisa tem como principais objetivos a apresentação de uma reflexão crítica em torno do histórico da literatura brasileira voltada para o público infanto-juvenil e as contribuições que uma proposta de ensino de literatura, baseada na concepção do letramento literário, pode proporcionar à formação do aluno, bem como a apresentação de uma proposta de sequência de atividades, tendo como base a prática do letramento literário subsidiada pela leitura do livro *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry.

Esse trabalho foi estruturado em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No capítulo intitulado *Desvelando a Teoria*, fazemos uma abordagem dos referenciais teóricos que fornece os fundamentos necessários para a estruturação dessa dissertação. Realizamos, também, um levantamento de concepções inerentes ao letramento e ao letramento literário, como um dos instrumentos para uma formação cidadã do aluno, bem como de conhecimentos relativos à Literatura para jovens no Brasil e a escolarização da literatura, privilegiando os modos de ler do texto literário e a sua vivência dentro e fora da sala de aula.

No capítulo intitulado *O fabuloso universo de O Pequeno Príncipe*, apresentamos o texto poético em questão, em seus pormenores, entrecruzando o nosso pensamento crítico com a proposta literária contida nessa obra universal.

No capítulo intitulado *O mundo singular de Antoine Saint-Exupéry*, consideramos ser de máxima relevância a apresentação para o público a trajetória do emblemático autor e a sua experiência de vida que o levou para muitos lugares, além de trazer à baila outros fatos de sua trajetória como cidadão do mundo e, sobretudo, como escritor.

No quarto capítulo são apresentadas as etapas da sequência didático-pedagógica, explicitando como serão realizadas cada uma das atividades, que servirão como recursos que propiciaram a busca dos objetivos propostos, fazendo com que a leitura literária seja vivenciada a partir do letramento literário e analisada com relação à importância da leitura dos clássicos da literatura universal. Propomos nesse capítulo um modelo de sequência de atividades que terão como base a leitura da obra *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, direcionada aos alunos do 6º ano das séries finais do ensino fundamental.

A obra em questão, para quem a conhece superficialmente, pode parecer ser um texto voltado apenas para o público infantil, no entanto o seu contexto é extremamente desafiador; filosófico, reflexivo, tanto que tal obra se tornou um dos livros mais lidos e apreciados, não somente entre o público formado por jovens leitores, mas, sobretudo e surpreendentemente, entre os adultos, em decorrência de suas infinitas mensagens, que estão ocultas nas entrelinhas desse texto singular, que proporcionam uma profunda visão sobre a vida, os comportamentos e os relacionamentos humanos.

A escolha pela obra se deu, principalmente, por apresentar uma grandiosa e valiosa quantidade de ensinamentos para a vida, independentemente da faixa etária, a qual contribui para a compreensão e formação das atitudes e vivências humanas. O texto apresenta as aventuras de um pequeno príncipe que veio de um planeta minúsculo e que, por estar longe de seu lar, anseia o seu regresso.

Com profundas bases filosóficas, os sentimentos relativos à infância do narrador vão de encontro aos relatos do pequeno príncipe e se entrelaçam com as suas experiências extraordinárias, vividas por essa criança singular, tendo como pano de fundo outros planetas na vastidão do universo.

Acreditamos, portanto, que, a partir da reflexão proposta sobre a leitura do texto literário na sala de aula, podemos proporcionar meios e caminhos, que auxiliem os professores na tarefa para incentivar, estimular e, principalmente, despertar o interesse dos alunos para a leitura do texto literário. Além disso, é nosso propósito, também, discutir questões relativas à formação do leitor de literário, e que os professores imbuídos nesse exercício estejam dispostos a repensarem e, se possível, reestruturarem suas práticas, analisando o que se pode manter, o que precisa ser reorganizado e o que precisa, ainda, ser construído ou reconstruído.

1.1 Adolescendo corpos, florescendo para Vida.

De acordo com o Dicionário Aurélio, “adolescência é o período da vida humana que começa com a puberdade e se caracteriza por mudanças corporais e psicológicas, estendendo-se, aproximadamente, dos 12 aos 20 anos”

Conforme aprendemos nas aulas de Ciências da Natureza, na adolescência, o cérebro recebe diversas influências de transformações químicas e biológicas, sendo remodelado, reorganizado, amadurecido, concomitantemente com os processos psicológicos existentes naturalmente no processo de socialização.

Em seu artigo O incrível potencial do cérebro adolescente, traduzido e publicado na página do Instituto Conectomus, a jornalista Katrina Schwartz (2019) cita o neurocientista da Universidade de Temple e autor de diversas obras sobre a adolescência, Laurence Steinberg, que afirma que “a adolescência é uma fase da vida em que podemos realmente prosperar, mas precisamos aproveitar a oportunidade”, pois, de acordo, com os estudos científicos sobre o desenvolvimento do cérebro humano, a adolescência é o momento da vida do indivíduo em que esse está mais suscetível a transformações. Ou seja, isso significa dizer também que esta é uma oportunidade extremamente importante para fortalecer determinados aprendizados e precisa ser devidamente aproveitado pelos sistemas de ensino. Assim, o grandioso universo de possibilidades de um cérebro adolescente terá mais amplitude se, desde cedo, a criança receber o adequado suporte emocional e uma base familiar equilibrada, uma alimentação de qualidade e, principalmente, o acesso a uma educação devidamente estruturada para suas necessidades e expectativas. Assim, como na edificação de uma casa, a construção dos alicerces é fundamental.

Luís Antonio Groppo (2020, p. 7), na obra *Juventude – Ensaio Sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*, afirma que a juventude pode ser estabelecida entre a faixa etária dos treze aos vinte anos, aproximadamente, já que, em razão de fatores socioculturais, esse período pode variar um pouco, iniciando-se mais tarde e/ou prolongando-se até os vinte e cinco anos.

Percebe-se que não há uma divisão totalmente definida a respeito do estabelecimento de uma faixa etária para a juventude. Portanto, pode-se basear seu início no decorrer da puberdade, onde ocorre uma transformação biológica e metabólica, que envolve as estruturas físicas e psíquicas, cujas interações influenciam diretamente o processo cognitivo, em formação, resultando, dentre outras ocorrências, no posicionamento social do indivíduo. Cumpre ressaltar, ainda, que essa fase é caracterizada por sua transitoriedade, representando

muito mais uma idealização de modelos impostos pela sociedade e que finda por abranger uma confusa teia de normas e crenças.

De acordo com Groppo (2000, p. 8), “ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sociocultural e uma situação social [...]”. Diz-se isto pelo fato de a juventude estar inteiramente contida em uma estrutura social, uma coletividade de sujeitos, que se assemelha por uma definição que tem a faixa etária como principal elemento definidor, além se apresentar como um símbolo no imaginário da sociedade.

Dessa forma, observa-se que a juventude é um ponto de vista, conceito ou institucionalização produzida pela sociedade ou pelas próprias pessoas consideradas como jovens para justificar diversas atitudes e comportamentos a eles atribuídos integral e inequivocamente.

Atualmente, com a globalização das informações através das novas tecnologias, percebe-se que a juventude vem assumindo um padrão mais equitativo nas sociedades contemporâneas. Com vestimentas semelhantes, estabelecidas por padrões, que expressam sentimentos e visões de mundo comuns a seus respectivos grupos/tribos, fazem uso das mesmas redes de comunicação, convivem com indivíduos semelhantes, os quais questionam a sociedade, de forma similar, encarando e interagindo com o mundo e as pessoas de maneira, igualmente, semelhante.

De acordo com Vincent-Buffault (1996, p. 103), que apresenta uma pertinente conceituação sobre a juventude a partir do século XVIII, o pensador afirma que nesse momento ela “assumiu uma outra feição: ter um coração novo, vitalidade, um entusiasmo intacto, uma alegria de realizar”. Nessa época, começou-se a pensar sobre o período da vida no qual, entre os passatempos do mundo infantil e as questões sérias da vida adulta, desvela-se uma etapa transitória, mas de fundamental importância para a estruturação do ser.

A cada nova geração constata-se um aumento das expectativas depositadas na juventude, pressionando os jovens para tomadas de decisões precoces, além das constantes imposições midiáticas e aquelas exercidas pelos círculos próximos de amigos e familiares, que, por consequência, exigem deles que se tornem aquilo que, possivelmente, eles não querem ou não gostariam de ser, revelando a fratura exposta de um modelo social em que as liberdades individuais são fadadas à censura, à castração em nome de padrões vazios de sentido e que violentam a essência dos jovens em seu despertar para uma realidade marcada pela pluralidade de chances e escolhas.

Visando a sua aceitação no meio social, os jovens são influenciados e levados a se comportarem de certa maneira ou inserirem-se em determinados grupos, às vezes com

afinidades próximas, mas em outros momentos com disparidades significativas. Buscando parecer mais atraentes, conforme os padrões impostos pela sociedade, esses adolescentes ou têm de se vestir de acordo com o que está sendo determinado pela ordem do dia, do momento, em que os modismos falam mais alto, ou se colocam em situações de risco para alcançarem uma aparência quase sempre inalcançável; um verdadeiro devaneio em que a ilusão é posta como falsa realidade, o que concorre para frustrá-los, mais tarde, e/ou para produzir deslizes e quedas constantes em suas trajetórias de autodescoberta. Assim, por desconhecerem seus dons singulares, sua essencialidade, são enredados e absorvidos por todos os ditames e sofismas pregados, contínua e incessantemente, como verdade absoluta pela cultura de massa, como está sabiamente eternizado no adágio popular “água mole em pedra dura tanto bate até que fura.”

No artigo intitulado *As revelações sobre o cérebro adolescente*, publicado no site da Revista *Isto É*, a jornalista Mônica Tarantino (2021) compartilha um trecho de uma entrevista realizada com o neurocientista americano Jay Giedd, pesquisador do Instituto Nacional de Saúde Mental dos Estados Unidos (NIMH) e um pioneiro na investigação do cérebro de adolescentes relatou que “o cérebro do adolescente não é um mero esboço de um cérebro adulto. Ele foi cuidadosamente moldado pela história evolutiva para apresentar características que o diferenciam do cérebro de crianças e de adultos”. Tal evolução justifica, de certa forma, o porquê de, nesse período da vida, a impulsividade e os sentimentos mais intensos serem manifestados com tanta destreza sem passar pelo filtro da razão. Nessa fase, o indivíduo possui uma espécie de segunda chance para tentar solucionar, embora com limitações, pendências emocionais herdadas da infância. Não é possível retornar ao passado, no entanto, dar os estímulos adequados ao adolescente lhe ajudará a chegar mais próximo do seu potencial máximo, pois, quanto mais os alunos se sentirem saudáveis e seguros nos dias atuais, suprimindo suas necessidades físicas, quanto mais perceberem a sua valorização e a conseqüente aceitação, por serem exatamente quem são, de acordo com sua realidade social e emocional; quanto mais forem desafiados mentalmente, tendo a possibilidade de progredir a partir de sua capacidade mental, e quanto mais estiverem motivados e amparados espiritualmente, terão todos, indistintamente, mais abertura para refletirem sobre o futuro e as perspectivas de suas vidas ao longo de seus percursos, na vida escolar e na trajetória cívica como leitores proficientes no exercício da cidadania.

Se nos gloriosos anos da década de 1920, no século passado, ocorreram relevantes alterações na maneira de enxergar a juventude, com vestimentas e atitudes que, até então, eram reprovadas e vedadas para moças e rapazes, nos anos seguintes o sistema nazista usou a imagem de uma juventude forte, vigorosa, inventiva e disciplinada para subjugar e engendrar as

atrocidades de um falso modelo de ser, insuflado pela violência e desrespeito à alteridade, às minorias e àqueles que não pertencessem, por critérios sem qualquer fundamentação lógica e científica, aos padrões arianos, gerando o que foi a política e a ideologia levada a cabo por um genocida – Adolf Hitler – que ascendeu ao poder da Alemanha e que estava determinado a mudar a história do mundo.

Logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), estabeleceu-se a definição e a caracterização remetida à adolescência, sendo, a partir de então, difundida para as sociedades em formação, como uma forma de representação social dessa etapa da vida. Assim, tais caracterizações passaram a ser objeto de investigação e valorização; e os grupos inseridos nesse contexto passaram a ser alvos de uma crescente valorização do consumo numa nova ordem econômica, que então se expandia no Ocidente e tendo à frente a força pujante dos Estados Unidos da América do Norte: o Capitalismo.

A década dos anos de 1950 foi marcada por icônicos e determinantes acontecimentos, que nortearam o rumo da sociedade brasileira, como o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, e a chegada de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1961) à presidência da República, reacendendo o espírito nacionalista e as esperanças de dias melhores para o povo brasileiro. Todos esses acontecimentos, além de apresentarem um novo horizonte para a sociedade como um todo, também delineavam os caminhos da juventude como nunca se imaginara antes.

A influência hollywoodiana teve um grande peso na formação dos jovens no decorrer das últimas décadas. As personagens apresentadas nos filmes e as situações vivenciadas por eles bem como ídolos do cinema e da música despertavam o imaginário da juventude, tornando-se modelos a serem seguidos, passando uma imagem de irreverência e de insubmissão contra os padrões estabelecidos pelas sociedades, rompendo, desse modo, com o domínio dos padrões moralistas.

A agitação dos sons e a alegria das cores nos festivais de música, na década dos anos de 1960, buscavam mostrar à sociedade o seu potencial de transformação, podendo ser mais livre das amarras de um mundo cheio de regras, de valores ultrapassados e de consequências imprevisíveis. Cabe destacar que, nesse período, emergiu a representação de duas juventudes bem distintas, se assim podemos definir para fins didáticos: de um lado tínhamos os jovens mais ligados às tradições e aos padrões impostos pela sociedade da época; entretanto, do outro lado, observava-se uma crescente ebulição, com fortes inclinações a mudanças radicais, no movimento da mocidade denominado *hippie*¹, de origem estadunidense, que defendia os ideais

¹ De acordo com o Dicionário Aurélio, diz-se de ou pessoa, geralmente jovem que, nas décadas de 1960 e 1970, rejeitava as normas e os valores da sociedade de consumo, se vestia de modo não convencional (com influência

de liberdade e o desprendimento dos modelos de consumo, que vinham sendo estabelecidos pelo sistema capitalista.

A partir de um período de profundas transformações sociais, que resultaram em mudanças profundas, gerando desdobramentos nas representações da juventude no imaginário cultural do Ocidente, constatou-se que, mesmo que em algumas nações, os jovens convivessem com as consequências de domínios de governos ditatoriais, tendo aprisionada a sua liberdade, aqueles já figuravam como uma camada social totalmente despojada, que passou a defender aquilo que acreditavam, de maneira mais firme, engajando-se, gradativamente, em causas políticas das mais diversas, influenciando outros grupos de jovens em vários países e consolidando a sua importância no cenário sociopolítico e, principalmente, na Educação, cujas vozes deram forma e conteúdo ao tema da identidade e da formação cidadã.

Nos anos da década de 1970, ocorreu um crescimento notório na quantidade de movimentos populares em prol da anistia no Brasil e na luta pela redemocratização política. No final dessa década, exatamente no ano de 1979, foi fundada a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil. Esse período foi decisivo para o desenvolvimento das produções literárias escritas para crianças e jovens nas décadas seguintes, que trouxe mudanças significativas para a escolha e a elaboração dos temas apresentados nessas narrativas, resultando, inclusive, no aumento considerável da quantidade de obras publicadas sobre esse universo de leitores tão importantes para a construção de uma realidade identitária, que estava, até então, relegada às sombras dos discursos preconceituosos e ditadores empreendidos pelo poder oficial vigente, à época.

O início da década dos anos de 1980 foi marcado pelo lançamento da obra *O Menino Maluquinho*, do escritor Ziraldo. No decorrer desse período, também foram registradas muitas ações grevistas por parte da classe operária, em concomitância com o surgimento e a fundação de muitos partidos políticos, em função da conquista democrática pelo retorno do voto direto para governos nos estados da federação. No entanto, apenas no biênio 1983-1984, é que o Brasil realmente obteve um considerável avanço em direção ao seu processo de efetiva redemocratização com o ato político nacional conhecido por *Diretas Já*.

A partir de então, o processo educacional passou a ser analisado de forma mais abrangente, sendo inseridos novos temas e maneiras inovadoras para serem trabalhados em sala de aula, tendo como instrumental a literatura infanto-juvenil, que, pouco a pouco, ocupava o seu espaço, por direito e legitimidade, alcançando o respeito dos estudiosos e teóricos,

da moda oriental), deixava crescer os cabelos, desprezava o dinheiro, o trabalho formal, frequentemente vivia em comunidades, pregava a não violência, a liberdade sexual e frequentemente a liberação das drogas.

responsáveis pela literatura canônica nos meios acadêmicos, e o gosto do grande público, que descobria um novo modo de (re)ler a realidade daquele momento.

Os problemas cotidianos passaram a se tornar assuntos mais frequentes nos debates levantados e provocados pelas produções literárias, objetivando, desse modo, uma reflexão com maior abrangência acerca da realidade vivenciada no país. Assuntos com questões relacionadas à violência, em todas as suas vertentes, por exemplo, e os problemas decorrentes da desigualdade social, que remontam desde o descobrimento oficial do Brasil e já retratados em várias obras literárias de séculos anteriores, em nossa literatura, tornaram-se recorrentes. Todo esse movimento teve como alvo principal o despertar de uma visão e uma análise mais crítica e participativa, por parte dos jovens, perante a sociedade; e o meio no qual estavam inseridos como agentes, sujeitos dotados de consciência sobre o seu papel como entes em formação escolar e cidadãos em preparação para o mundo.

A adolescência não é apenas o conjunto da vida dos adolescentes. É, também, uma viagem ou uma série de imagens que paira sobre a vida dos adolescentes. Eles transgredem para serem reconhecidos, e os adultos, para reconhecê-los, constroem visões da adolescência. Nesse contexto, é imprescindível que se observe também a infinidade de arquétipos que os jovens assimilam e que estão presentes na identidade de cada qual, atualmente, para tomar aquelas atitudes consideradas certas e aprováveis por parte dos adultos, seguindo o modelo tradicional de educação em que os primeiros são submissos e subordinados aos segundos.

Além dos conflitos relativos às questões internas e pessoais, inerentes à essa etapa tão complexa da vida, os adolescentes também passam por intensas cobranças, visando um posicionamento mais firme, ainda que vacilante devido à sua maturação, que ainda se forma na tríade corpo, mente e espírito, perante a sociedade. Tais situações, no mínimo paradoxais e anômalas, produzem um cenário caótico, que não busca o reconhecimento da individualidade identitária adolescente como sujeito partícipe na realidade objetiva, mas impõe um modelo pronto, que privilegia as igualdades e não as diferenças em nome de uma lei, de uma regra, que não pode ser violada ou burlada.

Quando observamos a rápida e constante transformação pela qual a sociedade vem passando nas últimas décadas, sobretudo nos anos que marcaram as viradas concomitantes de século e milênio, bem como as relações interpessoais na atualidade e a redefinição dos modelos de família, a sociedade delega, cada vez mais, à escola o papel de mantenedora de valores, da tradição e da ordem social, colocando-a numa posição desconfortável e que não dialoga com as realidades vivenciadas fora de seus muros; mas, antes, encastelando-se completamente ou assumindo o lugar do avestruz, que enfia a cabeça na terra para fugir literalmente do mundo

real, a instituição que deveria andar de mãos dadas com os jovens, os adolescentes, aqueles que são a sua razão de ser, findam, lamentavelmente, por estar na contramão do processo de construção identitário e do autodescobrimento através de uma educação que liberta e não aquela que aprisiona, que mantém cativos o seu público a ideologias sem sentido ou a sentenças anacrônicas.

É necessário pontuar que a escola se depara com muitos obstáculos em seu caminho, em seu papel, como célula social, para cumprir, de maneira eficaz, o objetivo de ser efetivamente uma instituição promotora de transformações sociais. Um desses impedimentos, se assim podemos afirmar, e constitui, por conseguinte, um de seus maiores gargalos, é a formação inicial e continuada de seus profissionais docentes, que tantas vezes não estão preparados para lidar com os desafios impostos pela sociedade cada vez mais imediatista, na qual vivemos, e que é movida por verdades cada vez mais superficiais. Não há espaço e nem tempo para a reflexão profunda, para o exercício crítico; para o cair em si e, principalmente, para a tarefa do autodescobrimento.

Observa-se, a par disso, um grande descaso, por parte das políticas públicas, no que diz respeito aos investimentos necessários para bem preparar os professores e incentivá-los a proporcionar uma formação ativa e participativa dos alunos, promovendo, nesse sentido, a construção de uma sociedade em que os indivíduos se tornem protagonistas de suas próprias vidas, de suas próprias histórias, com seus relatos e experiências singulares; e tendo, sobretudo, a percepção da realidade na qual estão inseridos e os caminhos necessários para alcançarem os seus objetivos e realizarem os seus sonhos.

Percebe-se que o fazer educacional atualmente se baseia muito mais na necessidade de cumprimento dos requisitos burocráticos impostos violentamente pelo sistema, por meio de projetos e argumentações estruturados, de forma indutiva, do que verdadeiramente preparar cidadãos para o convívio social, com o oferecimento das ferramentas necessárias para serem agentes de transformação do meio; e não pacientes de uma ação na qual serão o efeito e não a causa.

A partir de um contexto cultural distante do esperado e necessário, mostrando diversas representações da etapa da adolescência, produzidas e disseminadas por uma sociedade que se transforma constantemente e quebrando paradigmas, é que emerge a literatura como uma valiosa ferramenta de transformação social; um componente essencial e inalienável para a formação cidadã, que se destaca por sua natureza ímpar, por ser manifestação da Arte, e que está ao alcance gratuito das mãos dos indivíduos jovens. A literatura, que para os jovens, é a

grande ponte, o itinerário único para a busca do autoconhecimento e que possibilita o início de novas expectativas de convívio no mundo em que vivem, que existem e que são efetivamente.

Nesse contexto, é de fundamental importância que as instituições de ensino proponham práticas pedagógicas, que objetivem o desenvolvimento das competências socioemocionais, pois, em muitas vezes, somente um professor atento ou alguém da equipe escolar, com uma visão mais aguçada, pode oferecer aos jovens o apoio e orientação, que tantas vezes não têm em suas casas; sendo assim, uma fonte de esperança; expectativas de um futuro mais promissor, com ações motivadoras e afirmativas para aqueles que serão os donos da escrita do amanhã.

Geralmente, existe um desencontro entre o que popularmente se pensa dos adolescentes e o que, na realidade, está acontecendo em seu mundo interior. Em decorrência do cérebro do adolescente ainda estar em pleno desenvolvimento, sua adaptabilidade é exitosa, podendo-se comparar com o que ocorre durante a primeira infância quando o cérebro da criança está em crescimento, desenvolvendo-se e moldando-se através de novos caminhos e conexões de acordo com as experiências vivenciadas.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC – propõe as aprendizagens essenciais que as escolas brasileiras precisam desenvolver no decorrer da educação básica e organizadas a partir da sistematização de dez competências gerais. Entre elas, são previstas competências ligadas ao caráter dos alunos e suas atitudes perante a vida, fazendo-se necessária a inclusão das habilidades socioemocionais nos currículos escolares.

As chamadas Competências Socioemocionais trazem à tona a necessidade de os alunos terem a capacidade de utilizarem o que aprendem na escola, de maneira eficaz, em sua vida cotidiana, zelando e respeitando os princípios universais de convivência como a ética, os direitos humanos, a justiça social e a sustentabilidade ambiental.

As competências gerais da BNCC estão relacionadas aos valores e aos comportamentos que se alinham ao que é proposto para a educação escolar no século XXI, visando garantir aos alunos uma formação humana integral que os prepare para os desafios, que deverão enfrentar no mundo atual. Dessa forma, os sistemas de ensino têm percebido que a educação socioemocional exerce um papel fundamental na aprendizagem dos chamados conteúdos tradicionais. Essa percepção tem feito com que as escolas se preocupem cada vez mais com a formação de indivíduos críticos, que analisam e refletem sobre suas realidades e buscam soluções para os problemas que vivenciam cotidianamente.

Em seu texto introdutório, a BNCC informa que a sociedade contemporânea tem lançado um novo olhar para o eixo central do processo educativo, que se trata do quê e para que

aprender, de como ensinar, como promover redes colaborativas de aprendizagem e como realizar a avaliação do aprendizado.

Independentemente da duração da carga horária escolar, o conceito de educação integral proposto pela BNCC refere-se à construção de processos educativos intencionais, que promovam aprendizagens, que estejam em sintonia com as necessidades individuais dos estudantes, como questões relacionadas aos relacionamentos intrapessoal e interpessoal, utilizando suas possibilidades e valorizando seus interesses, e tendo como principal motivação a preparação para os desafios da sociedade contemporânea, competitiva e materialista.

Portanto, é vital que as instituições de ensino proponham práticas pedagógicas idealizadas para a formação socioemocional para além do domínio de conteúdo. Nessa diretriz, cumpre destacar que é necessário que tais atividades estejam associadas às disciplinas e às atividades tradicionais, sem que sejam tratadas como algo a mais, desconectadas do que já é inerente à vivência escolar. Assim, as competências socioemocionais estarão diretamente vinculadas ao desenvolvimento cognitivo dos alunos, oferecendo a todos uma formação verdadeiramente integral.

Nas aulas de Língua Portuguesa, essa formação pode ser oportunizada a partir de diversas metodologias e estratégias de ensino, uma vez que essas atividades voltadas para o letramento, em especial o letramento literário, podem ser instrumentos poderosos de formação e transformação na vida dos estudantes. No entanto, muitos são os desafios encontrados no meio do caminho para a construção e a realização de propostas que visem o alcance dessa meta.

A prática constante da leitura torna as pessoas mais empáticas, mais humanizadas. Ensinar não é apenas definir os conteúdos que devem ser repassados e condicionar a vivência escolar a uma mera transferência de conhecimentos, que, geralmente, serve mais para sobrecarregar, gerar ansiedade e desestimular os alunos, não fazendo sentido algum para a sua realidade. O processo educacional ofertado nas instituições de ensino precisa ser compreendido como uma mediação de experiências socialmente acumuladas, que tem como objetivo levar o aluno a pensar e agir de maneira autônoma a partir de reflexões individuais e coletivas.

Nesse contexto, a educação literária apresenta-se como uma ferramenta indispensável para a formação cognitiva e afetiva do indivíduo, proporcionando a formação crítica do sujeito, que não apenas decifra os códigos, mas tem a capacidade de os interpretar, recriar e construir novos conhecimentos. Entretanto, aflorar essas relações em sala de aula não é tarefa simples, dado o fato de que requer do professor uma bagagem de conhecimentos relacionados à construção do processo criativo, à visão do estudante perante o mundo que o cerca, ao complexo sistema envolvido na aquisição de conhecimentos, à realidade e perspectivas dos alunos; além

de compreender quais são os elementos que motivam crianças e adolescentes a buscarem o prazer e o conhecimento por meio da leitura.

A maioria dos estudantes das séries finais do ensino fundamental apresenta dificuldades em relação à compreensão da importância do ato de ler, ao longo de sua formação estudantil e seus respectivos reflexos em sua vida pessoal. Tal situação se deve, principalmente, à não convivência com o mundo da leitura no meio familiar e social em que estão inseridos. Geralmente, os alunos não recebem no seio familiar a orientação adequada sobre o ganho que podem adquirir através da leitura e a consequente obtenção dos mais infinitos conhecimentos bem como a ressignificação da realidade na qual estão inseridos.

A literatura, inegavelmente, possui grande relevância na vida do ser humano. Se a literatura se torna apenas um conteúdo, em que a substância tem o fim para mostrar o código linguístico, sem fazer o devido apelo para o gosto e a fruição, logo, o texto literário deixa de ter seu próprio fim no ensino-aprendizagem, constituindo-se meio para o fim do ensino de língua portuguesa como estrutura em que a metonímia tende a apagar ou ocultar a metáfora.

A avaliação realizada a partir da leitura não deve ser ignorada; contudo, os meios para fazê-la alteram a experiência do leitor na escola. Quando a única motivação é a avaliação, a literatura não consegue ser apreendida, uma vez que o processo de aprendizagem é ignorado em nome do resultado. Essa prática comum na escola, segundo Marisa Lajolo (2006), de subverter os 10 interesses do texto literário, distancia o aluno da leitura literária porque fica subentendido que a leitura por si só não basta como motivo para realizá-la, dentre outros prejuízos ocasionados com essa prática não orientada.

Para além de manter os conhecimentos literários pertencentes a uma disciplina específica, as práticas docentes precisam estar em conformidade com os objetivos de ensino. A Literatura e o seu ensino, ao longo de sua permanência da escola, tiveram entraves em suas práticas, as quais permeavam o desinteresse dos alunos, o pouco discernimento por parte de alguns profissionais e até a compreensão deturpada da comunidade, que não via a literatura como algo com sentido prático. Essas questões apontadas por Lajolo (2006) são exemplos reais enfrentados pelos professores no seio escolar.

A ato de ler é composto por uma soma de ações que são organizadas e direcionadas por atividades cognitivas que foram, durante o decorrer da vida, memorizadas pelo indivíduo, e assim, aflorando durante a leitura, em todas as vezes que sua prática acontecer.

No decorrer dos séculos, a leitura tem fortalecido a necessidade de a escrita ser um aporte cultural fundamental no processo de reconhecimento, ampliação e compreensão do mundo. Tal ato não se realiza apenas em uma fase da vida humana e/ou escolar, mas, sim,

precisa ser iniciada, estimulada, fundamentada e desenvolvida a partir das vivências escolares, propagando-se por toda a vida.

Sabe-se que o estímulo à leitura e o uso de obras literárias na formação intelectual de crianças e adolescentes têm grande preponderância no desenvolvimento não apenas cognitivo, mas também emocional. No entanto, há algum tempo os debates sobre as práticas escolares de leituras literárias e a forma como elas são realizadas têm sido uma constante nas escolas, nos meios acadêmicos, entre docentes e pesquisadores e, também, nas secretarias de ensino, responsáveis pela implementação, orientação, acompanhamento e pela fiscalização do uso satisfatório das políticas públicas relacionadas à educação, com vias, sempre, ao melhoramento e aproximação dos projetos políticos pedagógicos à realidade dos alunos, distribuídos em suas respectivas faixas etárias e representados nas diversas classes sociais.

Ao contrário do que acontece com o ensino de língua que, de tempos em tempos, se atualiza, o ensino de literatura permanece praticamente estagnado, ficando em segundo plano, ainda não sendo prioridade nas aulas de Língua Portuguesa, em detrimento ao ensino de gramática. Além disso, o preconceito contra a leitura do texto literária como aporte fundamental para a compreensão da literatura, em sala de aula, não como suporte do ensino de língua, mas como porta de entrada para o maravilhoso mundo da arte, onde o lúdico é a chave de acesso à fonte do prazer e ao autoconhecimento, perdura sob o estado de desconfiança e descrença.

Quando se fala de letramento literário e o uso de obras literárias na formação do indivíduo, como aluno e cidadão, faz-se necessário refletir sobre algumas questões relevantes: que papel a literatura desempenha na formação educacional e, mais especificamente, na escola? Dentro desse contexto, que mudanças são necessárias? Há a possibilidade de potencializar o uso da literatura, na escola, na formação de crianças e adolescentes?

A leitura pode ser considerada literária a partir da ação do leitor, constituindo-a como prática cultural e artística, e firmando com o texto lido uma agradável interação. O prazer gerado pela leitura caminha lado a lado com seu desenvolvimento e evolução. O tratado estabelecido entre leitor e texto inclui, impreterivelmente, o aspecto imaginário, destacando-se a linguagem atenta aos detalhes, pois, através dela, novos mundos são criados e recriados, dando vida a seres diversos, com características, pensamentos, ações e emoções peculiares e particulares.

Muito além de um meio de comunicação, a linguagem literária se mostra como um objeto de admiração, como um universo repleto de possibilidades criativas. A leitura literária oportuniza ao indivíduo a capacidade de questionar o mundo ao seu redor, proporcionando novos direcionamentos de vida e de experiência cultural. O termo Literatura pode ser

empregado de várias maneiras, com diversos sentidos, no entanto, a arte literária tem seu espaço cativo em nossa sociedade.

A leitura de literatura precisa ser realizada em meio à liberdade, tendo como único limite o respeito pelo Outro e suas singularidades de leitura, pois as preferências de cada um precisam ser respeitadas para que, de fato, ocorra uma leitura literária efetiva e eficaz. Portanto, a escola precisa ter o cuidado para não impor parâmetros que objetivem apenas nivelar comportamentos e alcançar metas meramente burocráticas. De modo similar, a mediação do professor não pode se dar de maneira a reprimir, mas, sim, estimular a imaginação dos alunos quando se relacionam com o texto por meio da leitura *in progress*. Leitura nenhuma consegue sobreviver como prática cultural quando atingida pelo crivo da censura ou reprimida pelo Estado, família ou pela própria escola.

A partir da exposição apresentada, cumpre informar que procedemos à elaboração da pesquisa em curso por intermédio da qual propomos uma sequência básica de atividades, que serão trabalhadas com o intuito de proporcionar aos estudantes experiências literárias diferentes das que geralmente são ofertadas no cotidiano das aulas de Língua Portuguesa. Além disso, essa pesquisa visa, fundamentalmente, desenvolver não somente o hábito de leitura, mas, também, a ressignificação do ato de ler como elemento fundamental no processo de construção humana, com vias à elaboração de ideias e sentidos verdadeiramente significativos para os alunos, tendo como base o material lido, interpretado, analisado, compreendido, apreendido e incorporado à sua vivência pessoal e cotidiana.

Frequentemente, as aulas com propostas, que objetivam o desenvolvimento de atividades de leitura e escrita, são organizadas de modo repetitivo sem que haja a preocupação com a construção de sentido no decorrer do que será vivenciado. Nesse sentido, em se tratando de leitura de textos literários, as dificuldades são notórias, pois, geralmente, os alunos realizam atividades que devem, unicamente, identificar as informações estruturais, explícitas nos textos, não sendo levados, conseqüentemente, a refletirem sobre o enredo apresentado e o contexto envolvido.

Na verdade, muitos professores constataam, com certa inquietação, nas aulas de Língua Portuguesa das séries finais do ensino fundamental, por força do livro didático, atividades predominantemente ligadas à interpretação textual presentes nos materiais disponíveis a partir da leitura de recortes de textos. Além disso, nos exercícios extraclasse são solicitadas a elaboração de resumos e outras metodologias, cujo objetivo principal resume-se, apenas, recontar a estória que foi lida, não oportunizando ao aluno a possibilidade de expandir a sua criatividade.

Nesse contexto, a responsabilidade da escola pode ser maior ou menor, pois é a instituição educacional que se torna a principal referência na construção dos saberes linguísticos dos alunos. Conforme o nível de letramento, já adquirido pelo aluno, o grau de adaptação será percebido em sua vivência e em sua postura cidadã. Muito mais do que simples atividades a serem realizadas tradicionalmente nas aulas de Língua Portuguesa, as atividades de leitura e reflexão sobre o texto literário contribuem fortemente para a formação do indivíduo e o seu despertar para a percepção do mundo e da realidade em que vive.

A presente proposta pedagógica apresentará uma sugestão de sequenciamento de atividades, que terão como foco principal a formação humana integral de jovens estudantes do 6º ano da escola pública estadual rural, de ensino fundamental e médio, Edmundo Pinto de Almeida Neto. Tal proposta será desenvolvida através da leitura e reflexão da obra literária *O Pequeno Príncipe*, de autoria do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, visando proporcionar aos alunos experiências de leitura que sejam motivadoras e prazerosas como também transformadoras.

A comunidade escolar em questão está localizada na zona rural do município de Porto Acre, sendo constituída por moradores do Projeto de Assentamento Humaitá, que compreende as Vilas do Incra e do V (Vê), além de dezenas de ramais. A economia local é mantida basicamente pelas produções agropecuárias, pelo funcionalismo público e por atividades autônomas das mais diversas. A participação dessas famílias no cotidiano escolar é razoavelmente satisfatória, havendo sempre um bom público nas reuniões periódicas e em visitas à escola quando são convidadas. No entanto, percebe-se uma acentuada desestruturação familiar e econômica, fato que se reflete em sala de aula, sendo observada através da indisciplina dos alunos e dos baixos rendimentos escolares.

Nossa estória com a Escola Edmundo Pinto de Almeida Neto teve início em meados de 2007, quando realizamos o estágio supervisionado da graduação em Letras na referida instituição. Em 2009 retornamos à escola como professora do quadro provisório, e, em 2011, continuamos a nossa prática laboral nessa escola, já na condição de professora do quadro efetivo. No ano de 2012, recebemos um convite para fazer parte da equipe gestora, proposta que aceitamos, ainda com muitos receios. Permanecemos na coordenação pedagógica do ensino fundamental II até o término do primeiro semestre do ano letivo de 2016 quando solicitamos o retorno para o exercício da docência.

A proposta pedagógica delineada nesta dissertação tem como título *Da realeza velada ao autodescobrimento: uma proposta de leitura proficiente a partir da obra O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry* e visa elucidar questões relativas às estratégias de leitura

literária, que podem ser desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa, nos anos finais do ensino fundamental, objetivando o desenvolvimento de competências socioemocionais nos alunos por meio da vivência de habilidades inerentes ao letramento literário. A principal meta almejada é a reflexão sobre o modo de ler o texto literário no 6º ano do ensino fundamental, propondo atividades de leitura e escrita que contribuam para a formação do leitor literário, desenvolvendo as competências necessárias para a formação humana integral dos alunos.

Conhecer os hábitos de leitura dos alunos dessa etapa educacional tem como horizonte basilar a identificação de suas maiores dificuldades no desenvolvimento de habilidades leitoras, evidenciando a importância e os benefícios que a leitura literária tem para a formação social e leitora dos alunos quando trabalhada de maneira adequada através de atividades que almejam o letramento literário e que têm por meta a leitura, a compreensão e a elaboração de produções a partir da obra literária *O Pequeno Príncipe*.

A elaboração e o desenvolvimento desse projeto foi idealizado a partir de observações e análises relacionadas ao ensino de leitura literária nos anos finais do ensino fundamental, especialmente no 6º ano, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Edmundo Pinto de Almeida Neto, onde são constatadas diversas dificuldades encontradas por professores e alunos nas atividades inerentes ao trabalho de leitura de textos literários e, principalmente, no alcance dos objetivos da formação a partir do conceito de Letramento.

No cotidiano do ambiente escolar, a leitura de textos literários tem a função de auxiliar na construção das práticas de leitura não apenas por possibilitar a criação do hábito ou por ser prazerosa, mas, acima de tudo, por propiciar mecanismos fundamentais para conhecer e saber lidar, de forma proficiente, com o universo que nos cerca. A literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo. Estimular a leitura bem como planejar atividades, que possibilitem o desenvolvimento das competências socioemocionais, são objetivos a serem perseguidos durante a construção das atividades escolares inerentes à literatura.

Por meio da leitura e da escrita de textos literários, conscientizamo-nos em relação ao meio no qual vivemos e ao qual pertencemos. A literatura revela o que somos e incentiva a expressão do resultado dessa construção para o mundo. A arte escrita é mais do que um conhecimento a ser estudado e reelaborado; é a incorporação do Outro em mim sem ser necessário que o Eu negue sua própria identidade. A contribuição da literatura na construção social do indivíduo e da coletividade não é apenas essencial, mas afortunadamente inevitável.

Pretendendo colaborar com o processo de ensino e aprendizagem da leitura realizada em produções literárias, com foco no letramento, elaboramos a presente proposta pedagógica,

objetivando criar estratégias e práticas de leitura, que oportunizem aos estudantes a compreensão e a assimilação da temática apresentada, com base inicial a leitura da obra literária *O Pequeno Príncipe*, além de desenvolver habilidades socioemocionais necessárias para a formação do indivíduo e a construção de uma sociedade mais humana e igualitária.

Nos últimos anos, percebemos uma onda crescente dos movimentos que defendem e incentivam o trabalho com as competências socioemocionais nas escolas por meio da incorporação de aprendizagens sobre as emoções e habilidades sociais no cotidiano escolar. Muitos estudos internacionais apontam esse caminho, mostrando o quanto os exercícios que elevam a autoconfiança, a motivação para a vida e a construção de expectativas futuras levam a um melhor domínio das disciplinas que compõem o currículo. O anseio pelo aprendizado acrescido da aptidão por aprender não se reflete apenas na educação escolar, mas, também, em todos os âmbitos da vida.

Cada vez mais, a realeza humana tem sido encoberta por inúmeros fatores externos à nossa essência, como a depressão, a ansiedade e incontáveis síndromes e transtornos, que acometem pessoas de todas as idades, inseridas nos mais variados contextos sociais. As novas gerações têm recebido uma herança ainda mais cruel composta por exigências descabidas num mundo completamente naufragado num mar de perdas de valores, princípios, desamores, dissabores e, principalmente, da própria humanidade, que perfaz o solo interior de cada um.

O empenho para encontrar o sentido da vida é o que move, talvez, todos os seres humanos. No entanto, a complexidade desse anseio está na busca constante do endereço para realizar esta incursão. Nesse sentido, são normais e frequentes as seguintes indagações: que caminho seguir? Como andar nesse caminho, se este for o mais adequado? Onde chegaremos ao escolher esse ou aquele itinerário?

Geralmente, tendemos a acreditar, sempre, que o que há de mais importante está em algo exterior ao nosso ser. Passamos a vida desbravando novos mundos e esquecemos de desbravar nosso próprio mundo interior. É como se estivéssemos ciclicamente repetindo monocordicamente a expressão consagrada pelo adágio popular; “a grama do vizinho é sempre mais verde do que a nossa.”

O autoconhecimento nos dá a oportunidade de percebermos quem somos, onde estamos e porquê estamos, além da consciência sobre qual caminho queremos, desejamos e/ou devemos (per)seguir. Descobrir a si mesmo permite que se desvele também o mundo exterior que nos cerca para que tenhamos a possibilidade de compreendê-lo e transformá-lo a partir de nossa visão particular; de nossas experiências baseadas nas interações, que não estão em padrões pré-

estabelecidos, mas são misteriosamente indetermináveis como as próprias leis que regem o Acaso.

É necessário esclarecer que a escolha da obra *O Pequeno Príncipe* justifica-se pelo fato de ser uma obra considerada de leitura universal, que perpassa questões indicativas de faixa etária e etapas do ensino em seus diversos níveis de inteligência como há possibilidades de relações interdisciplinares e de estudos de visão mundo distintos, que são perfeitamente possíveis com base na leitura e na reflexão que, a nosso ver, devem ser conjugadas assim como a teoria e a prática são. Desse modo, no que tange ao texto poético de *O Pequeno Príncipe*, cumpre acrescentar, ainda, que o enredo que inicialmente pode parecer simples, finda por desdobrar-se em inúmeras questões relacionadas ao ser humano e à sua permanência no mundo, rodeado de conflitos; e as diversas perspectivas da existência perante tudo o que envolve sua formação socioemocional.

O trabalho ora proposto oportunizará aos alunos uma reflexão sobre questões existenciais fundamentais através de atividades de leitura e de produção textual baseadas na obra *O Pequeno Príncipe*, enfatizando a sua dimensão poética, filosófica e, portanto, hermenêutica. Dessa forma buscar-se-á compreender o texto além do que está explícito, mergulhando, por meio de uma leitura de caráter eminentemente reflexivo nas infinitas possibilidades de interpretações.

Numa abordagem de cunho psicanalítico, o aluno será levado a pensar sobre os conceitos, as concepções e as perspectivas individuais, através de métodos pedagógicos que levem ao conhecimento, por meio de estratégias de ensino próprias e específicas e que serão utilizadas no decorrer do processo e da interação pactuada entre professor e aluno, os principais atores do processo ensino e aprendizagem. O resultado proveniente de tal interação resulta em uma via de mão dupla, pois quem educa também aprende, e o texto literário, no caso em foco, *O Pequeno Príncipe*, constitui-se o elo escolhido para propiciar o autodesvelamento dos entes envolvidos na transmissão do saber, que é a literatura, na leitura do texto literário, proficiente para o aluno e instrumento de ensino o professor, e na construção do conhecimento que deve ter como base fundamental as humanidades, do aluno em formação e a do professor, em constante transformação.

2 DESVELANDO A TEORIA

Dentre as diversas transformações vivenciadas na educação nos últimos anos, a que se pode observar no público-alvo, o aluno, com certeza, foi o ente dessa corrente extensa que mais sofreu impactos e transformações, de forma intensa e revolucionária, sobretudo por ser o ponto sensível e fim do processo ensino e aprendizagem, quer seja nos domínios da escola, quer seja fora de seu ambiente na condição de cidadão em formação e de leitor no uso de sua proficiência em relação a si e ao mundo. Essa evolução tão repentina exigiu/exige das instituições de ensino uma profunda reestruturação e preparação das equipes escolares para recebê-los e atendê-los adequadamente, conforme as novas realidades impostas por inúmeros fatores como, principalmente, as (sempre) novas/inovadoras Tecnologias da Informação e Comunicação, as TICs, que trazem a perspectiva dos multiletramentos.

No decorrer da trajetória da escolarização, nunca houve cobranças e responsabilizações tão efetivas sobre a escola e os professores quanto a que vem ocorrendo nas últimas décadas. Tal pressão decorre, primeiramente, por causa do crescente desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, em conjunto com as rápidas alterações com relação no decurso do trabalho e da produção cultural. A educação e o trabalho docente tornaram-se, mais do que nunca, peças-chave na construção formativa do novo profissional do mundo globalizado e extremamente informatizado.

Tal construção precisa ser alicerçada em métodos cognitivos, que envolvam o autocontrole, as questões motivacionais, o exercício constante da reflexão e, por consequência, do senso crítico diante de uma quantidade de informações que estão sendo atualizadas a todo instante, em todos os lugares, pois, segundo Castells:

O que caracteriza a revolução tecnológica atual não é o caráter central do conhecimento e da informação, mas a aplicação deste conhecimento e informação a aparatos de geração de conhecimento e processamento da informação/comunicação, em um círculo de retroalimentação acumulativa entre a inovação e seus usos”. A difusão da tecnologia amplifica infinitamente seu poder ao se apropriar de seus usuários e redefini-los. As novas tecnologias da informação não são apenas ferramentas para se aplicar, mas processos para se desenvolver. (...) Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força produtiva direta, não apenas um elemento decisivo do sistema de produção (CASTELLS, 2003, p. 7).

Dessa forma, concordamos com o teórico supracitado quando ele afirma que estamos diante de uma revolução tecnológica, que tem transformado toda a maneira como as pessoas vivem e veem o mundo que as cerca. No entanto, o desafio é saber de que maneira toda essa gama de informações, que se propaga desenfreadamente a todo instante, poderá favorecer para

a disseminação democrática do conhecimento, tendo em vista as aprendizagens significativas em que as novas informações sejam absorvidas e façam sentido na vida das pessoas.

A escola, diante de tal realidade, precisou se reinventar em todas as suas bases estruturais, desde questões ligadas à administração e gestão, passando pela atuação docente, que necessita de atualização constante de sua prática, através de inúmeras formações, e tendo que atender as demandas crescentes dos alunos e da comunidade escolar na qual está inserida. Como afirma Luck (2009, p. 21), os alunos [...] “devem ser envolvidos em ambientes e experiências educacionais estimulantes, motivadoras e de elevada qualidade”, e, para isso, a escola precisa ter ações para a formação de cidadãos preparados para a realidade social da qual fazem parte.

Uma das principais estratégias para o desenvolvimento escolar do indivíduo é a leitura de textos literários, que sempre esteve vinculada à educação formativa do aluno; e sua importância vem sendo compreendida no ambiente escolar há muito tempo. Nesse sentido, vale ressaltar que inúmeras ações estão sendo desenvolvidas com o objetivo de inserir a leitura literária nos currículos escolares assim como o apoio que os governos vêm oferecendo através de programas de incentivo à leitura como a Lei 10.753, conhecida como a Lei do Livro, de 2003, e o Plano Nacional do Livro e da Leitura, o PNLL. Entretanto, ainda são encontradas algumas dificuldades e resistências por parte de pesquisadores, professores e gestores no que diz respeito à escolarização da literatura. Nessa diretriz, recorreremos à reflexão pautada por João Carlos de Souza Ribeiro, ao asseverar que:

Poder-se-ia afirmar, sem qualquer exagero, que o primeiro e grande desastre, que atingiu a Literatura, se deveu ao processo que erodiu seus princípios norteadores como disciplina autônoma, com arcabouço teórico próprio, dialógica com os estudos de língua portuguesa, em plano primário, e sua relação interdisciplinar com outros saberes relevantes no ensino escolar, em plano secundário. A saber: a escolarização de suas competências nos currículos escolares a partir do ciclo intermediário de ensino, atualmente denominado nível médio, e sua compactação de ordem estrutural, ao longo dos anos, o que causou a deformação paulatina de seus princípios, a deterioração de suas proposituras, o seu completo afastamento das bases fundamentais – o discurso artístico – e, em última instância, a impossibilidade de estabelecer uma comunicação salutar e coerente com seu público (RIBEIRO, 2019, p. 38).

De acordo com Vicent Jouve (2002), o processo de leitura é composto por cinco dimensões, podendo ser compreendida como um processo neurofisiológico, pois é “uma atividade de antecipação, de estruturação e interpretação” (p. 18); um processo cognitivo, levando em consideração que a leitura “solicita uma competência. O texto coloca em jogo um saber mínimo que o leitor deve possuir se quiser prosseguir a leitura” (p. 19); um processo afetivo, destacando a importância das emoções que “estão de fato na base do princípio de

identificação, motor essencial da leitura de ficção” (p. 19); um processo argumentativo, onde “qualquer que seja o tipo de texto, o leitor, de forma mais ou menos nítida, é sempre interpelado. Trata-se, para ele, de assumir ou não para si próprio a argumentação desenvolvida” (p. 22); e um processo simbólico, pois “o sentido que se tira da leitura (reagindo em face da estória, dos argumentos propostos, do jogo entre pontos de vista) vai se instalar imediatamente no contexto cultural onde cada leitor evolui. [...] A leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos imaginário coletivo, quer os recuse, quer os aceite” (p. 22).

Julgamos, ainda, ser oportuna, a inclusão, nesse sentido, do pensamento de Domicio Proença:

Divergências e convergência teóricas e novos paradigmas e modelizações à parte, é consenso, tradicionalmente, que, no texto de literatura, estrutura-se numa “realidade” que passa a “existir” como tal a partir dele. Nessa “realidade” se caracteriza, nos textos representativos, uma apreensão profunda do ser humano e do mundo, a partir de tensões de caráter individual ou coletivo. (FILHO, 2017, p. 125).

A Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental, homologada em dezembro de 2017, tem levantado diversas discussões no tocante à sua implementação; e, no contexto da área de linguagens, uma das grandes questões refere-se à leitura literária e como esse importante processo deve ser construído na sala de aula. A atenção volta-se para o processo de leitura e a mobilização de uma série de conhecimentos para interpretar e compreender o texto. Assim, mais importante do que trabalhar com muitos textos é dar atenção ao processo de desenvolvimento da leitura e a apropriação e construção de sentidos para cada um deles. Dessa maneira, colaborando com os objetivos almejados pelos estudiosos e defensores do letramento, que sempre buscaram conscientizar, argumentando convictamente que o aprendizado da leitura e da escrita devem estar inteiramente interligados às práticas sociais, não podendo, de forma alguma, estar preso somente às estruturas escolares.

Angela B. Kleiman mostra a seguinte realidade:

Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente percebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes (KLEIMAN, 1995, p. 20).

Desse modo, apesar de sabermos que o processo educacional e de formação humana se inicia na instituição familiar, a escola, com o passar do tempo, torna-se imprescindível na construção das humanidades no meio social, e tem o dever de oportunizar aos estudantes vivências que proporcionem os aprendizados relativos ao letramento. No entanto, perante o cenário apresentado por Kleiman, observa-se que a escola passa a não cumprir um dos de seus principais objetivos, que é o de pretender atingir a maior qualidade possível no que diz respeito às condições sociais para cada um de seus alunos.

2.1 O Letramento e as Competências Socioemocionais da Base Nacional Comum Curricular

No que concerne ao conceito de Letramento, Kleiman (1998, p. 181) afirma que “é um conjunto de práticas relacionadas ao uso, à função e ao impacto da escrita, utilizando a escrita como um sistema simbólico em contextos específicos e para determinadas finalidades e objetivos”.

No entanto, a busca por um conceito exato do termo letramento pode parecer algo difícil de ser definido, pois se refere a uma ideia ampla e complexa. Tendo consciência dessa dificuldade, Soares (2005, p. 65) argumenta que as “[...] dificuldades e impossibilidades devem-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição”.

O letramento, segundo a autora, vem da necessidade de dar nome às práticas sociais inerentes à leitura e à escrita, que vão além da simples decodificação de palavras. De acordo com a teórica, existem duas dimensões das quais podemos compreender o termo letramento: a individual e a social.

Na primeira dimensão, o letramento é compreendido como o uso individual de tecnologias complementares às práticas de leitura e escritura. Afirmar que um indivíduo é letrado na atualidade significa aceitá-lo como um ser capaz de viver no mundo da escrita, além de dominar os discursos que dela emanar. Ou seja, é a pessoa preparada para utilizar, de maneira efetiva e competente, as tecnologias da/na escrita.

Na segunda dimensão, o letramento é visto como um fenômeno cultural; um conjunto de realizações sociais, que envolvem a língua escrita e suas exigências sociais de uso. Conforme a compreensão da autora, o letramento, no âmbito social, pode ser definido como “o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu

contexto social” (SOARES, 2005, p. 72). A referida teórica e pesquisadora apresenta a ideia de que o letramento, na dimensão social, seria:

O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania (SOARES, 2005, p. 74).

Nessa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC –, documento que define qual a concepção de Educação e suas devidas orientações destinadas às escolas, explicita em seu texto introdutório as características básicas do indivíduo que pretendemos formar a partir de suas dez competências gerais, que são:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2018, p. 9).

A BNCC mostra que a educação básica no Brasil precisa oportunizar a formação e o desenvolvimento humano global dos alunos, ou seja, desenvolver estratégias educacionais, visando a construção de uma sociedade baseada em conceitos de justiça, ética, democracia, responsabilidade, inclusão, sustentabilidade e solidariedade. Dessa forma, o sistema educacional brasileiro precisa ser balizado por uma concepção de educação integral, que não faz referência ao espaço de tempo que o estudante permanece no ambiente escolar e tampouco é sinônimo de uma determinada modalidade de ensino.

Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades (BRASIL, 2018, p. 14).

Atualmente, o principal objetivo a ser alcançado pelas escolas é a modificação dos conceitos pré-estabelecidos de que a escola serve apenas para repassar conteúdos e não tem o papel para desenvolver as competências necessárias para a formação humana integral, a qual podemos compreender como o conjunto que engloba os saberes e as capacidades utilizadas na vida cotidiana como também as atitudes e os valores, que podem ser traduzidos como as potencialidades que os indivíduos têm para utilizar os conhecimentos e as habilidades, tendo como base valores universais. A respeito disso, portanto, a Base Nacional Comum Curricular pontua:

Assim, a BNCC propõe a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida (BRASIL, 2018, p. 15).

Nesse sentido, quando se faz referência à promoção da educação integral, menciona-se o modo como será realizado o desenvolvimento dos alunos em todas as dimensões nas quais somos constituídos: intelectual, física, emocional, social e cultural, respectivamente. Tais

encaminhamentos implicam que, além das capacidades acadêmicas, é necessário que haja o desenvolvimento e a expansão dos aspectos inerentes à capacidade dos alunos para compreenderem e para lidarem com sua constituição física; o seu bem-estar, suas emoções e as relações que estabelecem com o meio e consigo próprios; a maneira como se portam profissionalmente, e na condição de cidadãos, além de sua identidade e de seus conhecimentos culturais, com relevância para as Artes nas quais está inserida a Literatura.

As competências socioemocionais estão inteiramente relacionadas ao estudo das emoções e das relações interpessoais. Apesar de as questões relacionadas à formação emocional de crianças e adolescentes há muito tempo serem objetos de estudo através de ciências como a Neuropsicologia e a Psicopedagogia, dentre outras, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi elaborada, privilegiando o trabalho com as competências socioemocionais no contexto escolar como um de seus principais pilares. O referido documento, que é norteador de todas as ações relacionadas à prática educacional, em nosso país, tem como principal objetivo a formação humana integral, sendo estruturado a partir de dez competências gerais, já abordadas anteriormente e que orientam os caminhos para alcançar os resultados previstos. Como podemos observar:

Ao adotar esse enfoque, a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (BRASIL, 2018, p. 13).

Com as competências gerais da BNCC, nos são apresentadas aquelas que indicarão o caminho para a educação socioemocional, que norteiam o processo de aprendizado pelo qual os alunos têm a oportunidade de, por via do currículo escolar, refletir sobre suas próprias emoções, objetivando uma formação humana de forma integral. Dessa forma, capacitando-os para aplicar os conhecimentos adquiridos na escola, de maneira responsável, criativa e com atitudes baseadas na empatia e na solidariedade, em seu convívio social. Portanto, cumpre ressaltar que a educação socioemocional pretende construir um mundo em que as pessoas sejam mais saudáveis nos aspectos físico, mental e emocional, respectivamente, diante da materialização de projetos, que contribuam, significativamente, para a transformação das novas gerações por meio da Educação.

No sítio da BNCC encontramos orientações que norteiam as instituições de ensino para a real vivência das competências socioemocionais no ambiente escolar. Tais instruções reforçam a fundamental importância da promoção da educação socioemocional por intermédio das mais diferentes situações de aprendizagem, dentro e fora do espaço escolar, e através do desenvolvimento das cinco principais competências que formam esse processo.

Portanto, autoconsciência é a competência que aborda a importância do autoconhecimento, buscando compreender as forças e limitações individuais e mantendo sempre uma atitude positiva perante a vida. Com a autogestão, o objetivo é gerir eficientemente questões relacionadas ao controle de impulsos e do estresse além da definição de metas. Assim, por meio da consciência social, almeja-se o exercício da empatia, da capacidade de colocar-se no lugar do Outro, respeitando sempre as diversidades. Através das habilidades de relacionamentos, pretende-se desenvolver as habilidades para ouvir com empatia, falar de maneira clara e objetiva; mútua cooperação, resistência às pressões sociais, solução de conflitos, de forma respeitosa e construtiva, dentre outras. E, ao desenvolver a habilidade de tomada de decisão responsável, intenta-se formar cidadãos, que saibam fazer suas escolhas pessoais de maneira a respeitar as interações sociais e os padrões éticos vigentes na sociedade.

2.1.1 Reflexões a partir da abordagem dada ao ensino de literatura na BNCC

A partir do estudo e da vivência, à luz do que é apresentado na Base Nacional Comum Curricular, pode-se observar algumas questões relevantes a serem analisadas com relação ao que é proposto para o ensino de literatura. Independentemente de opiniões e posicionamentos político-partidários, o que se observa claramente são direcionamentos que escapam das reais pretensões que os profissionais do ensino de língua e literatura esperam de um documento norteador.

No capítulo cinco da obra *A BNCC e o ensino de línguas e literaturas*, os autores traçam um panorama da construção das orientações, que se fazem presentes no texto da BNCC e as implicações geradas pelos emaranhados direcionamentos políticos recentes:

Ainda sob os efeitos do golpe parlamentar de 2016 e de suas consequências, como a eleição de um governo de extrema-direita, a educação pública no Brasil é alvo de um desmonte finamente arquitetado, na tentativa de se proibir o livre pensar, a pluralidade de ideias, o acesso democrático de todas e todos a uma escola e a uma universidade que têm de ser públicas, laicas e críticas. Na arquitetura desse projeto, estão três ações principais: a Reforma do Ensino Médio, o Projeto de Lei Escola Sem Partido e a Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC). (GERHARDT; AMORIM, 2019, p. 153).

Nesse ponto analítico da nossa pesquisa deter-nos-emos a uma breve reflexão pautada pelo que a BNCC acrescenta ao ensino de literatura. Como os próprios autores afirmam, se compararmos o atual documento com os anteriores a este:

Verificam-se, contudo, alguns – tímidos – avanços no que se refere, especificamente, ao ensino de literatura, defendendo-se a necessidade de a escola trabalhar com as ditas literaturas ‘marginalizadas e de periferia’, de autoria africana, afro-brasileira, indígena e latina (GERHARDT, 2019, p. 155).

No entanto, apesar de constatar uma significativa evolução, precisamos ser cautelosos em relação à BNCC e como o seu texto minimiza a importância do ensino de literatura nas escolas, pois a disciplina homônima não pode ser vista tão somente como algo a ser contemplado, como algo a ser apreciado apenas por seu valor estético; ao contrário, a literatura é também uma das formas mais relevantes para conhecer a história das sociedades e dos seres humanos que as constituíram. O texto literário não deve ser admitido meramente como um instrumento de fruição e deleite de seus leitores, mas, sim, como um modo de ler o mundo na acepção mais ampla possível.

Acima de tudo, faz-se necessário que não deixemos que o ensino de literatura seja apenas uma parte secundária das aulas de língua portuguesa e nem uma peça que não se encaixa com as demais disciplinas que formam o quebra-cabeça do percurso formativo no qual os discentes brasileiros trilham e vivenciam.

Sem sombra de dúvidas, a literatura, possui grande importância para o desenvolvimento da formação da vida humana. Tornar a literatura apenas um conteúdo do ensino de línguas diminui sua imensa relevância e abrangência formativa, deixando de ter seu peso natural nos processos de ensino e aprendizagem, tornando-se nada mais que um meio para o fim apresentado como sendo o óbvio, que é o ensino de língua portuguesa.

O documento da Base Nacional Comum Curricular está estruturado em três etapas: Educação infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A etapa do Ensino Fundamental, a qual é o nosso objeto de interesse neste texto, é composta por cinco áreas, sendo elas: Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa, apenas nas séries finais), Matemática (Matemática), Ciências da Natureza (Ciências), Ciências Humanas (Geografia e História) e Ensino religioso (ensino religioso).

Ao iniciar a parte introdutória, correspondente ao ensino de língua portuguesa, referente aos anos finais do ensino fundamental, lê-se:

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, o adolescente/jovem participa com maior criticidade de situações comunicativas diversificadas, interagindo com um número de interlocutores cada vez mais amplo, inclusive no contexto escolar, no qual se amplia o número de professores responsáveis por cada um dos componentes curriculares. Essa mudança em relação aos anos iniciais favorece não só o aprofundamento de conhecimentos relativos às áreas, como também o surgimento do desafio de aproximar esses múltiplos conhecimentos. A continuidade da formação para a autonomia se fortalece nessa etapa, na qual os jovens assumem maior protagonismo em práticas de linguagem realizadas dentro e fora da escola (BNCC, p. 136).

A partir dessa introdução podemos perceber que o objetivo inicial e principal proposto é, com efeito, a preparação do jovem para a vivência dos desafios que lhe serão impostos perante a sociedade para que ele possa se posicionar de maneira crítica e resiliente. No entanto, apesar de existirem vários direcionamentos em prol de tal objetivo, não há efetivamente uma construção que estabeleça o uso da literatura como instrumento fundamental para que os estudantes possam compreender as raízes de sua história, o percurso social que o trouxe até o momento presente e as implicações de seu posicionamento e suas responsabilidades no que diz respeito à formação da sociedade da qual faz parte e do mundo que habita.

O ensino de literatura está contemplado em um dos quatro campos nos quais estão divididas as orientações relativas à disciplina de Língua Portuguesa, nos anos finais do ensino fundamental, o campo artístico-literário, que está, assim, brevemente apresentado no texto introdutório da disciplina na qual está inserido:

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. Para tanto, as habilidades, no que tange à formação literária, envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da narrativa literária, a seus elementos (espaço, tempo, personagens); às escolhas que constituem o estilo nos textos, na configuração do tempo e do espaço e na construção dos personagens; aos diferentes modos de se contar uma história (em primeira ou terceira pessoa, por meio de um narrador personagem, com pleno ou parcial domínio dos acontecimentos); à polifonia própria das narrativas, que oferecem níveis de complexidade a serem explorados em cada ano da escolaridade; ao fôlego dos textos. No caso da poesia, destacam-se, inicialmente, os efeitos de sentido produzidos por recursos de diferentes naturezas, para depois se alcançar a dimensão imagética, constituída de processos metafóricos e metonímicos muito presentes na linguagem poética (BNCC, p. 138).

Constata-se, claramente, que o foco de tal campo está voltado para os desdobramentos relativos à fruição dos gêneros literários e suas características estruturais. Não há uma perspectiva para o aprofundamento nas questões implícitas do texto literário, nos vários componentes que o constituem e que trazem à tona o contexto de elaboração de cada produção literária.

Ao abordar a questão da principal preocupação do ensino literário, nos anos finais do ensino fundamental, que é dar continuidade à formação do leitor para preparar os alunos a fim de que apenas nas etapas posteriores esses tenham a possibilidade de serem contemplados pelas condições favoráveis que o texto da BNCC pode oferecer-lhes de transformador, percebe-se que há uma noção redutora da capacidade de compreensão dos jovens adolescentes como se esses não tivessem condições de analisar, de absorver e de autotransformar-se a partir de textos literários.

A literatura precisa ser para o jovem leitor muito mais do que um simples deleite; tem de ir além das histórias de outros tempos, outras épocas e outros lugares, e deixar o mundo da fantasia para fazer sentido real em suas vidas. Os textos literários não podem permanecer e/ou servir apenas como instrumentos de alta complexidade cujas características atendam aos clamores para o entendimento aprimorado da língua por meio de suas características no que diz respeito à construção textual (sintaxe, morfologia, fonologia, semântica etc), como acontece no ensino fundamental, e nem devem ser utilizados como meros componentes historiográficos, como ocorre no ensino médio.

O ensino de literatura necessita ser, desde o início da formação acadêmica do indivíduo, um instrumento para a formação humanizadora. Muito mais do que saber encontrar quais as características materiais dos quais são compostos e o momento no qual foram escritos, é necessário que o texto literário dialogue constantemente com o leitor para que efetivamente haja trocas substanciais para a promoção de um aprendizado real.

2.2 As práticas de letramento literário

As práticas de letramento são concepções utilizadas para criar significado nas atividades de leitura e escrita. Essa ideia refere-se à maneira como são formados os significados de letramento no âmbito social e cultural em que leitura e escrita exercem uma função. O termo apresentado por Brian V. Street define que letramento corresponde à experiência de leitura e escrita que os indivíduos alcançam nas práticas sociais. Assim:

O conceito de “práticas de letramento” se coloca num nível mais alto de abstração e se refere igualmente ao comportamento e às conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e/ou da escrita. As práticas de letramento incorporam não só “eventos de letramento”, como ocasiões empíricas às quais o letramento é essencial, mas também modelos populares desses novos eventos e as preconcepções ideológicas que os sustentam (STREET, 2014, p. 18).

O ambiente escolar é um dos espaços mais propícios para a realização de atividades de leitura e, por consequência, de formação de leitores. Nesse ambiente são dadas as condições ao sujeito para que as vivências necessárias aconteçam de fato e de direito, objetivando o aprendizado do código escrito. A escola oportuniza ao aluno não apenas a possibilidade para transformá-lo em um leitor, mas, também, fazer dele um indivíduo letrado. Desenvolver um trabalho com a leitura como prática de letramento permite ao aluno o reconhecimento do texto de maneira crítica, prazerosa e reflexiva.

Abordar as questões relativas ao letramento literário sobre o letramento literário nos faz pensar, inicialmente, no conceito que se tem de literatura e o seu papel fundamental em sala de aula. Antônio Cândido define Literatura como “Todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (CÂNDIDO, 1988, p. 174).

Nesse contexto, significa compreendê-la como uma manifestação humana, universal, realizada em todos os tempos. Dessa forma, não há nenhum indivíduo ou povo que viva sem a literatura.

Como afirma Teresa Colomer, “Durante séculos a literatura exerceu um papel preponderante como eixo vertebral do ensino linguístico, a formação moral, a consciência de uma cultura com raízes clássicas greco-latinas e, desde o século XIX, de aglutinadora de cada nacionalidade”. (COLOMER, 2007, p. 15).

Apesar de o ensino de literatura ser de fundamental importância para a história da humanidade, levando-se em consideração seu papel central na edificação e disseminação de conhecimentos humanos, historicamente construídos, e sendo fator essencial para a construção social de cada indivíduo e do coletivo, ainda assim, percebemos que, a partir da primeira metade do século XX, já houve uma crescente redução do espaço e uma desvalorização dos estudos dedicados à literatura nas instituições de ensino. Colomer apresenta alguns fatores que foram cruciais para este declínio:

Na segunda metade do século XX, as sociedades ocidentais sofreram importantes transformações que deram lugar às sociedades pós-industriais que hoje conhecemos.

Logicamente, estas novas sociedades começaram a redefinir globalmente a formação que esperavam que a escola oferecesse a seus cidadãos nesse contexto. [...] Efetivamente, no final da década de 1960 constatou-se o fracasso leitor das primeiras gerações de adolescentes, que haviam seguido já o largo processo de escolaridade ampliado até a etapa secundária. [...] Isso afetou em cheio o ensino da literatura, que havia sido até então um dos pilares da formação escolar, de modo que a gestação de um novo modelo educativo deixou seus objetivos de ensino desaparecidos na confusão (COLOMER, 2007, p. 20-21).

Para refletir e compreender qual é o lugar da literatura na sala de aula, é necessário compreender primeiramente a importância do texto literário nesse ambiente, pois a literatura, por mais óbvio que seja, está justamente onde está o texto literário, onde há a possibilidade de ter acesso às produções literárias. A literatura, de um lado, está além do texto literário na sala de aula; e do outro lado, o texto literário ultrapassa o sentido didático do que significa a palavra literatura. E por ser uma das manifestações da Arte, as aulas de literatura são marcadas pelo ludismo e pela abstração, que produzem uma esfera mágica de saber, conhecimento, autodescobrimento e, sobretudo, de prazer.

O primeiro contato da criança com a literatura, geralmente, é em sala de aula, e isso se dá através do texto literário. Rildo Cosson complementa o nosso pensamento, afirmando que “o professor é o mediador desse processo e, portanto, é de sua responsabilidade possibilitar o diálogo entre o texto e seu leitor”. (COSSON, 2019, p. 103)

Os textos literários, quando utilizados de maneira a desenvolver o letramento literário, alcançam o objetivo da educação literária e contribuem para formar leitores competentes, capazes de exercer o seu papel na sociedade.

Para Colomer:

O objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a *formação da pessoa*, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana. Em segundo lugar o confronto com entre textos literários distintos oferece ao aluno a ocasião de enfrentar a diversidade *social e cultural*, no momento em que têm início as grandes questões filosóficas propostas ao longo do tempo (COLOMER, 2007, p. 31, grifos da autora).

As práticas de leitura de textos literários colaboram para formação da cidadania, pois têm a possibilidade de desenvolver experiências questionadoras, baseando-se nas percepções daqueles. A leitura de mundo, tendo como origem o desenvolvimento das vivências leitoras, auxilia na compressão da realidade e na construção de opiniões de senso crítico. Isso nos remete ao fato de que o letramento propicia ao indivíduo uma possibilidade de inserção no mundo letrado, que perpassa as triviais práticas de leitura e escrita.

Segundo Magda Soares:

Indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm habilidades e atitudes necessárias para uma participação viva e competente em situações em que práticas de leitura e/ou escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição em uma sociedade letrada (SOARES, 2002, p. 146).

A autora supracitada afirma que o conceito do efetivo letramento está interligado diretamente ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita; daqueles que vivenciam o letramento. Em decorrência de ser um termo que passou a ser utilizado recentemente, o significado de letramento, muitas vezes, pode variar. No decorrer desse texto, ao utilizarmos a palavra letramento, faremos referência ao que tem sido defendido por Rildo Cosson e pela teórica em questão.

2.3 A leitura de textos literários na escola

A leitura de textos literários tem a capacidade de desenvolver no indivíduo a imaginação, o senso crítico, o melhor domínio da língua em suas camadas metonímicas e metafóricas, respectivamente, o uso da linguagem; além de auxiliar o leitor no exercício da reflexão sobre si mesmo em relação à Alteridade, ao mundo, e sua posição face aos mais diversos eventos que ocorrerão ao longo de sua trajetória existencial marcada por experiências incontáveis.

Entretanto, ainda que tenha sua importância reconhecida, o ensino de literatura, que objetiva o letramento literário, parece ainda caminhar a passos lentos. É sabido que muitas escolas já realizam esforços efetivos para trabalhar com o letramento literário, no entanto, também é notório que muitas escolas padecem com alguns percalços significativos, como professores que não são leitores, bibliotecas mal equipadas e estratégias de leitura, que não contemplam a realidade e as necessidades dos alunos.

A ato de ler é composto por uma soma de ações que são organizadas e direcionadas por atividades cognitivas que foram, durante o decorrer da vida, memorizadas pelo indivíduo, e, assim, aflorando durante a leitura. No decorrer dos séculos, a leitura tem fortalecido a necessidade de a escrita ser um aporte cultural fundamental no processo de reconhecimento, ampliação e compreensão do mundo. Tal ato não se realiza apenas em uma fase da vida humana

e/ou escolar, mas, sim, deve ser iniciada, estimulada, fundamentada e desenvolvida a partir das vivências escolares, e propagar-se por toda a vida.

De acordo com o Dicionário Aurélio (2008, p. 266), “Leitura é a ação ou efeito de ler. Ato de apreender o conteúdo de um texto escrito. Hábito de ler. O que se lê.”. O ato de ler, para Brandão e Micheletti:

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva (BRANDÃO; MICHELETTI, 2002, p. 9).

Por meio da leitura, o ser humano tem a possibilidade de interagir com seus semelhantes através da palavra escrita que, a partir da ação do leitor, que é o sujeito que dialoga com o texto, conferindo-lhe o sentido ao texto, atribui àquela, significados próprios, abrangentes e particulares e que estarão em constante transformação. Dessa forma, um texto só desfruta de sua completude com o ato da leitura na medida em que há a interação com o leitor.

Tendo como base nossas próprias experiências, características pessoais e o meio social no qual estamos inseridos, através do exercício profícuo da leitura nos é possibilitada a oportunidade de vivenciarmos o processo de compreensão e transformação do mundo. Annie Rouxel afirma que “pela leitura sensível da literatura, o sujeito leitor se constrói e constrói sua humanidade.”

A leitura pode ser considerada literária a partir da ação efetiva do leitor, constituindo-a como prática cultural e artística, e firmando com o texto lido uma agradável interação. O prazer gerado pela leitura caminha lado a lado com seu desenvolvimento e evolução. O tratado estabelecido entre leitor e texto inclui, impreterivelmente, o aspecto imaginário, destacando a linguagem, pois através dela novos mundos são criados e recriados, dando vida a seres diversos, com características, pensamentos, ações e emoções, peculiares e particulares.

Muito além de um meio de comunicação, a linguagem literária se mostra como um objeto de admiração, como um universo repleto de possibilidades criativas. A leitura literária oportuniza ao indivíduo a capacidade de questionar o mundo ao seu redor, proporcionando novos direcionamentos de vida e de experiência cultural. O termo Literatura pode ser empregado de várias maneiras, com diversos sentidos, no entanto, a arte literária tem seu espaço próprio em nossa sociedade.

A leitura de literatura precisa ser realizada em meio à liberdade, tendo como único limite o respeito pelo Outro e suas singularidades de leitura, pois as preferências de cada um precisam

ser respeitadas para que, de fato, ocorra uma leitura literária. Portanto, a escola precisa ter o cuidado para que não haja imposição de parâmetros, que busquem apenas nivelar comportamentos e alcançar metas meramente figurativas e vazias de sentido.

No que diz respeito à mediação do professor, cumpre ressaltar que essa prática não pode se dar de maneira a reprimir, mas, antes e sempre, deve estimular a imaginação dos alunos quando estiverem no cumprimento da tarefa de leitura do texto que, neste caso, é o literário. Leitura alguma consegue sobreviver como prática cultural quando atingida pelo crivo da censura, seja de que instância for, seja de onde vier.

Para que a escola contribua efetivamente para a formação de leitores literários, é necessário que se criem estratégias metodológicas que, verdadeiramente, se adéquem à realidade sociocultural dos leitores; além disso, os textos selecionados precisam ser motivadores, e o professor, juntamente com a escola, serão os responsáveis pela seleção dessas leituras, que porventura se adaptem mais aos alunos em questão. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP), lançados no final da década dos anos de 1990, no século passado, informam que a atividade com o texto literário deve ser frequente e, nesse sentido, pontua:

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral do texto literário (BRASIL, 1997, p. 29).

A escolarização da literatura, realizada de maneira adequada, conduz o aluno, na condição de leitor em proficiência, ao letramento literário e pode levar a uma prática de leitura literária produtiva, buscando ultrapassar os muros da escola. Nesse sentido, o leitor seria capaz de ler nas entrelinhas, relacionar o dito com o não dito e ir para além das linhas, percebendo as mensagens implícitas nas camadas profundas do tecido dito literário bem como estaria apto o suficiente para construir conexões entre o texto e o contexto. No entanto, o que se percebe, com maior frequência, é a escolarização inadequada da literatura, que já se constitui uma realidade comum em muitas escolas. Essa escolarização inadequada da literatura é marcada por propostas, que buscam identificar e trabalhar unicamente as informações contidas no texto, construindo um leitor meramente reproduzidor de informações e incapaz de dialogar com o texto, sem condições de desconstruir ou reconstruir significados pré-estabelecidos.

Cosson defende que:

[...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade (COSSON, 2019, p. 12).

O fracasso do referido processo se dá, dentre outros motivos, pelo pouco tempo dedicado à leitura literária e à constituição do sujeito como leitor, além da fragmentação da disciplina de Língua Portuguesa em gramática, literatura, e produção de texto; ao espaço destinado às aulas de literatura, à pressão dos exames e processos seletivos e à adoção de resumos das obras que deveriam ser lidas. Maria Amélia Dalvi (2013, p. 75) ressalta que “os textos literários são apresentados em desarticulação com o mundo da vida, com a história e o contexto social-econômico-cultural”. Ou seja, ainda que sejam desenvolvidas atividades com textos literários, essas não são trabalhadas de maneira a construir sentidos diversos para a vida do aluno, tornando um mero acessório nas aulas de literatura e não sendo mola propulsora para o seu aprendizado.

Nessa diretriz, Ribeiro leva-nos a refletir sobre a construção que envolve o ato de aprender e suas implicações:

Aprender é um ato singular de libertação, e esta máxima está encerrada no próprio vocábulo. A saber, portanto: *a*, prefixo de negação, não; a – prender, não prender. Logo, aprender é conceder a liberdade. Neste sentido, o processo de ensino e aprendizagem é um instrumento de libertação do aluno através dos vários saberes conjugados e da leitura, cuja prática, na escola, que tem elevado seus muros, deflagra a contradição e o desvio de sua função primordial, que é o da formação de sujeitos críticos, pensantes, capazes de transformar a realidade e derrubar todas as paredes possíveis e inimagináveis que a realidade impõe, ao longo da vida, e que possam impedir, sobremaneira, a construção identitária e o consequente crescimento de cada indivíduo na sociedade. Eis, portanto, o papel singular da literatura e do ensino que lhe compete na formação do leitor, no circuito do ensino e aprendizagem (RIBEIRO, 2019, p. 44).

Portanto, enquanto responsáveis pela mediação do processo de ensino e aprendizagem, precisamos compreender que o papel da escola não é e não pode ser o de, simplesmente, repasse de conhecimentos historicamente construídos, engessando as mentes em formação e perpetuando o cenário árido e assustador com o qual, infelizmente, temos nos deparado, quando falamos de educação no Brasil. O docente precisa construir rotas de navegação, que permitam o efetivo direcionamento do aluno para um porto seguro; além de garantir-lhe uma formação educacional com bases socioemocionais, que verdadeiramente possibilitem a construção de um

indivíduo plenamente capaz de solucionar suas problemáticas, de maneira reflexiva, consciente e edificadora da sociedade na qual está inserido.

2.4 Literatura para jovens no Brasil

Inicialmente, para compreender a história da literatura para jovens no Brasil, é necessário traçar um percurso histórico, que abrange o seu início e se estende até os tempos atuais, fazendo uma análise a partir das influências geradas desde os tempos de domínio impostos pela Coroa Portuguesa e alcançando a atual interdependência global, que tornou a cultura estadunidense em uma espécie de padrão no mundo ocidental para as novas gerações.

Com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, o sistema de ensino brasileiro fora transplantado pelos colonizadores, pois não havia base educacional no país que, na verdade, não passava de colônia. Com a vinda dos jesuítas, através da Companhia de Jesus, suas atividades tinham como objetivo principal a evangelização dos nativos que na colônia nascente foram encontrados. Estava claro, portanto, que, com o passar dos séculos, e com as gerações de brasileiros, descendentes diretos dos colonizadores, o processo educacional era uma extensão da realidade europeia; e todas as publicações educacionais e práticas pedagógicas utilizadas no Brasil tinham o seu embasamento nos padrões intelectuais e estéticos europeus. No entanto, tais modelos eram convenientes para a sociedade europeia, mas não para uma nação que emergia no horizonte paulatinamente.

Estudar a história da literatura para jovens em Portugal nos faz compreender mais a respeito da herança linguística que marcou a tradição luso-brasileira, com o passar do tempo, para que possamos entender como se deram os processos distintos e se havia um olhar diferente em relação às contribuições culturais de nossos irmãos portugueses sobre a construção dos letramentos de nossa juventude e que, atualmente, têm como objetivo o respeito às diferenças e aos multiletramentos.

Assim como nas demais produções literárias elaboradas na sociedade e para a sociedade, a que se destina ao público juvenil traz consigo um discurso que se conecta com outras manifestações textuais. A literatura juvenil não é apenas um meio de propagação de ideias alienado das realidades sociais. Esse tipo *sui generis* de literatura vem repleto de valores, ideologias e de embates sociais. Edward Lopes explica tal reflexão ao citar Medviédev:

A estrutura literária, como qualquer outra estrutura ideológica, refrata a sociedade socioeconômica que a gera, mas o faz ao seu modo. Ao mesmo tempo, porém, em seu “conteúdo”, a literatura reflete e refrata as reflexões e refrações de outras esferas

ideológicas (ética, epistemologia, doutrinas políticas, religião, etc.), o que quer dizer que, em seu “conteúdo”, a literatura reflete a totalidade do horizonte ideológico de que ela própria é uma parte constituinte. O conteúdo da literatura reflete [...] outras formações ideológicas não artísticas (éticas, epistemológicas etc.). Mas, ao refleti-las, a literatura engendra novas formas, novos signos do intercurso ideológico. E tais signos são obras de arte, que se tornam parte real da existência social que rodeia o homem. Refletindo algo externo a elas, as obras literárias constituem ao mesmo tempo fenômenos singulares [...]. Seu papel não pode ser reduzido ao [...] de auxiliar, de refletir outras ideologias. As obras literárias possuem um papel ideológico independente bem como seu modo particular de efetuar a refração da resistência socioeconômica (LOPES, 1993, p. 88).

Portanto, ao estudarmos literatura infanto-juvenil, estamos consolidando um vínculo entre um determinado tipo de texto e as práticas sociais que se realizaram na construção social, tendo os jovens como sujeitos em ação. Essa realidade, é importante esclarecer, se concretiza principalmente após meados do século XIX, período no qual a instituição escolar teve o seu papel definido como responsável decisiva pela formação dos cidadãos promissores e das gerações leitoras.

Tais transformações trouxeram para os jovens uma diversidade de valores da sociedade contemporânea, ocasionando o questionamento do posicionamento do ser humano perante a sociedade que se modifica e evolui a cada instante. A partir de processos cíclicos, inerentes aos grupos sociais, também em formação e modificação constantes, diversos meios culturais e sociais brasileiros passaram a ter voz e oportunidade de divulgar seus desejos e expressarem suas demandas. Entretanto, a evolução significativa, com certeza, foi a consciência que o jovem passou a ter de si mesmo, através de diversas produções artísticas, nas páginas dos livros, vendo cada vez mais os relatos de sentimentos e posturas próprias das etapas da vida pela qual estão passando.

No entanto, a representação do mundo nas obras de literatura para a juventude tornou-se, de acordo com os paradigmas educacionais, um instrumento que busca manter-se conforme a ideologia defendida pelo regime político vigente em cada época.

Tendo como pano de fundo os confrontos em prol dos direitos à liberdade de expressão, foi durante as décadas dos idos dos anos 70 e 80, respectivamente, do século passado, é que se constatou um significativo crescimento da literatura infantil e juvenil no Brasil, e a terminologia literatura infanto-juvenil pacificou a questão, segundo a Crítica, em torno da produção de textos literários direcionados para a criança, nos primeiros anos escolares, e para o adolescente, cuja faixa etária atravessa parcialmente o ensino fundamental e o ensino médio.

Vale ressaltar que, nesse período, as salas de aula começaram a receber inúmeras obras literárias, cujo intento era trazer à tona não somente um retrato da problemática enfrentada pela nação em diversas áreas, mas, também, de modo bem mais incisivo, as lutas e os

questionamentos vivenciados pela juventude e o seu papel na sociedade, de modo mais participativo; interativo.

A década dos anos de 1990, no século passado, trouxe para o nosso país, através da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – a oportunidade para abordar, por meio dos livros para crianças e jovens, novas temáticas no âmbito da literatura juvenil, como as diversidades culturais, a questão da sexualidade e os contextos étnicos e raciais, que estão presentes nas diretrizes dos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais –, além dos temas transversais.

As expressões artísticas são componentes inalienáveis das construções literárias. Na literatura feita para o jovem, nos dias atuais, percebe-se uma forte representação da Arte, pois, ao mesmo tempo que emergem as discussões de cunho social e todas as questões relativas aos valores da sociedade, também se vislumbram novas formas para discutir e veicular esses valores por intermédio de tais construções artísticas, seja através do uso de múltiplas linguagens como também em sua propagação mediante o uso dos suportes que veiculam a arte literária. A saber: o livro literário classificado como gênero da literatura infanto-juvenil e o livro didático, que é, naturalmente, um difusor de nossa literatura.

Com as complexas transformações ocorridas no Brasil durante a década dos anos de 1950, século passado, pôde-se verificar que a condição de adolescente, propositalmente, tenha se instituído a partir de então, através do despertar das indústrias, em geral, e que, muito além do que criar arquétipos para a rebeldia, característica dessa etapa da vida, passou a enxergá-la como um excelente e promissor nicho de mercado. A partir de então, houve uma crescente significativa na produção cinematográfica voltada para essa temática. Da mesma forma, houve uma grande expansão em outras formas de expressões artísticas criadas para o público jovem, como uma grande inovação nos ritmos musicais em todo o mundo e o alargamento na produção das histórias em quadrinhos, gênero que já havia se estruturado na década anterior e se consagrou nesse período.

Em uma sociedade em que as pessoas almejavam novas formas de interação e relacionamento diante das mudanças de vida herdadas dos períodos de guerras, as representações de resistência aos padrões sociais impostos, que eram propagadas pela indústria estadunidense, através das produções cinematográficas, literárias, musicais; do mercado da moda, dentre outros, tornaram-se um símbolo para o público jovem e que buscam romper contra os modelos de civismo e moralidade, ainda impregnados na construção educacional.

A partir de então, percebe-se a instauração de um comportamento de negação, por parte dos alunos, contra o que culturalmente era valorizado pela escola, dentre os quais,

possivelmente, a literatura tenha sido a mais fortemente negada. Tal situação permanece até os dias atuais. A escola, que paradoxalmente deveria acolher e se responsabilizar por todas as práticas de ensino a favor do aluno, passou a ser um lugar de recusa e não aceitação de todas as inovações estéticas e as novas temáticas de uma literatura que se transforma e evolui constantemente. Tal postura da escola, conseqüentemente, fez o aluno distanciar-se das atividades propostas e ofertadas pelo sistema de ensino.

A partir do apoio e incentivo dos sistemas governamentais, a literatura infantil e juvenil pode ser um valioso instrumento de reflexão e debate a respeito de temas que outrora eram velados nas escolas, como as diversas facetas da violência, a diversidade étnico-racial e cultural brasileira, as questões relativas à sexualidade, o uso de drogas e suas conseqüências, os relacionamentos interpessoais, dentre outros.

A evolução tecnológica se tornou uma das questões mais relevantes nas práticas educacionais, pois está por toda a parte e já se tornou uma realidade totalmente inerente à vida dos alunos. O uso das tecnologias de informação e comunicação no ambiente escolar e nas atividades pedagógicas não são mais uma opção, mas, sim, uma realidade permanente. A *internet* mudou completamente a visão que tínhamos sobre o mundo e transformou as novas gerações, nas últimas três décadas. Desse modo, cumpre salientar que a humanidade passou por um processo evolutivo extremamente acelerado, modificando todo um eixo organizacional, exigindo da instituição escolar uma adaptação urgente ao mediatismo e à revolução tecnológica representada pela realidade digital. No entanto, isso não aconteceu da maneira esperada.

Inúmeros sítios, na *internet*, constituídos de conteúdos destinados ao público infantil e juvenil, apresentam orientações e ideias, que visam estabelecer e fortalecer uma interação de seu público-alvo com o mundo das narrativas, criando adaptações literárias de obras consagradas, objetivando, por sua vez, a aproximação dos estudantes com o universo da leitura literária.

A evolução tecnológica não impactou somente as produções digitais. As edições dos livros impressos também precisaram ser reformuladas em seus projetos gráficos e estruturas como um todo, procurando adaptar as produções literárias, segundo os padrões encontrados na *internet* no que tange à forma e à apresentação visual, aos modelos que navegam no universo *on line*.

Dessa maneira, pode-se compreender a necessidade de transformação, na forma como a literatura destinada a crianças e jovens se aproxima da realidade vivenciada por seus leitores, conferindo sentido real em suas vidas sem o distanciamento gerado por uma apresentação errônea de uma escola conservadora e que está na contramão dos valores que estão em voga na

atualidade. E, assim, cada vez mais, haverá uma conexão direta, e almeja-se que seja permanente, com as inovações tecnológicas, levando em consideração que, cada vez mais, o mercado vem percebendo o grande potencial que este segmento importa para a obtenção de lucros.

Apesar de um longo percurso histórico, repleto de acontecimentos transformadores, a escola ainda não teve a capacidade de enxergar a literatura em sua dimensão sem limites. Em vez disso, o ensino de literatura é visto apenas como função estritamente utilitarista, com foco restrito ao didático-pedagógico, na condição de disciplina escolar.

As inserções dos chamados temas transversais resultaram num avanço na introdução, nas atividades escolares, de assuntos que fazem parte do cotidiano dos alunos, mas que, até então, não eram considerados relevantes para as experiências daqueles em sala de aula. No entanto, a adaptação do docente a essa nova maneira de trabalhar a literatura não tem sido tão fácil, pois muitos deles ainda optam pelos livros como suporte, cujas práticas valorizam mais o debate do tema do que as referências literárias. As discussões sobre essa problemática atual mostram uma luz no fim do túnel e, pouco a pouco, assiste-se a uma etapa de transição, escolar e social.

É importante destacar que não é possível empreender uma reflexão sobre a fase da adolescência se não abordarmos a importância da formação e o fortalecimento do imaginário, pois, como já sabemos, esse período da vida humana é um dos frutos que caracterizam os grupos sociais contemporâneos.

E, sendo o imaginário uma produção de cunho histórico, constituído de profunda simbologia, repleto de conteúdo e expressão, utilizado pelas sociedades para que toda a bagagem de ideologias e culturas a elas implícitas sejam transferidas às próximas gerações, torna-se um perfeito instrumento de formação, principalmente quando se busca construir uma base para a formação literária.

Neste sentido, a literatura infanto-juvenil é um produto do imaginário e precisa ser vista como uma produção artística, que tem como principal objetivo ser um meio de expressão das vivências humanas de natureza existencial, social e cultural, perpetuadas durante o tempo, de geração em geração, através das construções estéticas e literárias, apropriadas a cada experiência vivenciada e aos tipos de linguagem característicos do público a que se direciona.

2.5 A presença da literatura juvenil na sala de aula

As obras literárias que englobam o leque da literatura infanto-juvenil são produções que têm como cerne o objetivo de apresentar e possibilitar o diálogo a respeito das questões humanas, relativas às interações sociais, que se refletem em nossa existência e na construção cultural de gerações, através de uma estruturação artística adequada à realidade na qual seus leitores estão inseridos.

Com relação, particularmente, à literatura para jovens, existe uma especificidade no que concerne ao posicionamento para a observação e investigação. A perspectiva do escritor para o meio social precisa ser investigativa, buscando entender a sociedade a partir do olhar do jovem, pois não se pode esquecer que o sujeito que está escrevendo não está mais na adolescência, mas, sim, é uma pessoa que já passou por essa etapa, mas que, no entanto, essa vivência foi em outro enquadramento histórico, social e cultural. O autor procura estabelecer um diálogo com o seu público-alvo no momento da construção do texto, apresentando outras aptidões e gostos literários.

É imperioso que se tenha um entendimento sobre o fato de que existem variados tipos de receptores na literatura juvenil, que apresentam mais ou menos habilidades no uso da linguagem, de acordo com as necessidades de comunicação.

Para conceituarmos e, portanto, compreendermos a existência dos variados tipos de leitores a fim de que os professores possam realizar atividades mais efetivas, apresentaremos, a seguir, uma classificação dos tipos de leitores abordados por Coelho (2000) e que têm como base de pesquisa e análises a literatura infanto-juvenil:

Quadro 1 - Tipos de leitores

Tipos de leitores	
Pré-leitor	A pessoa ainda não tem a capacidade de compreender a linguagem escrita verbal. É iniciada a observação mais apurada da realidade que o cerca, através, principalmente, das relações afetivas e pelo toque. Nesse momento, a imagem passa a ter predomínio absoluto na construção das decodificações. A construção de um leitor, os textos que não têm como característica principal a verbalização e o trabalho com o imaginário são os mais indicados, pois, a criança tem a possibilidade de iniciar o processo de identificação de uma ordem sequencial de cenas, identificando alguns elementos importantes na estruturação da narrativa, como os personagens, o tempo e o espaço. Essa informação é fundamental quando o docente leciona na educação de jovens e adultos, pois, ainda que ele não utilize as construções textuais elaboradas para crianças, terá a possibilidade de organizar materiais adequados para a etapa de ensino e a fase da vida do estudante, utilizando textos que se caracterizam, principalmente, por construções visuais, como aqueles que são encontrados em jornais, revistas e outras publicações, que tragam informações relevantes e significativas para o aluno.

Continua.

Quadro 1 - Tipos de leitores

Continuação.

Tipos de leitores	
Leitor iniciante	Nesta etapa o indivíduo inicia o processo de familiarização com a estruturação escrita da linguagem verbal. A partir de então, há um despertar para o universo da palavra escrita, gerando a curiosidade sobre essas questões culturais e tudo o que se desvela por intermédio de tal produção, oportunizando o reconhecimento da palavra escrita, que começa a se sobrepor à imagem e que ainda tem predominância. É o momento em que o indivíduo inicia o processo de socialização e começa a enxergar a realidade que o cerca com mais racionalidade. Na alfabetização de jovens e adultos também ocorre um processo similar, em que o leitor, até aqueles já foram alfabetizados, encaram a leitura com um certo nível de complexidade.
Leitor em processo	A partir desta etapa, o estudante já tem um considerável domínio com relação aos procedimentos relativos à leitura. Já há um conhecimento muito mais aprofundado do mundo e da realidade na qual está inserido. Tais percepções são aguçadas pelo desenvolvimento da capacidade de organização do pensamento lógico, sendo, neste sentido, de fundamental importância a motivação realizada pelo professor. Portanto, nessa etapa é muito importante que sejam oferecidos aos alunos construções textuais com um grau de complexidade mais elevado. É imprescindível, também, que propicie o contato com linguagens distintas, como a linguagem visual, construindo sempre conexões.
Leitor fluente	Nesta fase, o aluno vivencia a consolidação do domínio das habilidades leitoras, desenvolvendo uma maior capacidade de entendimento do mundo inserido em um livro. Nessa etapa, são desenvolvidas as potencialidades relacionadas ao pensamento hipotético-dedutivo. Portanto, a realização de atividades, que proporcionem ao indivíduo uma construção intelectual reflexiva, são fundamentais para o crescimento e o desenvolvimento do leitor.
Leitor crítico	Essa é a etapa na qual o indivíduo tem grande conhecimento dos sistemas envolvidos na construção das habilidades relativas à leitura. A partir de então, já são estabelecidas as conexões entre todas as esferas que estruturam e se relacionam no encadeamento das produções textuais, além de compreender os processos intrínsecos existentes no texto. Nesta etapa são impulsionados o amadurecimento do pensamento, gerando um posicionamento crítico e reflexivo perante a vida. Com os alunos adolescentes é fundamental que sejam trabalhados gêneros textuais variados em que seja abordado uma temática similar ou igual, proporcionando ao aluno a possibilidade de percepção das conexões entre eles e objetivando que o leitor tenha a capacidade de ampliar suas potencialidades relativas à intertextualidade com outras estruturas textuais e discursivas.

Fonte: Adaptado de Coelho (2000, p. 104)

A divisão sistêmica das fases que compreendem a evolução de como se dá a construção do aprendizado das capacidades leitoras é extremamente necessário para a compreensão da literatura criada para o público juvenil, pois há uma interligação direta entre a questão de como o indivíduo percebe a imagem, seja ela através da linguagem verbal, ou por meio de outra forma de expressão da linguagem, pois está completamente interligada às etapas de compreensão da realidade em seu entorno e da percepção dos relacionamentos afetivos e sociais.

A formação de um leitor se dá por intermédio de atividades de motivação, com metodologias que desperte o seu interesse para as questões relacionadas à cultura do meio no qual o indivíduo está inserido, vivencia experiências e através do qual percebe o mundo e constrói sua própria compreensão.

É completamente necessário que se entenda o ato da leitura como um conjunto de elementos que constituem um mecanismo no qual são percebidos inúmeros processos que,

portanto, constroem as habilidades e competências indispensáveis para o aprendizado e a formação humana do indivíduo.

A realização da atividade de leitura pode ser também compreendida como uma construção cognitiva, pois, para que sejam decifrados os signos linguísticos de um texto, faz-se necessária a realização de um empenho para que haja uma total concentração e, em determinados momentos, principalmente quando se depara com produções textuais mais extensas, o indivíduo precisa compreender e se encontrar dentro da organização e progressão da leitura e de sua interpretação como um todo, compreendendo como se dá o desenrolar da produção textual e o encadeamento de ideias que ocorre dentro desta constituição.

É comum os professores relatarem e questionarem a falta de senso crítico dos alunos adolescentes, relatando que estes não têm um repertório argumentativo que seria adequado a esta fase da vida, para houvesse um posicionamento maior no meio social no qual estão inseridos.

Nesse contexto, a leitura literária pode ser um valioso instrumento de formação argumentativa, possibilitando que o jovem compreenda questões inerentes ao seu lugar no mundo e a construção da sociedade na qual está inserido. No entanto, tal aquisição não é orgânica, faz-se necessário que as atividades sejam adequadamente exploradas em sala de aula, proporcionando ao jovem direito de fala, que seja incentivado a comentar e emitir suas opiniões a respeito das obras lidas, de forma espontânea e colaborativa com o professor.

Atualmente, a juventude é acometida por uma grande influência das produções artísticas disseminadas nos meios de comunicação, principalmente na *internet*. Crianças e adolescentes utilizam determinados símbolos em roupas, materiais escolares, acessórios e em tantos outros lugares, sendo que, na maioria das vezes, desconhecem seus significados, que acabam se tornando a marca de um grupo peculiar ao qual se proclamam pertencidos.

Buscar conhecer a linguagem simbólica é extremamente necessário, pois configura-se como um aprendizado do mundo no qual está inserido, percebendo e respeitando o que há de diferente; e, possivelmente, esse seja um princípio para a construção de uma convivência harmoniosa com o que há de heterogêneo na sociedade moderna.

Entretanto, existem outros processos que podem ser desenvolvidos a partir do exercício das atividades de leitura. A leitura literária não nos proporciona apenas conhecer o Outro e o mundo exterior. Uma das principais funções da literatura é justamente a sua capacidade de possibilitar o autoconhecimento do leitor. No momento em que a leitura conduz o leitor a refletir sobre o seu meio social, ela também influencia na formação emocional, gerando um processo de identificação da obra com o seu receptor direto, e isso ocorre quando a interação se dá

plenamente através da leitura de um poema ou de uma obra narrativa, que, neste caso, oportunamente é o objeto de estudo nessa dissertação. Não podemos deixar de frisar que qualquer que seja o gênero ao qual esteja classificado o texto literário, o fato é que a leitura literária, acima de tudo, é uma construção afetiva.

Na adolescência, o indivíduo passa por uma imensa transformação, que resulta em perdas e ganhos; e, muitas vezes, essas perdas estão relacionadas a aparentes certezas em relação à sua identidade, ao seu processo de autodescobrimento, ao seu lugar no mundo bem como o papel a ser desempenhado na sociedade em que vive e atua como sujeito crítico. Nessa etapa da vida, a afetividade, provavelmente, seja uma das dimensões mais relevantes que existe na vida de cada um, cuja razão de ser está intrinsecamente ligada ao fortalecimento das bases emocionais para que o jovem se sinta seguro, confiante e acolhido em todos os aspectos de sua vida.

Diferentemente da criança que, *a priori*, possui naturalmente uma rede de proteção e cuidados por parte da sociedade, o indivíduo, na fase da adolescência, muitas vezes sente-se como se estivesse desamparado, desorientado, por ser quem é, sendo impedido de encontrar as suas referências e, conseqüentemente, não conseguindo manter uma sintonia contínua e ininterrupta com o meio no qual está inserido.

Nesse contexto, proporcionar ao jovem uma experiência de leitura, que aproxime o texto às vivências do leitor em seu cotidiano, apresentando questionamentos semelhantes pelos quais ele experiencia, torna o livro muito mais do que um passatempo, findando por transformá-lo, para o bem de todos, num verdadeiro amigo e um conselheiro.

Uma das formas, através das quais a linguagem se manifesta na literatura é, sem sombra de dúvidas, a imagética. O apelo que as imagens, as fotos e as ilustrações têm, naturalmente, pode suprimir, sem prejuízo algum para a compreensão de quem as contempla por não haver o código verbal, a palavra em sua forma visível, escrita. As imagens, muitas vezes, são poéticas porque se aproximam da poesia por comungarem com o texto lírico o silêncio. Imagens, fotos e ilustrações podem valer mais do que milhões de palavras escritas, porque a interpretação pode se dar ao nível da ausência de sons e de códigos linguísticos, e o ato de lê-las é a confirmação de que o exercício da contemplação existe, o que é o suficiente para que haja a interação entre leitor e obra e o conseqüente descobrimento de si e do mundo.

A partir da classificação desenvolvida e apresentada por Luís Camargo (1995), no quadro a seguir, serão apresentadas e analisadas algumas funções das ilustrações nesse tipo de produção literária, pois, de acordo com o que foi citado anteriormente, no mundo do jovem há a necessidade de uma expressão maior por meio das apresentações visuais:

Quadro 2 - Funções das ilustrações nas obras literárias

Função das ilustrações nas obras literárias	
Pontuação	Objetiva dar ênfase aos pormenores da produção textual ou definir onde se inicia e termina. Deve-se chamar a atenção do aluno para a importância desse recurso visual, pois ele está presente em todos os textos e é determinante para a sua compreensão. Alguns autores utilizam de maneira mais marcante esta forma de ilustração, no entanto, para que o leitor compreenda, é necessário que exista um conhecimento prévio, já que as linguagens midiáticas vêm utilizando essa ferramenta de maneira mais expressiva.
Descrição	Essa função estimula ainda mais o que há de lúdico no texto, proporcionando o despertar da criatividade, pois, por intermédio de um encadeamento dialógico, onde a linguagem verbal proporciona uma construção visual, através da descrição de cenários, personagens, objetos, dentre outros constituintes da narração, o leitor tem a possibilidade de visualizar todo o contexto da estória lida para realmente vivenciá-la. Além disso, a descrição é fundamental para que o aluno possa assimilar os elementos necessários para a produção de suas próprias produções textuais.
Narração	Objetiva contar a estória através de outra forma de linguagem, narrando os acontecimentos e os detalhes que constituem a cena em questão. A expressão mais marcante dessa função está nos livros, nos quais a produção utiliza tão somente a ilustração para narrar uma estória. O público juvenil tem um apreço muito forte pelas estórias em quadrinhos e demonstram ter muita desenvoltura ao ler textos dessa modalidade, no entanto, observa-se que, muitas vezes, a instituição escolar não valoriza suficientemente esse tipo de atividade, desperdiçando uma excelente oportunidade de cultivar no aluno gosto pela leitura literária.
Função simbólica	Nessa função, temos a representação de uma ideia. Ela direciona a atenção para a natureza metafórica da estória. É essencial que os alunos, de todas as idades, tenham contato e aprofundem seus conhecimentos a respeito desta função para que se possam formar leitores que tenham a capacidade de compreender sua cultura em sentido mais amplo e não apenas em sentido estrito.
Função expressiva/ética	Tipicamente observada na literatura juvenil, essa função expressa o posicionamento emocional por intermédio da maneira como a personagem se apresenta, manifestando-se, por exemplo, através da postura, gesticulações e da maneira de se expressar bem como de outras características que estruturam a narrativa; além daquilo que é intencionalmente propagado pelo emissor, como valores sociais e culturais.
Função estética	Tem o seu foco direcionado para a forma como uma ilustração foi produzida e para os elementos e metodologias nela utilizados. Essa função é muito presente nas produções literárias contemporâneas direcionadas para o público juvenil, dada a grande qualidade apresentada nos atuais projetos gráficos.
Função lúdica	Essa função está presente naquilo que é representado e na maneira como é expressado. As ilustrações, por exemplo, podem se converter ou, até mesmo, ser um jogo para o leitor e receptor do texto literário, motivando a utilização dessas figuras como jogos que despertam o envolvimento e a participação do leitor.
Função metalinguística	A característica mais marcante da função metalinguística é a questão de a mensagem estar centralizada no código. Nas produções verbais, o código é a própria língua. Para essa função não há nada mais significativo do que a própria palavra e o que se desenvolve a partir dela. Nela, o código explica e analisa próprio código. Cotidianamente, utilizamos, constantemente, a função metalinguística, ainda que não seja planejado, ao indagarmos a um interlocutor a respeito de algo que foi dito e que não compreendemos a resposta para este questionamento. Provavelmente, a questão será elaborada através da construção de um texto metalinguístico. O interlocutor retorna ao que disse, esclarecendo detalhadamente a ideia apresentada em sua mensagem.

Adaptado de Camargo (1995, n.p.)

Os textos produzidos para a comunicação na *internet* são um bom exercício para os leitores jovens, que estão cada vez mais envolvidos com as hipermídias, pois esses vêm modificando a função da escrita, que, combinando os grafemas de formas diferente do que é

convencional para a língua, acabam por descrever mais rapidamente alguns sentimentos e emoções.

Nesse contexto, o professor precisa estar atento para essas características, presentes nas obras literárias, a fim de que o aluno possa não somente se sentir atraído pela leitura, mas, que também possa enxergar na leitura uma opção de entretenimento e prazer.

É extremamente necessário que o educador dedique sua atenção para as características do leitor para quem será oferecido um livro e incentivará sua leitura. É importante, também, que não se perca de vista o fato de que, para haver uma percepção da manifestação integral do texto, é necessário entender que ele é resultado da junção da semiótica verbal com a semiótica visual. Dessa forma, percebemos que muitos textos escritos para o jovem pressupõe um leitor que seja competente nas interpelações semióticas, que compreende as representações e que dialogam entre si bem como nas interações da vida em sociedade.

É extremamente importante que se compreenda o papel fundamental que a literatura tem na humanização do ser e da sociedade como um todo, oportunizando a reflexão e debate de questões que geram conflitos que são inerentes ao ser humano. De acordo com Candido:

Portanto, assim como não é possível o equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem literatura. Desse modo, ela é fator indispensável da humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte do subconsciente e no inconsciente. Nesse sentido, ela pode ter importância equivalente às formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. Cada sociedade cria suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (CANDIDO, 2004, p. 175).

Possibilitar o contato com o texto literário, nesse contexto, é viabilizar ao jovem a oportunidade de ter acesso a mais uma maneira para autoconhecer-se e compreender todos os elementos que compõem a sua realidade e favorecendo para que haja uma colaboração em prol da resolução de possíveis conflitos, que existam em sua relação com a comunidade na qual ele está inserido.

Em contrapartida, se a atual sociedade elaborou novas formas de estabelecer a comunicação, a combinação das linguagens nos textos literários produzidos para o público juvenil tem um espaço ainda mais relevante na contemporaneidade, levando-se em consideração que a sociedade está imersa em diferentes linguagens e em inúmeros símbolos; numa organização em que estas se complementam e interagem entre si na construção dos sentidos.

O público jovem, diferentemente do público adulto, sendo considerado um nativo digital, já se encontra totalmente mergulhado no mundo dos hipertextos, conhecendo e construindo novas linguagens constantemente, buscando maneiras inovadoras para entender o mundo e para expressar o seu posicionamento perante o entorno em que vive, construindo, desse modo, infinitas possibilidades imagéticas.

Segundo Cosson:

Por fim, devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la em um simulado de si mesma que mais nega do que afirma seu poder de humanização (COSSON, 2009, p. 23).

Dessa forma, para que o ensino de literatura não seja apenas mais um componente curricular distante, sem sentido real e totalmente dissociado da vida do estudante, a escolarização da literatura e da leitura literária precisa viabilizar ao aluno caminhos renovados de conhecimento e interação, de forma mais autônoma e participativa, para que não seja, ao final da aprendizagem, uma marionete social, que apenas decora textos, segue padrões e reproduz informações; mas, antes, um sujeito crítico no curso da proficiência da leitura, seja a não literária, seja a literária.

3 O MUNDO SINGULAR DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

Um homem destemido, sonhador e extremamente generoso. Em palavras sumárias, mas densas, cumpre afirmar que essas são características do autor da obra *O Pequeno Príncipe*; e tais resumem os relatos que encontraremos através de inúmeros registros daqueles que tiveram a oportunidade de compartilhar fatos e momentos ao lado desse notável escritor, cuja obra está na linhagem da literatura universal.

Mundialmente conhecido como Antoine de Saint-Exupéry, ou mais precisamente, Antoine Jean-Baptiste Marie Roger Foscolombe, o autor de *O Pequeno Príncipe* era filho do conde Jean de Saint-Exupéry e da condessa Marie Foscolombe. Nasceu em 29 de junho de 1900, em Lyon, na França, e era o terceiro de cinco filhos. Nascido em família aristocrata, Saint-Exupéry viveu sua infância e parte da adolescência no castelo Saint-Maurice de Réms. Apesar de ser uma criança extremamente criativa e inteligente, teve vários problemas nas escolas em que estudou por ser muito distraído. Ao final da adolescência, ele parte em busca de novos horizontes, mudando-se para Paris, onde é recebido por sua prima Ivone, uma grande apreciadora das artes e amiga de muitos artistas da época, dos quais o jovem Antoine também cria muitos laços de amizade e parcerias que levará para toda a vida.

Figura 1 – Antoine de Saint-Exupéry na infância



Fonte: Blog O Pequeno Príncipe e Eu

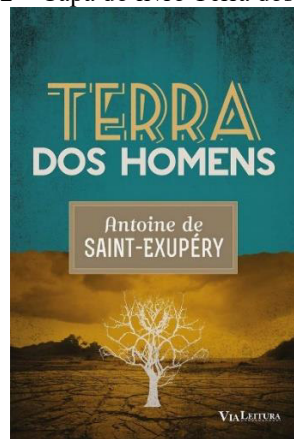
Indeciso sobre o seu futuro, Saint-Exupéry tenta seguir vários caminhos, dentre eles, é o que o conduz para a escola naval, onde foi ironicamente reprovado em redação. Enveredou-se pelos caminhos da arquitetura na Escola de Belas Artes, mas também não foi muito longe.

Com o passar do tempo, o seu sonho de criança começa a falar cada vez mais alto em seu coração, e ele tenta ingressar para a Força Aérea Francesa; objetivo alcançado em 1921. No entanto, Saint Exupéry permanece em solo, trabalhando como mecânico de aviões. Tal função não se torna um impeditivo para ele que, por sua vez, não desiste do que realmente almeja, e

assim, resolve fazer o curso de aviação. Porém, ele não teve muita paciência para concentrar-se apenas nos estudos teóricos por muito tempo e, na primeira oportunidade, sem que seu instrutor soubesse, ele se apossou de uma pequena aeronave e a pilotou sozinho. Não tendo ainda se preparado, como deveria, para surpresa de todos os presentes, ao empreender o voo, faz uma aterrissagem muito perigosa, porém sai ileso e feliz por seu feito. Devido ao seu ato reprovável e inconsequente, Saint-Exupéry é punido com duas semanas de detenção.

Ao conquistar o seu tão sonhado brevê de piloto, como subtenente, Saint-Exupéry é dispensado das forças armadas e, logo em seguida, é convidado para trabalhar no primeiro correio aéreo do mundo, pilotando aviões que haviam sido usados na Primeira Guerra Mundial. Suas aventuras nesse período foram retratadas em seu livro *Terra dos Homens*, publicado em 1939.

Figura 2 – Capa do livro Terra dos Homens



Fonte: Site da Amazon

Trabalhando como piloto do correio aéreo, no período em que fez a linha Toulouse-Dacar, conhece seus grandes amigos Henry Guillaumet e Jean Mermoz, como quem viveria muitas instigantes e perigosas aventuras ao sobrevoar os céus da África do Norte.

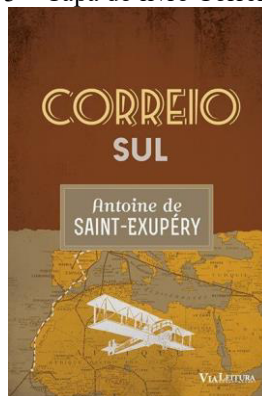
Ao ser promovido ao posto de chefe de um dos postos de reabastecimento dos aviões do correio aéreo, localizado no deserto da Mauritânia, o ousado piloto aceitou um grande desafio, pois essa era uma área muito perigosa, constantemente ameaçada por mouros rebeldes, que costumavam derrubar aviões e sequestrar pilotos para pedir recompensas em troca de suas vidas ou para matá-los. Exupéry não somente aceitou o desafio como também conquistou a confiança dos mouros.

Para quem é aviador, as viagens podem se tornar entediadas. Eles costumam dizer que existem, especialmente, dois momentos emocionantes em um voo: a decolagem e o pouso. O

restante, geralmente, é pura monotonia. Há um ditado comum entre os aviadores que diz: “Decolar é uma opção, pousar uma obrigação!”

Exupéry pilotou sua aeronave para inúmeros destinos, dentre eles, especialmente, para o Marrocos e a Tunísia, rotas consideradas perigosas, que ceifaram a vida de muitos aviadores amadores e profissionais. O próprio Exupéry, algumas vezes, realizou pousos forçados com possibilidades reais de morte, restando intactos apenas ele e sua mala. Ele era considerado um exímio aviador, pois, independentemente do que acontecesse, sabia exatamente como pousar em solo, sem riscos, com sua aeronave. Conhecido por sua coragem e senso de responsabilidade, Exupéry, diversas vezes, partiu em missões extremamente complexas para salvar companheiros perdidos no deserto, jamais deixando-os para trás. No deserto, ele escreve o livro *Correio do Sul*, publicado em 1929.

Figura 3 – Capa do livro Correio do Sul



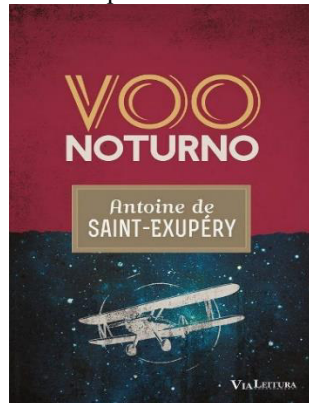
Fonte: Site da Amazon

A companhia aérea para qual Saint-Exupéry trabalha, na época, a maior do mundo, expande suas atividades e, em 1927, alcança a América do Sul. Com isso, ele foi convidado para assumir a diretoria da linha na Patagônia, na Argentina. Acompanhado de seus grandes amigos, Guillaumet e Mermoz, ele empreende um novo desafio. Em sua passagem pelo Brasil, por exemplo, ele deixou muitas lembranças e fortes amizades. Entre essas amizades, está um pescador de Santa Catarina, cujo apelido era Seu Deca, por quem Saint-Exupéry era chamado carinhosamente de Zé Perri. Em homenagem ao aviador francês, baseado nos relatos do avô, o neto de Seu Deca escreveu um livro intitulado *Deca e Zé Perri*.

Em uma de suas passagens por Buenos Aires, na Argentina, Exupéry conhece Consuelo Soucin, uma jovem artista plástica, detentora de grande beleza e de um gênio muito forte. Os dois se apaixonam rapidamente e vivem um conturbado e intenso romance. Eles se casam em 1931, na França, e, apesar de muitos altos e baixos, permanecem juntos até a sua morte. E foi

também, em sua temporada na América do Sul, que ele escreveu o seu segundo romance, *Voo Noturno*, publicado em 1931, na França.

Figura 4 – Capa do livro Voo Noturno



Fonte: Site da Amazon

As instabilidades econômicas e sociais do final da década dos anos de 1920 e início da década dos anos de 1930, do século passado, respectivamente, findam por abalar a hegemonia da *Aéropostale*, empresa para qual Exupéry trabalhava. A empresa é vendida para outras de ramo similar, francesas, e, posteriormente, passa a se chamar *Air France*. Após a venda da companhia aérea, Saint-Exupéry volta a morar na França com sua esposa. Nesse período, ele realiza várias atividades que ama, como escrever e tocar violino, além de desfrutar da companhia de sua esposa e de seus amigos. Porém, essa pausa não dura muito e logo ele é convidado pela *Air France* para testar novos modelos de aviões e sua capacidade de velocidade. Essa nova experiência faz o piloto viver inúmeras e emocionantes aventuras. Em uma dessas viagens, acompanhado de seu mecânico Prévot, seu avião sofre uma pane e eles caem no deserto da Líbia. Durante quatro dias, eles vagam pelo deserto sem comida, sem água e, totalmente, à mercê da sorte. Nesse período, Exupéry faz uma extensa observação e análise sobre cada detalhe de tudo que vivenciou na pele, literalmente, e viu como, por exemplo, a beleza do céu noturno e a arredia raposa do deserto. Eles são salvos por um beduíno, ao final do quarto dia.

Em 1936, dá-se início à Guerra Civil na Espanha, o que deflagrou uma assustadora onda de governos totalitaristas, na qual inclui Adolf Hitler, na Alemanha e que mais tarde protagonizaria a Segunda Guerra Mundial. Diante desse cenário medonho, Exupéry teme pelo que pode vir a acontecer, levando em consideração as brigas e divisões políticas nas quais a França estava afundada. Ao ser contratado por um jornal francês, ele alerta a sua nação a respeito da necessidade urgente de união para enfrentar a ameaça que se aproximava. Esse foi um período muito conturbado para ele e, em mais uma de suas viagens, ele sofre um acidente

quase fatal, que lhe deixou muito ferido e com algumas sequelas, que o obrigaram a submeter-se a várias cirurgias, impedindo-o de voar, novamente, por um tempo considerável,

Em setembro de 1939, inicia-se a Segunda Guerra Mundial. Exupéry, contrariando orientações médicas, resolve servir ao seu país e consegue autorização para ser integrado ao esquadrão responsável pelos voos de reconhecimento aéreo. No entanto, após a assinatura do armistício, por parte da França, ele é obrigado sumariamente a exilar-se nos Estados Unidos, onde busca ajuda, de forma desesperada, para o seu país, a fim de engrossar as fileiras e lutar contra os alemães. É exatamente nesse período que Exupéry escreve *Piloto de Guerra*.

Em seu exílio nos Estados Unidos, movido pelos profundos sentimentos que nutria, em decorrência da guerra, com o incentivo e a inspiração de amigos e de sua esposa, ele escreve aquele que viria a ser o seu maior legado literário para a humanidade. Após inúmeras noites sem dormir, dedicando-se de corpo e alma para a produção daquela que seria a sua obra prima, e fazendo rememorar a criança curiosa e sonhadora que existia dentro de si, Antoine de Saint-Exupéry publica, em 6 de abril de 1943, *O Pequeno Príncipe*. A obra foi dedicada a seu amado amigo Léon Werth, que era judeu e estava na França vivenciando todos os terrores causados por aquela guerra horripilante.

Em uma de suas expedições de reconhecimento aéreo, com destino à África do Norte, em 31 de julho de 1944, Antoine de Saint-Exupéry desaparece sem deixar vestígios no Mar Mediterrâneo. Passados dez dias, Paris foi finalmente libertada e alguns meses mais tarde a Alemanha se rendeu, terminando, assim, a Segunda Guerra Mundial, deixando a Europa completamente destruída e milhões de vidas ceifadas.

Figura 5 – Antoine de Saint-Exupéry: o piloto



Fonte: Site da Amazon

3.1 O fabuloso universo de O Pequeno Príncipe

O Pequeno Príncipe é uma obra inicialmente identificada como leitura direcionada ao público infantil. No entanto, percebe-se que, além de ser uma obra atemporal, não é possível

limitá-la para uma faixa etária específica; sendo, portanto, uma literatura destinada para pessoas de todas as idades.

O livro em questão é uma construção literária de significativo valor para a formação humana, tendo a capacidade de influenciar significativamente na maneira como o leitor compreende o mundo. Nesse sentido, atrevemo-nos a dizer que há algo de *sui generis* no decorrer de suas linhas que nos possibilita viajar num universo paralelo, que entrelaça realidade e imaginação, ultrapassando as barreiras físicas do texto e levando-nos a uma incursão cada vez mais profunda. A cada encontro vivenciado com aqueles que cruzam o caminho do menino estelar, descobrimos novos ensinamentos e reflexões.

O autor da obra em questão, objeto de análise de nossa dissertação de mestrado, é Antoine de Saint-Exupéry, um escritor que se notabilizou através da escritura desse livro, que suscita questões que ultrapassam o senso comum, trazendo à tona a essência humana por meio de sensações e sentimentos que, geralmente, estão imersos em nossa alma; ocultos em nosso espírito. Detentor de uma sensibilidade genuína, o escritor utilizava como matéria-prima de suas criações suas inúmeras viagens e o convívio com pessoas dos mais variados lugares. Ele buscava não apenas olhar para as pessoas, mas, sim, fazê-lo através delas.

No decorrer dessa obra, compreenderemos a afirmação de que só veremos bem quando enxergarmos com os olhos do coração, pois “o essencial é invisível aos olhos” (EXUPÉRY, 2015, p. 101), ou seja, nossos olhos humanos, físicos, apenas enxergam o que é tangível, e nos deixam enganar por isso. No entanto, com o coração, vamos muito além, somos capazes de enxergar lá no fundo da alma das pessoas. E esse é um dos maiores ensinamentos que Exupéry deixou ao mundo como herança.

No início da referida obra, mais precisamente na dedicatória, o autor apresenta traços importantes que marcarão toda a narrativa. A primeira interação de Exupéry com o seu leitor se dá através de um pedido de desculpas dirigido ao público infantil por dedicar o texto da obra a um adulto. E, nesse contexto, já se pode observar a preocupação e a importância dada aos pensamentos, aos sentimentos e às opiniões das crianças que viriam a ler esse livro. O escritor apresenta quatro motivos para fazer tal dedicatória. Primeiramente, ele declara o seu apreço incondicional ao amigo, enfatizando o precioso e inestimável valor da verdadeira amizade. Em seguida, ele expressa o tamanho amor que nutre pela literatura, valorizando a importância do saber e do quão especial e libertador é a vivência do aprender. Há um redimensionamento dada aos livros, em especial, aos infantis quando ele diz que “Essa pessoa grande entende de tudo, até mesmo de livros sobre crianças” (EXUPÉRY, 2015, p. 5). Ele também faz questão de expressar seus sentimentos perante o difícil momento ao qual seu amigo judeu passava na

França, em decorrência da Segunda Guerra Mundial; e enfatiza o seu profundo respeito e valorização da infância ao dedicar a obra à criança que seu amigo fora um dia. Para finalizar essa dedicatória, tão repleta de significados, ele complementa, dizendo que “todas as pessoas grandes já foram crianças – apesar de poucas lembrarem disso.” (EXUPÉRY, 2015, p. 5).

No primeiro capítulo da obra, o autor relata um acontecimento ocorrido em sua infância, que desencadeou toda a trajetória do seu modo de pensar e analisar as relações interpessoais, e a maneira como as pessoas enxergam o mundo. Ele demonstra sua estreita relação com o mundo da leitura ao descrever uma de suas primeiras experiências literárias, quando o personagem apresenta um trecho de um livro ficcional intitulado *Histórias Vividas*.

Em seu relato, ele apresenta uma gravura na qual uma jiboia estava prestes a engolir um animal e a descrição que dizia: “Há serpentes que engolem um bicho inteiro, sem mastigar. Por isso, ficam sem poder se locomover, e, portanto, dormem durante seis meses para fazer a digestão” (EXUPÉRY, 2015, p. 8). A partir dessa leitura, o personagem elabora sua primeira produção, evidenciando a importância da leitura para a construção do conhecimento e do desenvolvimento do pensamento criativo. A seguir, o autor relata a reação dos adultos em relação ao seu desenho tão repleto de significados. No entanto, as pessoas para quem ele mostra a sua produção não compreendem o sentido, a mensagem. Portanto, o personagem precisa elaborar um novo desenho para explicar com mais detalhes o anterior, afirmando que os adultos sempre precisam de informações detalhadas. Com essa afirmação, pode-se inferir várias interpretações, como a criatividade limitada que temos quando nos tornamos adultos; a necessidade de termos explicações detalhadas, ou de não termos a paciência para compreender a essência; e que, em geral, passamos a enxergar apenas o superficial sem olhar o que está oculto pela letra e que paira nas entrelinhas. O que evidenciamos a partir dessa posição do autor de *O Pequeno Príncipe* é que não nos esforçamos para ver, perceber e aprender o que, verdadeiramente, existe além das aparências.

Em seguida, o autor relata que foi desencorajado pelos adultos a continuar desenhando, sendo incentivado a estudar assuntos tidos como mais importantes. Nesse sentido, ele se refere ao estudo de disciplinas, tradicionalmente definidas como obrigatórias na formação básica. Percebe-se algo muito comum: a certeza de que só faz sentido se se dedicar a algo que tenha uma utilidade real em nossas vidas. Somos incentivados a nos conectarmos apenas com questões racionais; assim nos desconectamos, paulatinamente, de nossas emoções.

Faz-se necessário olhar para o mundo e tudo o que há nele conforme verdadeiramente é. Aprender sobre geografia, história, matemática é fundamental, no entanto, também é preciso reeducar nossa visão para termos novamente a capacidade de enxergarmos o mundo como uma

criança, olhando não somente para as coisas, mas através delas. Somente dessa forma poderemos ter a capacidade de mudar o mundo, de reaver a doçura da alma e renovar a esperança e a fé na real possibilidade de que temos a capacidade de construir e viver num mundo melhor, onde os seres humanos, verdadeiramente, se reconhecerão como irmãos e se encherão de ternura em seus corações. As relações poderão ser (re)estabelecidas a partir da fraternidade e não da frieza cada vez mais presente em nosso meio.

Essas ocorrências têm sido uma constante numa sociedade cada vez mais doente espiritual, emocional e mentalmente, o que gera consequências sérias na saúde de nosso corpo como um todo. Não recebemos a educação emocional nem em nossos lares e, muito menos, na escola. Não somos e não estamos preparados para viver e conviver com as outras pessoas; por isso, não aprendemos a prática do autoconhecimento, e somos ensinados a não buscar conhecer, verdadeiramente, o Outro. As relações estão, cada vez mais, superficiais e as pessoas têm se tornado ainda mais endurecidas seja consigo próprias, seja com o próximo. Intolerância e hostilidade são palavras de ordem que, lamentavelmente, têm dominado a realidade nos dias atuais.

O desencorajamento vivido pela personagem em relação aos seus sonhos, ao que gosta de fazer; o que lhe dá satisfação e, em troca, fazer o que é “certo”, o que se “deve fazer”, remete-nos ao que é vivenciado pelos jovens quando estes são pressionados a escolherem a carreira que deve ser seguida, que faculdade deve ser cursada, ou simplesmente, que caminho almejam trilhar. Se os seus planos e sonhos são contrários àqueles que seus familiares julgam como “melhores”, por exemplo, eles são veementemente desencorajados e, em muitas vezes, obrigados a fazer o que os seus pais querem e sonham. Assim, mudando o rumo de sua vida e seguindo uma profissão que foi aceita pelos adultos, a personagem demonstra que, apesar de tudo, nossa essência não muda e nossos sonhos não morrem.

No segundo capítulo da obra, a personagem começa a relatar sobre o seu acidente. Tomando como base o relato inicial, tecemos algumas observações e considerações, que pensamos ser imprescindíveis. Ele fala do quanto suas vivências, desde a infância, o fizeram se sentir sozinho no mundo e que tudo mudou a partir do acidente que sofrera no deserto do Saara, onde, sozinho, teve de consertar o avião e lutar por sua sobrevivência com poucos recursos para isso. Tal relato é uma referência inequívoca à nossa própria vida, às nossas crises existenciais; pelo fato de que são exatamente em nossos piores momentos, de maior medo, solidão, quando nos sentimos mais perdidos, é que temos a oportunidade para a nossa autoreconstrução, de transformar nossas vidas e darmos um novo sentido à nossa existência.

No decorrer da estória, ele fala como inicialmente se sentiu isolado/perdido. É assim que nos sentimos no início de todo processo de reconstrução: Não sabemos para onde ir, onde buscar ajuda, e a incerteza toma conta de tudo.

O despertar relatado pela personagem, na manhã seguinte ao acidente, remete-nos ao início do processo de cura. O amanhecer, nesse sentido, pode representar o momento em que decidimos lutar e recomeçar a viver. Exupéry descreve: “Era, para mim, questão de vida ou morte. [...] Na primeira noite, dormi na areia, distante quilômetros e quilômetros de qualquer lugar habitado. Estava mais isolado que um náufrago em um bote, perdido no meio do oceano” (EXUPÉRY, 1943, p. 13).

Nesse momento, ele relata o seu encontro com o pequeno príncipe. Inicialmente, sem fazer ideia alguma de quem era aquela criança, ele foi despertado de maneira tão inesperada e súbita, em circunstância totalmente improvável. A partir de então, a personagem fará uma imersão interior, indo de encontro a si mesmo, aos seus medos e frustrações; às questões relacionadas à sua infância e a tudo o que foi desencadeado e provindo de suas vivências.

Ele retrata e descreve a imagem que viu, exaltando a beleza da infância. No entanto, ele também apresenta suas frustrações por causa de seu impedimento para seguir os seus sonhos de artista, trazendo à tona sentimentos guardados em seu inconsciente, que revelaram o seu estado de desencorajamento. Desencorajamento que impediu que ele fizesse aquilo que amava, que era desenhar; e sobre terem lhe ensinado que aquilo não tinha nem importância e nem valor. Percebe-se, explicitamente, a mágoa que ele guardou, demonstrando os bloqueios com relação à autoestima e gerados por suas vivências infantis. Observam-se quão marcantes essas lembranças ainda são para ele. Como está descrito na obra em questão:

Ora, meu desenho é, com certeza, bem menos charmoso que o modelo. Não é culpa minha. Quando tinha seis anos, os adultos me desencorajaram a seguir a carreira de pintor. Não aprendi a desenhar mais nada, exceto serpentes vistas pelo lado de fora e serpentes vistas pelo lado de dentro (EXUPÉRY, 1943, p. 14).

Perante aquele encontro, totalmente inesperado, o piloto busca respostas concretas, explicações lógicas. No entanto, o menino deseja para si apenas o que essencialmente é importante. Ao questionar aquele acontecimento, “encarei aquela aparição com olhar perplexo. Não esqueçam que eu me encontrava a quilômetros e quilômetros de distância de qualquer região habitada.” (EXUPÉRY, 1943, p. 14). A personagem dá o primeiro passo para o despertar de sua consciência, implicitamente revelando o distanciamento que construía, de tudo e de todos, gerado por abismos emocionais, que se formaram no decorrer de sua vida.

Ao desenhar o que lhe fora solicitado, o piloto se surpreende com a resposta do menino, que vem carregada de profundos significados. A criança compreende perfeitamente o que é desenhado pelo homem, demonstrando sensibilidade e consciência criativa aguçadas. Entretanto, se optarmos pelo viés que demonstrava que aquele menino era a própria consciência daquele homem, compreenderemos o seu desejo de ser visto a partir da expressão através do desenho.

O diálogo e as ações, que são descritos a seguir, demonstram uma percepção grandiosa e profunda sobre a consciência e a importância dos detalhes.

- Isto é uma caixa. Dentro dele está seu carneiro.
- É exatamente como eu queria! Será preciso muito capim para alimentar este carneirinho?
- Por quê?
- Porque onde moro é tudo muito pequeno...
- Não se preocupe. Eu lhe dei um carneirinho bem pequeno.
- Ele não é tão pequeno assim... Veja! Adorreceu... (EXUPÉRY, 1943, p. 17).

No decorrer desse diálogo, percebe-se a importância do olhar além da superficialidade, além do que é visível aos olhos. A maneira como vemos/percebemos as coisas/situações, como se apresentam no mundo e em nosso cotidiano, são muito relativas. Tudo é provisório; tudo é passageiro, e está em constante processo de transformação. Não devemos esquecer que tudo que passa pelo olhar de cada um tem uma assinatura subjetiva. É, portanto, um processo individual. As contestações feitas pelo menino, a cada desenho que era produzido, levam o piloto a sentir-se desafiado (o desafio que incentiva a evolução) a produzir algo que atendesse aos anseios do jovem garoto.

O terceiro capítulo da obra, provoca a seguinte reflexão: como as palavras, ditas em excesso, tantas vezes são desnecessárias e confundem mais do que explicam. É preciso compreender os detalhes, sempre. É preciso ver a verdade nos pormenores para termos, com paciência e resiliência, a partir de nossas experiências, a noção do todo, da dimensão do espaço que nos abriga e de nossa importância como indivíduos que podem e devem, sim, fazer a diferença, sobretudo em prol da Alteridade. Isso é o caminho do conhecimento; conhecimento que produz saberes dos mais diversos. O verdadeiro saber é adquirido aos poucos. No convívio com o Outro, é fundamental que se exercite a sensibilidade, a compaixão e, principalmente, os afetos.

Ao referir-se ao tamanho do avião no qual o piloto voava, dizendo “Imagino que você, dentro daquilo, não veio de muito longe” (EXUPÉRY, 1943, p. 20), o pequeno príncipe faz-nos refletir sobre as bagagens que carregamos, sejam elas materiais ou emocionais, que nos

limitam e não nos permitem ir mais longe e mais alto. E complementa: “Onde moro, ninguém, andando sempre em frente, pode ir muito longe” (EXUPÉRY, 1943, p. 21). E, assim, ele nos ensina sobre a necessidade de (re)avaliarmos a nossa trajetória durante a vida para que possamos avançar, que nada mais é do que o próprio caminho da evolução, que todos nós, indistintamente, devemos perseguir para sermos melhores em três instâncias: conosco, com o Outro e com o espírito.

No quarto capítulo da obra, o autor explicita questões relacionadas às individualidades. Quando ele fala sobre os planetas também está analisando as relações humanas nas quais as pessoas têm estabelecido uma convivência extremamente mecânica com o mundo e com o Outro. Não há mais tempo para conhecer o Outro, pois somos definidos por números. Para os grandes sistemas, somos identificados por nossos CPF, RG, dentre outros documentos similares e que dizem quem nós somos. Os números expressos em nossos contracheques falam muito mais do que nossas características enquanto seres humanos; nossa essência. Somos apenas mais um e nossas individualidades não são vistas e muito menos valorizadas. O sistema no qual estamos inseridos não foi feito para que os detalhes sejam vistos, reconhecidos; as particularidades, as características que tornam cada indivíduo um ser especial e único nesse mundo, no Universo e na vastidão de um Cosmo misterioso e desconhecido.

Ao contar a estória do astrônomo turco, o escritor apresenta algumas críticas relativas à extrema valorização da aparência em detrimento da essência; a imagem como cartão postal do indivíduo, o consumismo e a superficialidade, profundas imposições do mundo capitalista e como ele influencia as relações interpessoais e a relação que o indivíduo estabelece consigo; ou seja, a maneira como nos vemos, como somos envolvidos em um processo de adaptação contínua, que nos força a consumir cada vez mais para que possamos ser aceitos, para que consigamos ser inseridos na sociedade, para que não sejamos marginalizados e para que, simplesmente, sejamos vistos por todos. O autor sintetiza muito do processo de objetificação imposto pelo sistema no qual estamos inseridos:

Adultos adoram números. Quando vocês contam que têm um novo amigo, eles não ligam para o que é importante. Nunca perguntam: ‘Qual o tom da voz dele?’, ‘De que ele gosta de brincar?’, ‘Ele faz coleção de borboletas?’. [...] Os adultos preferem perguntar: ‘Que idade tem?’, ‘Quantos irmãos?’, ‘Quanto pesa?’, ‘Quanto ganha o pai dele?’. [...] Só assim os adultos se convencem de que conhecem seu novo amigo (EXUPÉRY, 1943, p. 25).

Com o passar do tempo, perdemos, gradativamente, parte de nossa sensibilidade e de nossa capacidade para compreender o Outro e estabelecer sentimentos de compaixão e empatia.

As novas gerações têm nascido e criadas numa sociedade em que o ter é muito mais importante do que o ser. Essa inversão de valores há muito vigora em nosso meio social e, ainda mais, na contemporaneidade cibernética na qual somos bombardeados ininterruptamente com informações a todo instante, de todos os lugares, provocando todas as sensações que adoecem o nosso psiquismo, principalmente, o estresse, que produz/ a ansiedade que, por sua vez, tem se alastrado como uma verdadeira epidemia, prejudicando a vida de milhões de indivíduos que são reféns de regras impossíveis de serem cumpridas.

No decorrer do capítulo, o autor chama a atenção para a sabedoria contida na pureza das crianças e o modo como esses infantes veem o mundo, valorizando o que verdadeiramente importa (ou que deveria importar) nas relações humanas. Ele também apela aos leitores para a relevância do que será relatado, a profundidade dos sentimentos que serão expressos, o valor emocional daquilo que foi vivido e a relevância e o valor da amizade; e o quão difícil é a construção de laços de amizade verdadeiros e o como podem ser dolorosas as despedidas e separações. O autor enfatiza o quanto é importante a valorização daquilo que vai além do que racionalmente é tido como prioridade, e faz uma crítica ao modo como os adultos são objetivos em demasia e excessivamente materialistas. E, se realmente estivermos atentos aos detalhes, respeitando a essência de cada um e de todas as coisas que nos rodeiam, não precisaremos de explicações.

Ao final do capítulo, o autor pede desculpas pela imprecisão de seus desenhos por não se lembrar nitidamente dos detalhes físicos do pequeno príncipe, demonstrando que, ao conviver com seu amigo, os detalhes que mais lhe chamavam a atenção não eram físicos ou materiais.

No quinto capítulo da obra, o autor aborda a questão do problema com relação aos baobás² relatado pelo pequeno príncipe e os perigos gerados por eles se não forem eliminados desde o princípio.

Nesse contexto, podemos estabelecer uma relação entre os baobás e os nossos sentimentos e atitudes. Na estória, o garoto diz que as sementes são invisíveis e que podem ser boas e más assim como são os nossos sentimentos. Não podemos vê-los, mas sentimos a sua existência. Devemos cultivar as boas sementes para que cresçam e se tornem árvores frutíferas bem como os sentimentos bons, que devem gerar atitudes boas. No entanto, as sementes de ervas daninhas devem ser, o mais rápido possível, arrancadas para que não se tornem árvores que causem destruição, e os sentimentos ruins como a raiva e o rancor, que podem se

² De acordo com o Dicionário Aurélio (2008, p. 166), “Baobá é uma gigantesca árvore bombacácea cujo tronco, considerado o mais grosso do mundo, é rico em reservas de água.

transformar em possíveis atos de vingança. Além disso, cumpre ressaltar que não se pode negligenciar as sementes que são plantadas no solo de nossa existência. As boas devem ser zeladas, adubadas e regadas com toda a estima, porém as sementes ruins, uma vez identificadas, devem ser arrancadas e destruídas para que não gerem nenhum transtorno e devastação.

O pequeno príncipe comenta que as mudas de roseiras e baobás são muito parecidas, por isso ele precisa ter cuidado ao fazer a limpeza para não arrancar as erradas. Assim, são nossos sentimentos e atitudes, que tantas vezes podem nos confundir devido à intenção e aos valores pessoais relacionados.

O menino pede, ainda, que seja feito um alerta para todas as crianças da Terra sobre o perigo dos baobás, pois, desde pequenos, devemos zelar por aquilo que plantamos e cultivamos no solo de nossa existência.

No sexto capítulo da obra, o pequeno príncipe relata o seu encantamento pelo pôr do Sol e o quanto aquilo fazia bem ao seu coração. Nesse contexto, o pôr do Sol pode ser compreendido como oportunidade para uma profunda reflexão; momentos extremamente necessários para a real percepção de nossa humanidade, que precisamos explorá-la a fim de que tenhamos a real compreensão sobre tudo aquilo que acontece ao nosso redor.

No sétimo capítulo da obra, somos levados a pensar sobre a importância que damos às situações que ocorrem e fazem parte de nossas vidas. O pequeno príncipe compartilha a sua preocupação com a vida de sua rosa, que não conseguirá se defender de um possível ataque do carneiro, ainda que existam espinhos que, até então, o menino acreditava que a protegeriam.

O piloto, inicialmente, mantém suas preocupações e pensamentos voltados para o que, para ele, era um problema maior e mais importante: o conserto do avião. No entanto, perante as argumentações daquele menino, ele logo se dá conta da grandeza de tudo o que envolvia aquela situação aparentemente banal.

A grandeza e a relevância das coisas em nossas vidas não estão na visibilidade que se tem, mas, sim, na profundidade dos sentimentos envolvidos. Gastamos tanto tempo nos preocupando com questões materiais, com coisas que, tantas vezes, não nos fazem bem, não nos acrescentam em nada; e findamos por não valorizar o essencial, aquilo que realmente nos é caro e valioso, como nos instantes que passamos ao lado daquelas pessoas que tanto amamos, que nos completam como seres humanos e, principalmente, nos ajudam na nossa caminhada cheia de retas e curvas, sempre permeada de mistérios e oscilando entre momentos aprazíveis e momentos dolorosos.

Passamos a vida buscando, adquirindo, acumulando e valorizando muito mais os bens materiais em detrimento de todas as bem-aventuranças, que são espirituais. Quando investimos

o tempo de nossas vidas na materialidade, ilusoriamente pensamos que tal atitude preencherá o vazio que só pode ser feito pelos sentimentos mais verdadeiros e que não são concretos, não têm forma e que são a base de nossa humanidade, cada vez mais esquecida, cada vez mais deturpada nos dias atuais. Não damos atenção adequada à nossa espiritualidade e não compreendemos o que realmente sentimos e desejamos para nossa existência.

Ao final do capítulo, a personagem comenta sobre “como é misterioso o país das lágrimas” (EXUPÉRY, 2015, p. 39), de cujas palavras podemos depreender a noção de como essa expressão humana pode estar associada a inúmeros sentimentos e sensações desencadeados pelas mais diversas situações e reações.

No oitavo capítulo, o pequeno príncipe descreve como conheceu a sua rosa. A partir desse relato, podemos analisar como se dá o surgimento de um amor e os percalços que possivelmente surgirão pelo caminho. Assim como a semente da rosa, que surgiu de maneira inesperada, não se sabe de onde e como o solo do planeta do garoto foi fecundado. De forma análoga, é desse modo que o amor surge em nossos corações: não se sabe quando, nem onde e nem o porquê, mas, ao nos darmos conta disso, somos tomados por um sentimento único, que nos impele a darmos/doarmos o que há de melhor em nossa humanidade. No entanto, o amor, para criar raízes, precisa passar pelo processo de germinação e crescimento, todavia, ele jamais será perfeito e isento de erros. Ele precisa de bases sólidas e um solo fértil para o seu estabelecimento a fim de dar frutos com segurança, credibilidade e permanência.

Apesar do profundo sentimento que o pequeno príncipe tinha por sua flor, ele conseguia enxergar seus defeitos, e, ainda assim, a amava e sabia que suas qualidades eram superiores. Entretanto, ele ficou profundamente magoado ao perceber que a flor o tentara manipular, e tal fato provocou dúvidas sobre tudo o que havia vivido, e sua imaturidade fez com que desejasse, por fim, abandoná-la.

Ao lembrar os fatos vividos, ele conclui que os atos devem ser muito mais valorizados do que as palavras. As atitudes daqueles que amamos falam muito mais do que suas palavras, que, na maioria das vezes, não demonstram a grandeza do que há no coração, como qualquer um de nós quando se prepara para uma viagem. No dia em que o pequeno príncipe saiu de seu planeta, ele o deixou completamente organizado: limpou e arrumou cada local, pensou em cada detalhe; sentiu-se angustiado pelo que ficaria e como ficaria. Entretanto, em nossa vida, nem sempre teremos tempo para preparar nossas coisas ao partirmos a fim de deixar tudo pronto e organizado para despedirmo-nos daqueles que amamos.

Ao despedir-se de sua rosa, podemos analisar algumas questões importantes sobre o orgulho e o medo que carregamos em nossos corações, que nos limitam e, muitas vezes, nos

impedem de ser e viver o que realmente somos e sentimos. Somente na hora da despedida é que a rosa se desarma de toda a vaidade e expressa o que verdadeiramente sente, no entanto, já é tarde. Ainda dilacerada pela dor da separação, ela se contém e, por amor e orgulho, busca reunir forças para aceitar a partida e torná-la menos dolorosa para o pequeno príncipe. Ela compreende a importância daquela decisão e o incentiva a seguir o seu caminho.

No trecho em que a flor afirma que “não se pode conhecer as borboletas sem suportar duas ou três lagartas” (EXUPÉRY, 2015, p. 48), pode-se depreender a ideia de como se dão as fases da vida, os processos de crescimento que vivenciamos e as perdas necessárias. Os momentos de dificuldade pelos quais passamos geralmente são os de maior aprendizado e evolução, pois são eles que nos transformam na melhor versão de nós mesmos. Por isso, devemos sempre compreender a importância dessas vivências e respeitar o tempo necessário para que se realizem em nossas vidas. A partir de então, o menino começa a descrever como foram suas passagens pelos asteroides de número 325, 326, 327, 328, 329 e 330, respectivamente.

No décimo capítulo da obra, em sua primeira parada, o pequeno príncipe encontra-se com um rei, que acreditava que todos eram seus súditos e lhe deviam, portanto, obediência. Nesse contexto, observamos a tendência humana de sempre querer ser superior aos demais e sobre a necessidade de ter *status* de superioridade. Desse modo, dois trechos, nesse capítulo, merecem uma análise mais aprofundada. A saber: o primeiro é quando o rei fala que “É preciso exigir de cada um o que cada um pode dar. A autoridade se baseia na razão.” (EXUPÉRY, 1943, p. 53). A partir dessa afirmação, podemos analisar o fato de buscarmos sempre conhecer e compreender os limites do outro antes de exigirmos qualquer atitude. Todos nós temos nossas limitações e habilidades particulares, que não nos fazem melhor ou pior que ninguém, mas que são partes integrantes de nossa individualidade.

Outra afirmação destaca-se no decorrer do capítulo: “É bem mais difícil julgar a si mesmo que julgar os outros” (EXUPÉRY, 1943, p. 55). É muito mais fácil dar opinião e questionar a vida e a realidade do Outro do que solucionar as nossas próprias questões. Cada um de nós é um mundo em particular, com infinitos detalhes a serem desbravados e estudados. O autoconhecimento é fundamental para estabelecermos uma relação interna e harmoniosa, pois, se eu não me conheço, jamais saberei o que verdadeiramente é valioso para mim, quais são minhas prioridades, qual é o sentido da vida, quais são as minhas perspectivas existenciais etc. É fácil julgar o Outro quando desconheço as razões que o movem e tudo o que está envolvido em seu percurso existencial e na construção de seus valores que o tornam diferente de nós de outros, e isso vale para todos no mundo.

Seguindo o seu percurso para o próximo planeta, o pequeno príncipe relata o seu encontro com um homem extremamente vaidoso e narcisista. Podem-se destacar dois trechos, que resumem a ideia da mensagem passada. Quais sejam: quando ele afirma que “para os vaidosos todas as pessoas são suas fãs” (EXUPÉRY, 1943, p. 57), podemos compreender que as pessoas vaidosas não discernem o tipo de opinião que o Outro tem de si, pois elas esperam que todos lhes admirem e estejam sempre a aplaudir suas atitudes. Pessoas como essas têm grande dificuldade em lidar com críticas vindas dos outros. E, complementando a ideia anterior, ele diz que “os vaidosos só escutam elogios” (EXUPÉRY, 1943, p. 59), referindo-se ao fato de que aceitam apenas as palavras daqueles que compartilham de suas opiniões semelhantes, que sempre os bajulam e aplaudem aquilo que faz.

O encontro do pequeno príncipe com o bêbado leva-nos a repensar sobre as nossas ações e reações diante de situações de nossa vida, e sobre a maneira como reagimos a tudo que nos desagrada, que tantas vezes nos fazem agir de maneira a cometermos atos impensados e que findam por nos prender em ciclos viciosos e complexos.

Diante das situações que se apresentam em nossas vidas, temos sempre, no mínimo, dois caminhos a seguir: podemos nos entregar ao que nos acontece, aceitando aquilo como realidade absoluta para nossas vidas ou transformar a nossa realidade a partir do que é vivenciado.

Questões como baixa autoestima, que geram profunda desmotivação, podem ocasionar tudo aquilo que não queremos para nossas vidas, mas aceitamos tal situação ou por medo da mudança, ou por falta de força de vontade. Essa atitude gera frustração, fazendo com que repitamos os mesmos erros e permaneçamos naquilo que nos incomoda.

Em seguida, na conversa com o homem de negócios, o menino se vê diante de uma situação complexa. O homem passou a vida inteira extremamente ocupado, tentando contar as estrelas para se sentir cada vez mais rico. No entanto, o pequeno príncipe questiona o porquê de tudo isso, qual o sentido de querer ser dono das estrelas e passar a vida contando-as, uma vez que estes corpos luminosos não teriam serventia para ele. Da mesma forma, movidos pelo sistema capitalista, somos induzidos à acumulação de riquezas, de modo constante, desenfreado, dando a falsa impressão de completude e prazer. Passamos a vida juntando, cada vez mais, bens materiais e, por isso, abrimos mão de nosso tempo ao lado de pessoas que nos são caras. O resultado dessa escolha equivocada é que desgastamos nossa saúde, física e/ou espiritual, e, ao final da vida, nada do que acumulamos serve-nos para reaver o que foi deixado de lado.

Ao encontrar-se com o acendedor de lampiões, o menino analisa um sentimento muito comum nos seres humanos: a sensação de que somos insubstituíveis, que tudo é urgente e que

não podemos delegar funções, pois ninguém fará o nosso serviço de maneira adequada ou como nós faríamos. A personagem trabalha dia e noite, sem descanso, fazendo algo simplesmente porque é o que o regulamento, as regras do jogo e as leis determinam, pois estamos todos inseridos num sistema que aprisiona e não liberta.

Muitas vezes, deparamo-nos com situações que mostram que estamos vivendo em ciclos redundantes, ou seja, que fazemos coisas que não sabemos exatamente o porquê ou que não têm verdadeiramente importância para a nossa existência. Apenas fazemos o que pensamos e o que deve ser feito. Somos movidos por obrigações que ocupam todo o nosso tempo e que, no fundo, não têm significado algum para a nossa essência; não passam, portanto, de meras vaidades.

O encontro com o geógrafo possibilita a análise de questões como o comodismo. De acordo com o relato do velho homem, eles não saem de seus escritórios, pois este não é o seu trabalho; eles não são exploradores. Eles são importantes demais para realizarem tarefas de exploração pelo mundo. Seu trabalho é o de receber os exploradores e questioná-los, anotando tudo aquilo que viram. No entanto, para dar veracidade ao que um explorador diz, eles verificam sua moralidade com o intuito de garantir que a informação seja verdadeira.

Assim como os geógrafos da história, existem pessoas que permanecem a vida inteira presas em seu mundo particular, aprisionadas em seu comodismo físico, intelectual e emocional; numa zona de conforto que não lhes permite evoluir, conhecer lugares, situações e pessoas novas. São pessoas que não se esforçam para descobrir motivos que as façam sair dessa realidade e, assim, contentam-se apenas com o que os outros lhes dizem sobre o mundo. Infelizmente, vemos cada vez mais essa tendência, esse tipo de estilo de vida em que as pessoas estão, progressivamente, tornando-se mais suscetíveis a serem manipuladas, pois, apesar de vivermos na era das linguagens informacionais e termos a oportunidade de lermos mais e enriquecermos, por consequência, a nossa mente, a nossa inteligência, o uso excessivo da *internet*, principalmente das redes sociais, nos expõem a um constante e indiscriminado torpedeamento de informações, que têm como principal objetivo influenciar nossas preferências e atitudes, tornando-nos cada vez mais vulneráveis e influenciáveis.

É necessário, portanto, que tenhamos a disposição e a atitude dos exploradores, pois, independentemente de formação acadêmica e de conhecimentos adquiridos, a partir de uma educação formal, precisamos procurar constantemente conhecer e compreender o mundo que nos cerca. No entanto, também precisamos ser como o geógrafo em sua postura analítica e crítica das situações defrontadas, não nos deixando manipular por aquilo que nos dizem, mas almejando sempre conhecer a veracidade das informações por nós mesmos, por nossa assinatura pessoal.

Como último destino de sua viagem, o pequeno príncipe chega à Terra. Ao descrever esse planeta, o autor apresenta a grandiosidade e a sua complexidade, e aponta alguns dados numéricos, levando em consideração a época em que a obra foi escrita. No entanto, pode-se perceber alguns detalhes que, por mais que se tenha passado muito tempo, essa realidade ainda acontece atualmente. Em sua contagem, ele afirma que a quantidade de vaidosos e bêbados é muito superior a de reis, homens de negócios e geógrafos, demonstrando que os seres humanos, em sua maioria, levam suas vidas de forma autodestrutiva, egoísta e prejudicial para o bem comum.

No livro *Nas Entrelinhas de O Pequeno Príncipe*, o autor Marcio Godinho apresenta uma faceta peculiar sobre a obra. Ele comenta que:

Destarte, não parece ao acaso que Exupéry tenha colocado o pequeno príncipe no cenário terrestre justamente na sétima visita, e descrito sua apresentação justamente no capítulo 16, onde, seguindo a numerologia, 1 + 6 são 7 – portanto, o número da espiritualidade: podemos esperar que a jornada do pequeno príncipe pelo planeta Terra seja, antes de mais nada, uma experiência de cunho espiritual! Pode ser que seja mero acaso. Contudo, para Exupéry, o acaso não existia! (GODINHO, 2017, s/p.).

Em seguida, Exupéry reflete sobre o quanto os seres humanos julgam-se importantes e grandiosos, acreditando que eles têm o domínio de grandes coisas, porém perdem a noção de que, na verdade, só possuem a si mesmos.

O primeiro encontro que o pequeno príncipe tem após sua chegada à Terra é com a serpente, que terá fundamental importância no sentido transcendental da estória contada, dada a sua simbologia mística. Em determinada ocasião, o menino questiona sobre a localização das pessoas da Terra, pois ainda não havia visto ninguém e o deserto faz com que ele se sinta um pouco só. Em contrapartida, a serpente, em poucas palavras, apresenta uma situação real, atemporal e, profundamente, complexa. Ela diz que “também existe solidão quando se está entre as pessoas” (EXUPÉRY, 1943, p. 86).

Todos nós, em vários momentos, em nossa existência terrena, por inúmeros motivos, também estaremos no meio deserto sem saber que direção devemos seguir. Nessas ocasiões, a solidão parece ser nossa única companhia e, ainda que estejamos em meio a multidões, ainda assim, nos sentiremos sozinhos. Desse modo, podemos refletir sobre temáticas cada vez mais enraizadas em nossa sociedade, que são as doenças emocionais, como a depressão, a ansiedade e tantas síndromes e transtornos psíquicos pelos quais bilhões de pessoas têm sido acometidas e sofrido suas consequências. Além disso, há uma necessidade crescente para aprendermos a

lidar com os desafios que o mundo nos impõe, obrigando-nos a desenvolver outras habilidades, como, por exemplo, o autoconhecimento, o autocuidado, a empatia e a solidariedade.

O encontro do pequeno príncipe com a flor do deserto foi rápido, porém repleto de significados. Tantas vezes em nossas vidas encontramos pessoas que, ainda que cruzem rapidamente o nosso caminho, ensinam-nos valiosas lições, através de uma simples dica ou orientação, marcando-nos profundamente e fazendo com que, de uma forma ou de outra, estejam em nossos corações para sempre. Nesse encontro, somos levados a refletir sobre a instabilidade humana e suas consequências. A flor, em sua perspectiva, relata que as pessoas não têm raízes e, por isso, são tocadas pelo vento. Ou seja, o ser humano tem muita dificuldade para criar bases sólidas que lhe deem a estabilidade necessária para construir uma vida que lhes satisfaça. Geralmente, temos muita facilidade para se perder ao longo de nosso trajeto existencial por não sabermos exatamente o que queremos, pois não procuramos compreender o que é essencial, e, a partir dessa percepção, estabelecermos nossas verdadeiras prioridades, que nortearão nossas escolhas. Sem a construção destas certezas interiores, ficamos vulneráveis aos ventos, que nos levarão a qualquer lugar, cada vez mais longe de nós mesmos. E, ao batermos nossas asas para o voo, precisamos ter nossas raízes firmes em tudo que compõe nossa essência e determinam nossos propósitos.

Ao escalar a montanha, o pequeno príncipe, através de sua ação, remete-nos ao processo evolutivo pelo qual todos nós passamos durante a nossa existência, que acontece por meio de nossas vivências, de todas as pessoas que conhecemos, ou seja, de tudo aquilo que passa a fazer parte de nossa existência quando abrimos espaço para que tenhamos novas experiências em nossas vidas e como consequência aprendamos coisas novas, que tendem a enriquecer nosso mundo pessoal.

O pequeno príncipe nos serve como exemplo, pois, quando ele se lança em direção ao desconhecido, tem a oportunidade de conhecer mundos que, até então, lhe eram desconhecidos, e tem, também, a possibilidade de conviver com pessoas que expandem a sua capacidade de compreensão e amadurecimento, tomando consciência sobre valores que leva consigo, transformando a sua existência. Portanto, percebemos a necessidade de construirmos sempre nossa evolução pessoal através de todas as experiências que nos são proporcionadas em todos os nossos círculos de convívio.

Ao atingir o topo da montanha, o pequeno príncipe pergunta “Quem é você?” (EXUPÉRY, 2015, p. 91), e o eco lhe devolve a mesma pergunta. Assim, compreendemos o ensinamento de que, em nosso processo evolutivo, antes de almejarmos conhecer o Outro, precisamos primeiro conhecer a nós mesmos.

Após muito caminhar, através do deserto e das montanhas, o pequeno príncipe chega a um jardim repleto de rosas que, à primeira vista, parecem idênticas à sua amada rosa. Ele se sente completamente enganado e manipulado, o que o deixa profundamente decepcionado, duvidando até de sua própria importância.

Todos nós somos únicos, mas não somos melhores e nem piores do que ninguém. No entanto, o orgulho e a vaidade, às vezes, nos colocam em desarmonia, e, assim, podemos nos tornar pessoas egocêntricas, que manipulam outras pessoas para que nos bajulem o tempo todo. E esse tipo de experiência possivelmente vivenciaremos muitas vezes em nossos relacionamentos afetivos através de pessoas que, apesar de terem inúmeras qualidades, no fundo são infelizes e egoístas, e nos machucarão profundamente, fazendo-nos duvidar de nossa própria essência.

No entanto, em seu encontro com a raposa, que será, com certeza, o mais marcante em sua trajetória terrestre, o menino compreenderá a singularidade das relações quando criamos vínculos verdadeiros e a importância de valorizarmos o que é essencial. O principal propósito da raposa é despertar no pequeno príncipe a percepção para o valor das relações interpessoais e a importância de estabelecermos laços afetivos. Mas não basta criar laços, é preciso que os cultivemos. Assim, ao estabelecermos um vínculo, passaremos a ter uma necessidade mútua nos relacionamentos que construirmos e seremos extremamente importantes para o Outro e vice-versa.

Ao recordar-se de sua flor, o pequeno príncipe entende que, apesar de tudo, ela era, sim, única no mundo, pois ambos tinham cultivado o valioso vínculo do amor. Nessa experiência de autoconhecimento, ele teve a oportunidade de compreender melhor tudo que fazia parte de sua existência e quão valioso era o vínculo que possuía com sua flor. Havia entre eles um sentimento único e verdadeiro, pois “só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos” (EXUPÉRY, 2015, p. 101).

Em seu encontro com o despachante, o pequeno viajante, ao observar o ir e vir dos trens, conclui que somente as crianças sabem o que querem, pois dedicam seu tempo para o que é verdadeiramente importante. Ao descrever as pessoas, que nunca estão contentes onde estão, o autor retrata a realidade existencial dos seres humanos que, quase sempre, estão insatisfeitos com a vida que têm.

Quando analisamos as questões espirituais presentes nas chegadas e partidas dos trens, percebemos que Exupéry quis nos mostrar a tamanha proximidade que existe entre o nascimento e a morte, ou seja, ambos fazem parte de uma estação única. Assim, o mais importante está no que fazemos durante a viagem pela vida terrena, pois ela passa muito

rapidamente. E, antes que possamos nos dar conta, chegaremos novamente à estação sem ter apreciado adequadamente a viagem. Então, apenas quando percebemos que o desembarque se aproxima é que descobriremos ter aproveitado muito pouco, ou quase nada, de uma viagem que poderia ter sido incrivelmente maravilhosa.

Em seu encontro com o vendedor de pílulas cuja função é amenizar a sede, o pequeno príncipe nos leva a refletir sobre uma realidade muito atual em que, na correria do dia a dia, desejamos soluções mágicas para nossos problemas; atalhos que facilitem nossas vidas e nos façam ganhar tempo. No entanto, não percebemos que, muitas vezes, essas soluções nos condenam à ociosidade, à preguiça, e, assim, perdemos a oportunidade de utilizar nosso tempo com algo verdadeiramente construtivo. Com o tempo, descobrimos que não existem soluções mágicas, pois cada situação precisa de um tempo adequado para ser resolvida. Portanto, se tivermos paciência e sabedoria para vivenciar e aprender com cada experiência, não teremos apenas pílulas que amenizem nossa sede, mas encontraremos a verdadeira fonte de vida. Por isso, as pessoas que têm e enfrentam mais dificuldades durante suas vidas são exatamente aquelas que têm maior força interior, possuem as mais belas histórias de superação e têm maior empatia e amor em relação ao próximo.

Enquanto caminhavam em busca de um poço de água em meio ao deserto, o homem e o menino nos ensinam uma profunda lição. Ao afirmar que “o que torna o deserto encantador é que ele tem um poço de água em algum lugar” (EXUPÉRY, 2015, p. 108), o pequeno príncipe nos conduz à seguinte reflexão: por pior que seja a situação que possamos vivenciar, sempre existirá uma solução a ser alcançada, pois, independentemente do tempo que leve para alcançarmos o que desejamos, quando lutamos por um propósito verdadeiro pelo lutamos, com a sinceridade de nossa alma, em alguma ocasião encontraremos as respostas de que precisamos.

No vigésimo quinto capítulo da obra, nos deparamos com profundos ensinamentos. Ao lembrar-se dos trens, o pequeno príncipe leva-nos a refletir sobre o sentido que damos às nossas vidas, pois embarcamos no trem sem, nem ao menos, sabermos para onde queremos ir e, quando o fazemos, ao final, nos estressamos e nos sentimos perdidos, ainda que saibamos que isso não nos levará a nada. Ao beber a água, o menino leva-nos a compreender que o que mais importa em uma jornada não é a chegada, mas, sim, cada detalhe do trajeto até o destino ao qual pretendemos chegar. E ainda faz-nos compreender, definitivamente, que o que realmente importa é o que é essencial para as nossas vidas, pois não precisamos de muito para sermos verdadeiramente felizes. E, com estas preciosas lições, o pequeno príncipe inicia sua preparação para partir. E o piloto compreende o que foi dito pela raposa sobre o fato de corrermos o risco

de chorar um pouco quando nos deixamos cativar por algo que nos interessa ou que, porventura, possa nos fazer bem.

No vigésimo sexto capítulo da obra, somos levados a refletir sobre os ciclos que compõem a vida, que é feita de chegadas e partidas e que, independentemente de tudo, precisamos sempre seguir em frente. Ao questionar a serpente sobre a exatidão do local, o pequeno príncipe nos ensina sobre uma lição importante: não devemos deixar pendências em nossas vidas. E podemos perceber a importância desse ensinamento quando observamos que as pessoas, ao se encontrarem em seu leito de morte, carregam consigo inúmeros arrependimentos de coisas que poderiam ter feito e que, por algum motivo, deixaram para trás.

O sentido da morte nem sempre é o da passagem da vida terrena para a espiritual. Ainda que estejamos vivos na matéria, podemos morrer, seja no sentido de desistirmos de nós mesmos e simplesmente existirmos em pleno vazio, ao longo da vida, seja no sentido de renascermos para uma vida nova, através de mudanças existenciais determinadas por nossas atitudes e escolhas, abandonando, conseqüentemente, os antigos hábitos.

Quando precisamos, por exemplo, nos separar de alguém que amamos, devemos sempre ter a certeza de que o laço afetivo do amor cultivado nessa existência terrena jamais será desfeito. E quando o ciclo está próximo do seu desenlace, devemos saber que, apesar da dor ser líquida e certa, ainda assim, precisamos aceitar o fato de que o fim também é necessário, pois, para que um novo ciclo se inicie, é preciso que outro seja encerrado.

Ao terminar o seu incrível relato, o narrador descreve os seus sentimentos após a partida de seu amigo que, apesar de ser pequeno em sua estatura, tornou-se gigante em sua importância e valor. Assim, ele ensina a todos nós, mais uma vez, que o essencial não é aquilo que vemos, mas sim o que sentimos em nosso coração. E independentemente do tempo e do espaço, o que é verdadeiro permanece e nos acompanhará por toda nossa existência.

4 METODOLOGIA

Por metodologia entende-se o caminho pelo qual o trabalho será direcionado e o passo a passo para a aplicação da proposta em todos os seus níveis, abrangendo as questões de ordem teórica e prática, efetivamente. Desse modo, os procedimentos escolhidos têm fundamental importância no decorrer do processo da pesquisa, pois permite que o pesquisador possa responder ao problema apresentado inicialmente de forma clara e coerente, como é o nosso intento com a presente dissertação de mestrado.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foram utilizados os procedimentos metodológicos, que comumente norteiam a realização de pesquisas na área da educação e que dizem respeito à pesquisa-ação, tendo como principal objetivo a transformação das atitudes e das práticas educacionais privilegiando a mudança de situações e das condições relacionadas em prol de um projeto em curso. A essa metodologia aplica-se um questionamento social e político, analisando situações peculiares e complexas, com vias a solucionar problemas e vislumbrar outras questões, que podem surgir no decorrer da pesquisa.

Para a efetiva realização e alcance das metas propostas, é imprescindível a participação da coletividade, pois, como afirma Barbier (2002, p. 104), “Trata-se de encontrar, na população submetida à investigação, as pessoas mobilizadas, os líderes de opinião, suficientemente interessados em uma ação ligada à reflexão.”

Há alguns anos, observa-se uma tendência crescente nos estudos e pesquisas voltados para o tema do ensino de literatura nas escolas, como tem sido a sua aplicação, com foco, sobretudo, nas leituras do texto literário é realizado o ensino de leitura literária nas escolas de todo o país bem como a eficácia das metodologias, que são elaboradas com o objetivo de auxiliar o trabalho do professor, objetivando o despertar do gosto pela leitura e, conseqüentemente, a formação do aluno-leitor, no exercício pleno da proficiência.

Dentre os inúmeros pesquisadores dessa temática, destacaremos o trabalho de Rildo Cosson que, através de suas pesquisas sobre o letramento literário, tem apresentado valiosas contribuições ao trabalho de professores e pesquisadores. Em seu livro *Letramento Literário: teoria e prática* (2014), o teórico apresenta duas propostas de sequências, básica e expandida, respectivamente, que têm por objetivo a formação do leitor literário por meio de vivências e reflexões a respeito das obras literárias estudadas.

Como base para a metodologia a ser desenvolvida no decorrer desse trabalho, propomos uma sequência de atividades, que conjugam etapas das duas propostas apresentadas por Rildo Cosson. Iniciaremos a nossa proposta com a motivação, através do despertar de uma

reflexão sobre o que é essencial na vida de cada um e, em seguida, faremos a introdução com a apresentação da obra e do autor.

Após proceder às orientações e definição dos prazos estabelecidos previamente, dar-se-á início ao período de leitura da obra, que será acompanhado através da sucessão de três intervalos. Após a conclusão da leitura, será realizado o momento para a interpretação, com a apresentação individual, que buscará a evolução pessoal através da feitura de um diário de leitura. E para finalizar, os alunos serão organizados em grupos para elaboração de uma produção textual a partir do gênero *Fanfic*³ para expandir os conhecimentos adquiridos.

O primeiro passo é a antecipação que o leitor fará com temática de uma obra. Essa pode ser considerada a etapa mais importante do processo, pois será a partir dela que deverá ser (ou espera-se que seja) despertado o interesse do aluno para a leitura. Durante essa etapa, pretende-se saber como a obra é recebida da melhor forma possível pelo leitor, levando em consideração que muitos estarão em contato com o texto literário escolhido para tal finalidade pela primeira vez. As atividades de motivação devem ter características lúdicas, com o objetivo de envolver e preparar as crianças para conhecer a obra e estimular o interesse coletivo pela leitura, considerando as características de cada aluno em relação ao ato de recepção e apreensão do texto literário.

Geralmente, as pessoas se entregam com maior entusiasmo às atividades de motivação e, conseqüentemente, à leitura quando há uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com as palavras.

As atividades de leitura, com indivíduos que não têm o hábito desenvolvido, necessitam de uma preparação, uma antecipação, cujos procedimentos podem passar despercebidos por parecerem naturais. No entanto, o sucesso do encontro do aluno com a obra dependerá da dedicação dada à construção e ao desenvolvimento da motivação com uma elaboração satisfatória daquelas que estabelecem vínculos estreitos com o texto que será lido em seguida.

No segundo momento, serão apresentados para os alunos o autor e a obra. Apesar de ser, aparentemente, uma atividade de caráter genérico, essa introdução exige atenção e cautela em sua preparação e execução. Inicialmente, é necessário ter cuidado para que o momento de apresentação do autor não perca seu foco e se transforme numa extensa e expositiva aula de dados biográficos do autor que não interessam aos alunos. Nesse tempo dedicado à introdução

³ O nome *Fanfic* é uma abreviação da palavra inglesa *Fanfiction*, que significa ficção de fã. É um gênero textual que tem se tornado cada vez mais popular nos últimos anos; abarca as narrativas escritas por pessoas que se inspiram em outras produções já existentes nos formatos de livros, filmes, séries de televisão, dentre outros. Sua característica principal é a criação de novas histórias com base em conteúdos originais dos quais a figura do escritor se confunde com a do fã. Cf. Zappone, 2011, p. 32.

é satisfatório que se ofereçam informações básicas sobre o autor e sua relação inalienável com a obra em questão.

É importante que haja também um momento para a averiguação de hipóteses sobre o desenvolvimento do texto, além de incentivar os alunos a comprová-las, confrontá-las ou rejeitá-las, após a finalização da leitura da obra.

A terceira etapa será reservada para a leitura da obra; será o momento para estabelecer a relação do texto com o leitor. Nessa etapa, o mais importante é o acompanhamento da leitura feita pelo professor, pois esse momento não pode ser negligenciado, considerando que se trata de uma ação fundamental para o pleno desenvolvimento da proposta do letramento literário. O professor entrará em cena com o seu papel de mediador, buscando solucionar problemas e esclarecer possíveis dúvidas quanto ao desenvolvimento do processo de leitura. Cabe ao professor, também, a condução das atividades de forma a ajudar a solucionar questionamentos e reverter possíveis sentimentos que podem levar ao abandono do texto por completo desinteresse por parte dos alunos.

É de fundamental importância o momento da externalização acerca da compreensão do texto, e que isso aconteça de maneira organizada, sem imposições e de forma democrática. A maneira como a leitura será externalizada dependerá do tipo do texto, da idade e do ano escolar do aluno. O objetivo é refletir sobre a obra lida e o seu compartilhamento com outros leitores.

A escolha do ambiente a ser realizado o projeto é um passo extremamente importante, pois, através do conhecimento da realidade apresentada, é que serão definidas as metas e objetivos a serem alcançados. Deve-se analisar e levar em consideração as características sociais, culturais e educacionais do público com o qual serão elaboradas e desenvolvidas as atividades do projeto.

O desenvolvimento das atividades propostas neste projeto será realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Edmundo Pinto de Almeida Neto, localizada no município de Porto Acre.

A referida escola dispõe de 10 salas de aula, atendendo um público de mais de 1000 alunos matriculados do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, no ensino regular, e nos três segmentos da Educação de Jovens e Adultos – EJA – nos três turnos, divididos em 27 turmas. Os estudantes são provenientes, em sua grande maioria, de áreas rurais e de difícil acesso do município de Porto Acre.

Após a pesquisa, a identificação do problema e o estudo das possibilidades, o próximo passo a ser elaborado e executado será a proposta pedagógica. Essa etapa do projeto é o

resultado de todo o processo realizado e o meio pelo qual se busca alcançar as expectativas almeçadas.

Além de pensar em uma solução para o problema identificado, durante a elaboração de um projeto deve-se desenvolver, também, um detalhamento sobre os passos que nortearão a realização das atividades e os meios necessários para realizar a proposta de intervenção. Portanto, é de fundamental importância a construção de soluções exequíveis para a realidade estudada e que tenham efetivamente conexão com os objetivos pretendidos.

A partir desse momento apresentaremos os procedimentos e orientações que nortearão a realização das atividades a serem desenvolvidas e que compõem as etapas idealizadas para a vivência desse projeto de letramento literário.

4.1 Proposta didático-pedagógica

Elaborar é um vocábulo provindo do Latim, *elaborare*, que significa preparar, organizar. Assim, quando se elabora algo, pressupõe-se estruturar em detalhes o passo a passo da metodologia e do material que será utilizado, de maneira a contribuir positivamente com o aperfeiçoamento da prática pedagógica.

Assim, uma proposta didático-pedagógica é a elaboração intencional, por parte do professor, de uma estratégia metodológica, com base numa demanda observada no processo de ensino e aprendizagem no público-alvo, através da organização de um material didático, que servirá aos objetivos e metas almeçados a partir do que a escola pretende em missão de formar cidadãos conscientes, críticos e, principalmente, leitores proficientes, de forma geral.

Para a aplicação da presente proposta, foi elaborada uma sequência de *slides*, que nortearão o desenvolvimento das atividades, tornando o processo mais compreensível e dinâmico por parte dos alunos que vivenciarão a experiência. A referida proposta será intitulada de “*O essencial é invisível aos olhos*”, vislumbrando a transcendência da literatura e da obra em questão.

A partir de observações direcionadas aos possíveis interesses e dificuldades relativos à leitura de textos literários, optou-se por escolher, para a construção da Proposta Didático-Pedagógica, uma obra que tem como cerne uma temática contemporânea, possibilitando o despertar do interesse e da curiosidade dos estudantes, cuja faixa etária equivale ao 6º ano do ensino fundamental.

A obra *O Pequeno Príncipe* foi escrita e estruturada com frases e ensinamentos que valoram e enaltecem sentimentos e atitudes relacionados aos princípios considerados nobres

em nossa sociedade; e o fortalecimento de vínculos como os de amor e de amizade, fundamentais para a prática permanente das boas vivências e das experiências saudáveis nas relações familiares, pessoais e profissionais. Tais frases e ensinamentos foram mundialmente propagados, mas, no entanto, nem sempre a sua autoria é reconhecida e muitas pessoas leem e divulgam tal conteúdo desconhecendo sua origem. Os ensinamentos contidos nesta obra podem ser utilizados como estratégia de motivação para a apresentação deste livro para os alunos em sala de aula.

A obra tornou-se texto literário de domínio público em 1º de janeiro de 2015, gerando, conseqüentemente, um grande crescimento na comercialização e propagação de produtos de papelaria com a temática da estória contada bem como a produção de produtos de diversos nichos de mercado, como itens de cama, mesa e banho, brinquedos e roupas com a personagem principal da obra. Foram escritas variadas adaptações, em inúmeros formatos e gêneros, inclusive em quadrinhos, possibilitando a ampliação do trabalho com o texto por parte dos professores bem como produções cinematográficas.

Figura 6 - Slide com a capa do projeto



Fonte: Dados da pesquisa

4.1.1 Motivação para a leitura

Este é o momento em que será realizada a preparação para a análise da obra, no qual, geralmente, compreende a formulação de uma questão ou o posicionamento diante de uma temática abordada pela obra em questão.

Objetivo: Preparar e introduzir o aluno ao universo da obra a ser lida.

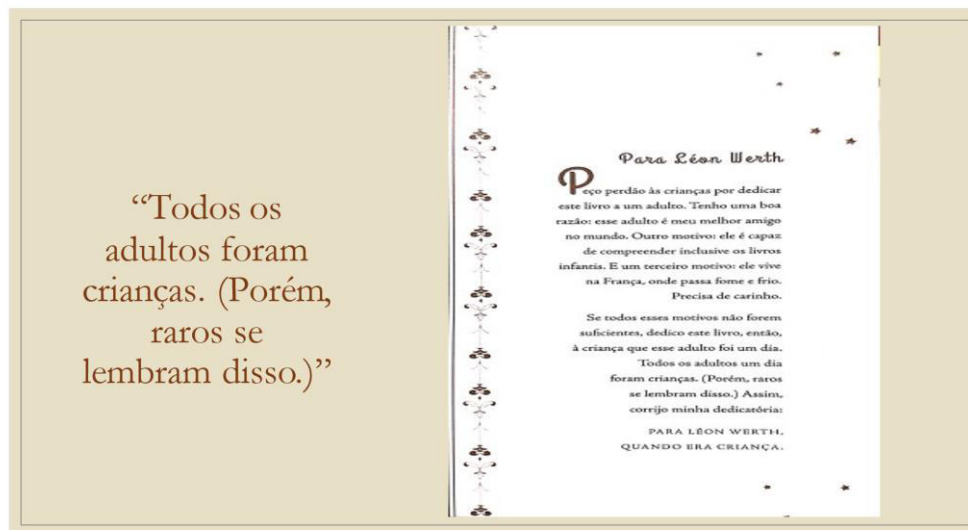
Tempo Previsto: 1 aula com carga horária de 60 minutos.

Descrição das Atividades: A primeira etapa do projeto será iniciada com a apresentação e leitura da frase “Todos os adultos foram crianças. (Porém, raros se lembram disso”, que marca a dedicatória da obra *O Pequeno Príncipe*.

A partir da leitura da frase será iniciada uma conversa com os alunos, incentivando-os a comentar suas impressões a respeito de tal afirmação e o que eles pensam sobre as semelhanças e as diferenças existentes entre o dito mundo das crianças e o mundo dos adultos.

Após o primeiro momento, será solicitado aos alunos que apresentem suas percepções com relação à temática debatida através de produções, que podem ser textos, desenhos, colagens, dentre outros. Essas produções serão utilizadas ao final da sequência de atividades para fins de comparação e reflexão inicial e final.

Figura 7 - Slide relativo à introdução das atividades do projeto



Fonte: Dados da pesquisa

Avaliação: Avaliar a participação e interação dos alunos, observando o comprometimento com as atividades propostas e suas produções com base na reflexão proposta.

4.1.2 Conhecendo a obra e o seu autor

Nesta etapa são apresentados a obra e seu autor, contextualizando as questões inerentes à sua construção, como as vivências do autor e o momento histórico da produção da obra.

Objetivos:

- a) Conhecer a obra e seu autor, bem como as questões históricas inerentes ao período em que a obra foi escrita;
- b) Aprender a estruturar e produzir um diário de leitura.

Tempo Previsto: 2 aulas com carga horária de 60 minutos.

Descrição das atividades: Nessa etapa, os alunos serão apresentados à obra e ao seu autor. Inicialmente, será mostrado o livro, lido o título da obra e as informações iniciais contidas na capa, contracapa, dedicatória e alguns de seus desenhos, que fazem parte de sua composição. Ao serem apresentados à obra, os alunos serão questionados sobre suas primeiras impressões e expectativas a respeito do texto que lerão. Nesse momento, os futuros leitores serão sondados e estimulados a emitir uma opinião sumária sobre o que será contado no decorrer da estória, com base nas informações que receberam antes de sua leitura. Em seguida, será apresentado o autor através de uma breve biografia, dando ênfase a questões relacionadas à sua personalidade e à motivação para a escrita da obra escolhida.

Ao término das apresentações, cada aluno receberá um exemplar do livro, sendo informados acerca do tempo da leitura, que será de 1 mês. Durante esse período, serão realizados 3 momentos nos quais a professora e a turma conversarão sobre o processo de leitura e realizarão as atividades que facilitarão a compreensão do que será lido. A professora orientará e solicitará aos alunos que elaborem um diário de leitura no qual os todos deverão registrar suas impressões no decorrer de toda a vivência literária.

Figura 8 - Slide com a imagem da capa do livro utilizado e foto do autor da obra



Fonte: Dados da pesquisa

Avaliação: A partir da interação dos alunos e de sua participação no decorrer da apresentação da obra e do autor avaliar as respostas dadas por eles, oportunizando a construção de um aprendizado mais concreto.

4.1.3 Leitura da obra

Este é o momento no qual os alunos efetivamente terão contato direto com a obra e terão a oportunidade de refletir e construir sentido a partir de sua realização. Nessa etapa, cada aluno recebeu um exemplar do livro e o cronograma de atividades já divulgado para todos.

Objetivo: Organizar a leitura da obra sistematizando a estruturação dos encontros literários.

Tempo Previsto para esta etapa: 1 mês com 3 intervalos de reflexão.

Descrição das atividades: Esse será o período de tempo que os alunos, efetivamente, estarão em contato direto com a obra, realizando sua leitura. No entanto, apesar de a leitura ser individual, os alunos serão acompanhados e motivados constantemente pela professora, direcionando-os e orientando-os para que tenham um aproveitamento satisfatório do texto a ser lido. Nesse período, serão organizados 3 encontros literários, tendo como objetivo principal a aferição dos resultados da leitura. Esses encontros serão realizados na sala de leitura da escola, na forma de círculos.

Figura 9 - Slide introdutório aos círculos de leitura do projeto



Fonte: Dados da pesquisa

4.1.4 Primeiro encontro literário

Este será o primeiro momento em que os alunos terão a oportunidade de compartilhar suas experiências literárias com a obra e a poderá orientar, de maneira mais assertiva, a leitura.

Objetivo: Ler e interpretar os primeiros capítulos da obra, analisando o contexto e a importância da criatividade na formação humana.

Tempo previsto para esta etapa: 2 aulas com carga horária de 60 minutos.

Descrição das atividades: O primeiro encontro será realizado uma semana após o início da leitura e terá como foco os seis primeiros capítulos do livro. Para iniciar o encontro, serão entregues aos alunos cópias da letra da música *Aquarela*, do cantor Toquinho. Inicialmente, será realizada a leitura silenciosa, em seguida a leitura compartilhada e, por fim, os alunos serão convidados a cantar a música. Após esse momento de descontração e descoberta, a professora fará uma breve exposição crítica, reflexivamente, a respeito do poder e da importância da imaginação em nossas vidas. Os alunos serão incentivados a externar seus pensamentos sobre o assunto. Em seguida, a professora relacionará a música sobre a qual conversaram com o livro que estão lendo, questionando-os sobre o que eles pensam e o que pode existir em comum nos dois textos, e quais as conclusões obtidas com a leitura feita.

A professora selecionará alguns trechos da obra para direcionar o diálogo e a compreensão. Ao longo da conversa, a professora avaliará o andamento da leitura e as possíveis dificuldades que os alunos possivelmente se deparem ao longo dessa atividade.

Figura 10 – *Slide* com o cronograma de leituras para o primeiro encontro do projeto



Fonte: Dados da pesquisa

Avaliação: Ao longo da conversa, a professora avaliará o andamento da leitura e as possíveis dificuldades que os alunos possivelmente se deparem ao longo dessa atividade.

4.1.5 Segundo encontro literário

Objetivo: Analisar a importância do amor na construção das relações humanas.

Tempo previsto para esta etapa: 2 aulas com carga horária de 60 minutos.

Descrição das atividades: O segundo encontro terá como base para a reflexão com a turma sobre a leitura dos capítulos 7, 8 e 9. Nesse encontro, será realizada a leitura compartilhada do 8º capítulo a partir do qual os alunos terão a oportunidade de relatarem suas percepções acerca do conceito de Amor. Em seguida, a professora apresentará os conceitos dos três tipos mais conhecidos de amor humano: *Ágape*, *Philós* e *Eros*. O objetivo desse encontro é fazer com que os alunos possam refletir sobre o real sentido do amor, sua abrangência e implicações na vida de todos e da própria humanidade.

Figura 11 – Slide com o cronograma de leituras para o segundo encontro do projeto



Fonte: Dados da pesquisa

Avaliação: Observar o posicionamento de cada aluno diante da temática, buscando analisar a maneira como eles se expressam e se relacionam com os demais.

4.1.6 Terceiro encontro literário


Objetivo: Oportunizar a reflexão e análise a respeito da essência humana e suas implicações na vida em sociedade.

Tempo previsto para esta etapa: 2 aulas com carga horária de 60 minutos.

Descrição das atividades: No terceiro encontro, tendo como base os capítulos do 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17, a discussão terá como temática a essência do ser humano e as características de cada indivíduo. Os alunos serão divididos em 8 grupos e serão orientados a realizarem a leitura do 10º ao 17º capítulo, respectivamente. Cada grupo fará a leitura e análise de um capítulo, objetivando descobrir a principal característica de cada uma das personagens que o pequeno príncipe encontra em sua viagem. Ao concluir a leitura, cada grupo fará suas conclusões, permitindo que todos possam comentar as apresentações e expressando suas próprias opiniões.

Figura 12 – Slide com o cronograma de leituras para o terceiro encontro do projeto

CRONOGRAMA DE LEITURA

3º ENCONTRO	
Leitura dos capítulos: 10 – É bem mais difícil julgar a si mesmo que julgar os outros 11 – Os vaidosos só escutam elogios 12 – Os adultos são mesmo muito estranhos 13 – Os adultos são decididamente imprevisíveis 14 – Seguir o regulamento 15 – Sobre a efemeridade 16 – Chegada à Terra 17 – Há solidão também quando se está entre as pessoas	

Fonte: Dados da pesquisa

Avaliação: Ao concluir a leitura, cada grupo fará suas conclusões, permitindo que todos possam comentar as apresentações e expressando suas próprias opiniões. A professora avaliará a participação e interação.

4.1.7 Interpretação

Ponto fundamental e decisivo da metodologia, consiste numa série de ações e vivências que visam à construção de sentido como ato interno (pessoal) e externo (social).

Objetivo: Apresentar as conclusões após a leitura da obra.

Tempo previsto para esta etapa: 2 aulas com carga horária de 60 minutos.

Descrição das atividades: A primeira parte da apresentação das interpretações será realizada a partir das conclusões pessoais dos alunos. Nesse momento, os alunos apresentarão seus diários de leitura, destacando os pontos que julgarem ser os mais relevantes.

Figura 13 – Slide introdutório às apresentações dos diários de leitura



Fonte: Dados da pesquisa

Avaliação: Os cadernos servirão de base avaliativa para esta etapa do projeto. A partir da avaliação realizada a professora direcionará o planejamento buscando minimizar as dificuldades apresentadas pelos alunos.

4.1.8 Expansão

Momento em que a interpretação do texto transcende, adquirindo outras formas de expressão criativa por parte do leitor.

Objetivo: Oportunizar a formação literária por intermédio da escrita de gêneros textuais digitais.

Tempo previsto para esta etapa: 2 aulas com carga horária de 60 minutos.

Descrição das atividades: Na última etapa do projeto, os alunos serão orientados para que produzam uma possível continuidade da estória lida através do gênero textual *Fanfic*. A professora explicará detalhadamente as características do gênero para tal finalidade. Para a elaboração dessa produção, os alunos terão uma semana para construí-la, e a professora os

acompanhará durante o processo de criação. As produções serão apresentadas inicialmente para a própria turma, e, após as devidas correções, serão publicadas na página *online* da escola.

Figura 14 – *Slide* introdutório às produções das *fanfics*



Fonte: Dados da pesquisa

4.1.9 Avaliação

O processo de avaliação, realizado com base na leitura, não pode ser negligenciado, no entanto, a maneira de proceder à tal avaliação pode modificar, substancialmente, a vivência do aluno na escola.

Quando a avaliação é a única motivação para o indivíduo realizar determinada atividade de leitura, e esta não consegue ser absorvida, satisfatoriamente, pois, nesse contexto, o resultado quantitativo do processo de aprendizagem finda por tomar o foco principal, a experiência vivenciada durante o transcurso da atividade é menosprezada.

Lajolo (2006) afirma que tal prática, tão comum no cotidiano escolar, acaba por subverter os interesses do texto literário, distanciando o aluno da verdadeira experiência com a leitura literária, pois ele fica circunscrito a uma realidade de que a leitura por si só não basta como motivo para realizá-la.

Muito além de simplesmente repassar os conhecimentos pertencentes a uma disciplina específica, as práticas e metodologias docentes precisam ser direcionadas em prol do que se busca, conforme os objetivos comuns e de competência exclusiva do processo ensino e aprendizagem.

A literatura, no decorrer de sua existência na escola, passou por inúmeras dificuldades no que tange à realização de suas práticas, resultante, principalmente, do atraso existente no desenvolvimento educacional no Brasil, que resultaram em questões importantes para esse processo, como o desinteresse por parte dos alunos, o pouco conhecimento por parte de alguns profissionais docentes e, até mesmo, o distorcido entendimento da comunidade escolar, que não enxergava a literatura como algo fundamentalmente necessário e que tivesse um sentido prático, verdadeiro e prático, não somente na vida dos estudantes, mas de todos, pois o mundo não pode sobreviver sem Arte; não pode existir sem a literatura. Tais questões, apresentadas por Lajolo (2006), são exemplos reais e típicos de toda a sorte de entraves e mazelas que os professores enfrentam na árdua tarefa de transmitir os saberes advindos dessa disciplina no meio escolar.

Levando em consideração todos os obstáculos vivenciados na prática do ensino de literatura, e sabendo que, acima de tudo, é uma atividade que proporciona a decodificação de textos, instigando a percepção e a interação do leitor com os inúmeros sinais apresentados de maneira ordenada, que trazem em si associações que geram sentido real e acabam por, de uma forma ou de outra, fazer parte daquele que o vivencia, o texto literário em sala de aula é uma ferramenta eficaz para transpor as barreiras que o aluno encontrará, ao longo de sua vida, fora da escola, levando-o ao autodescobrimento e à convivência com o Outro de forma pacífica, harmoniosa e, principalmente, construtiva das realidades do seu entorno.

No entanto, o ato da leitura não se resume apenas a decifrar códigos, mas, muito além disso, é ler, é perceber a lógica existente entre a interligação dos significados, as relações estabelecidas entre eles; e o mais relevante é conseguir absorver o pensamento e o direcionamento intencional do autor, compreendendo e confrontando as ideias apresentadas e apreendidas.

Projetos de leitura literária, como este que está sendo apresentado em nossa dissertação de mestrado, precisam realizar, regularmente, um levantamento dos resultados obtidos no decorrer de suas atividades, se o que está sendo proposto condiz com a realidade dos alunos e tudo aquilo que pode ser aperfeiçoado, efetivamente, para melhorar o alcance das metas descritas.

A avaliação pode ser realizada de diversas maneiras e com inúmeros objetivos, como analisar a participação durante as etapas, o posicionamento e a evolução dos envolvidos no curso das atividades programadas ou qualquer outra questão, que amplie o leque de opções ou proporcione a melhoria das práticas realizadas, uma vez que, em se tratando de literatura, a dinâmica mudará naturalmente a execução das ações em função dos grupos, que serão sempre heterogêneos.

No entanto, como as atividades descritas serão desenvolvidas como uma proposta de projeto a ser realizado no ambiente escolar, faz-se necessária a definição de uma metodologia avaliativa, que acompanhe o desempenho dos alunos e os caminhos a serem direcionadas as ações para que se alcancem os objetivos e metas esperados.

Nesse sentido, um direcionamento adequado constitui-se no aproveitamento dos grupos de leitura, que devem oportunizar um protagonismo daqueles que neles estão inseridos e na organização de avaliações e autoavaliações de maneira paralela às vivências do projeto.

Rildo Cosson, em sua obra *Círculos de Leitura e Letramento Literário*, (2020, p. 173) dá exemplos claros de atividades avaliativas, que podem ser realizadas nos projetos de leitura realizados na escola. Na referida obra também são citadas as elaborações dos diários de leitura, a metodologia que será utilizada como recurso avaliativo na proposta didático-pedagógica apresentada nessa dissertação. Através desse método de avaliação, busca-se acompanhar a formação do leitor e sua evolução tanto em relação aos conhecimentos literários quanto nas habilidades cognitivas durante o processo.

Desde o início do projeto, os alunos serão incentivados e orientados a elaborarem um diário no qual relatarão as suas impressões e conclusões a respeito da obra que lerão, capítulo por capítulo, e registrarão a sua relação com a obra e as temáticas abordadas, demonstrando seu envolvimento e compreensão.

Em contrapartida, a professora também descreverá suas observações durante cada encontro literário e elaborará as suas avaliações a partir do que analisará com base nas interações dos alunos no decorrer dos debates. Essas anotações servirão como material avaliativo do desempenho individual e coletivo da turma.

O mais importante a se levar em consideração na avaliação de um projeto de leitura literária é que essa etapa deve ser vista como mais um passo na formação do leitor, auxiliando-o a conhecer suas limitações e aptidões, além de ampliar o horizonte para a sua evolução e solução dos problemas que aparecerem naturalmente a partir da leitura de qualquer obra de literatura. A avaliação não deve, de maneira alguma, ser vista como o fim último do projeto. Deve ser realizada de maneira suave, não impondo o peso de notas ou conceitos.

O resultado de tal experiência precisa ser focado no crescimento humano e na formação cidadã do indivíduo, sendo uma oportunidade de interação com o que a literatura tem de transformador.

Ler é um processo de aprendizagem que vai muito além da decodificação de textos, mas trata, principalmente, de uma construção social, uma reformulação de mundo, de maneira individual e comunitária. A leitura é um instrumento de resistência e de construção social.

4.2 Cronograma das atividades

De acordo com o que está sendo proposto, foi organizado o seguinte cronograma, tendo como objetivo a estruturação do projeto em cada uma de suas etapas. No entanto, essa organização pode ser ajustada, de acordo com a realidade da turma que estará vivenciando as atividades propostas.

Quadro 3 – Cronograma das atividades

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES PROPOSTAS		
ATIVIDADES	CONTEÚDOS	Nº DE AULAS
01	Motivação	01
02	Introdução	02
03	Encontros literários	06
04	Interpretação	02
05	Expansão	02

Fonte: Dados da pesquisa

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa apresentada, a nossa dissertação de mestrado teve como intento basilar a elaboração de uma proposta de letramento literário e elegeu um dos textos mais significativos da literatura universal: a obra intitulada *O Pequeno Príncipe*, escrito pelo emblemático escritor francês Antoine de Saint-Exupéry.

A proposta ora desenvolvida, ao longo dessa pesquisa, privilegiou, dentre vários objetivos, o debate entre alunos e professor a partir da leitura da referida obra e suas possíveis contribuições para a formação não somente de um leitor literário, mas de um indivíduo capaz de perceber o mundo ao seu redor, compreender seu papel transformador na sociedade e ampliar sua visão crítica acerca da realidade e de sua humanidade.

A nossa proposta, que almeja se somar a outras para aperfeiçoar o ensino de literatura, baseou-se, fundamentalmente, na compreensão acerca do letramento literário, como fenômeno intrínseco à leitura do texto artístico e à prática da leitura, propriamente dita; e apresenta uma sequência de atividades possível, como resultado das aulas de leituras literárias, ao privilegiar o texto poético da obra *O Pequeno Príncipe* e suas contribuições para o tema das competências socioemocionais e do autodescobrimento do sujeito – o leitor em proficiência – na sala de aula, tópicos que consideramos capitais para o arcabouço teórico, ao qual recorreremos, e que, com nossa letra crítica, nos auxiliou para a elaboração de nossa dissertação de mestrado.

Almejando atingir os diversos objetivos que foram explicitados, ao longo de nossa pesquisa, foram realizadas leituras de textos teóricos, que apresentaram conceitos e aprofundaram ideias sobre letramento, ensino de literatura e a formação do leitor jovem. Através dessas leituras, foi possível arquitetar as concepções de letramento, incluindo, também, o literário, e refletir sobre a literatura juvenil, seu ensino específico e as metodologias, que são múltiplas, para a utilização de um texto literário em sala de aula de uma forma que se permita ao aluno a descoberta da liberdade de escolhas a partir de suas próprias experiências, sobretudo a estética, que é a Arte se manifestando por meio do texto literário e o que suas forças libertárias podem proporcionar, ratificando o que é da competência do ensino e da esfera do aprendizado.

Inicialmente, o letramento literário apresenta como proposta a familiarização do aluno com o texto literário na escola, principalmente nas aulas de leitura do texto literário com formatos próprios e dinâmicas peculiares. É verdade que esse contato pode acontecer fora do ambiente escolar, no entanto, sabe-se que, muitas vezes, essa interação não se realiza, pois, por motivos inerentes à cultura, de um modo geral, e ao núcleo familiar em que o indivíduo está inserido, tal prática, lamentavelmente, não é prioridade, ainda, na rotina de pais e alunos.

A partir do contexto acima abordado, o professor torna-se um elemento ainda mais importante na construção de hábitos que visam ao desenvolvimento da leitura literária, transformando-se, no decorrer do processo, um mediador e o principal incentivador da leitura, despertando a curiosidade e o interesse a respeito das histórias a serem escolhidas e efetivamente lidas, e trazendo à baila a construção estética dos textos, além do uso criativo da linguagem, dentre outras intervenções e direcionamentos.

Levando em consideração as dificuldades enfrentadas por muitos alunos, a escola é tida como um lugar que oportunizará essa interação com a cultura literária e, ainda mais importante, realizará isso de maneira a despertar o interesse e aptidão dos estudantes. Dessa forma, reafirmamos a crucial importância do ensino de literatura baseado nas proposições e reflexões inerentes ao letramento literário, que precisa ser, acima de tudo, uma força democrática, oferecendo e promovendo o contato do aluno com a literatura permanentemente.

No entanto, deve-se ter a consciência de que a mera leitura de textos não garantirá ao indivíduo uma formação cidadã e uma postura crítica, bem como a simples fruição literária, muito menos os resumos e fichas de leitura, usados simplesmente como recurso avaliativo. Nesse sentido, tais caminhos não se apresentam como meios de transformação e tampouco ampliam os horizontes literários.

O aprendizado crítico da leitura literária se dá através do encontro de cada qual com o texto literário, o princípio de toda experiência estética em que leitor e obra de arte se confundem, tornando-se um corpo singular. A conjugação autor-obra-leitor, nas aulas de leitura literária geram resultados qualitativos e promissores ao proporem um novo modo de ensinar literatura, pois o aprendizado se dá principalmente no envolvimento e na compreensão de que aquela nos apresenta um mundo construído a partir das palavras e da estruturação da linguagem em todos os seus níveis.

Conhecer inteiramente todas as possibilidades que o texto literário nos propicia oferece condições para que o envolvimento entre o aluno e a literatura se torne uma construção ampla de real sentido para sua vida e para o meio social em que está inserido. Esse envolvimento só será possível se houver a compreensão do papel da leitura literária como instrumento de ensino, que tem como escopo o incentivo e o fomento à reflexão e à formação contínua da consciência crítica.

Responsável pelo papel fundamental no processo de disseminação da literatura e construtora de hábitos de leitura, a escola tem sobre si uma função extremamente relevante, que é a formação de leitores críticos, por meio da arte que se manifesta através da palavra escrita. Por meio da literatura é possível compartilhar conhecimentos, propiciando a interpretação e

ampliando a estruturação dos sentidos, que são construídos individualmente e em cadeia, enriquecendo o repertório de leituras que renovam o saber literário e o conhecimento sobre essa disciplina e sua relevância na sociedade.

Definitivamente, o texto literário deve ser o centro das aulas de literatura, a peça principal e fundamental que oportunizará a vivência, as experiências de leitura; formando um ambiente no qual haja a possibilidade de realizar várias leituras e construções de sentido, pois a obra de arte escrita e o aluno, o leitor no curso da proficiência, serão os protagonistas e, assim, motivarão o desenvolvimento das atividades leitoras em sala de aula.

Quanto ao professor é necessário que esta personagem importante seja conhecedora de sua imensa responsabilidade como mediador e guia das atividades no decorrer do processo de interação entre o leitor e o texto literário no ambiente escolar. Ele precisa ter noção, sempre, de que as estratégias que serão utilizadas devem deixar de lado as práticas tradicionais realizadas no ensino de literatura, buscando adaptar metodologias, adotando obras que estejam em conformidade com a etapa de desenvolvimento dos alunos e abordando temáticas que sejam atuais e significativas, ajustando-se, finalmente, aos interesses dos alunos.

Dessa forma, temos a plena consciência de que esse trabalho apresenta uma proposta de ensino de literatura focado no letramento literário, que busca construir caminhos, elaborar estratégias e metodologias que emanem da leitura do texto literário, com vias à formação do leitor como um cidadão preparado para saber viver e conviver em sociedade.

Ao utilizarmos *O Pequeno Príncipe*, como ponto de partida para a construção dessa dissertação de mestrado, estamos convictos do quanto sua leitura e reflexão são relevantes para todas as pessoas, especialmente para o público jovem, que está no processo de construção de sua personalidade e posicionamento perante a vida e o meio social em que vive.

Acreditamos, desse modo, que a referida leitura literária contribuirá para a promoção da formação dos leitores, passando pela concretização de práticas pedagógicas de leitura, que considerem o letramento literário como o centro e o eixo norteador do ensino e aprendizagem, nas práticas escolares em torno o ensino de literatura e para além dos muros da escola, como ensinamento para a própria vida.

É importante destacar que a metodologia tem o papel de melhorar, otimizar e fortalecer o que buscamos alcançar, auxiliando-nos no caminho até alcançarmos o objetivo planejado e, por fim, o esperado. Entretanto, não pensamos numa imposição que determina que um processo exitoso de letramento literário só se dará por intermédio da metodologia e das etapas as quais serviram como base para proposição dessa sequência de atividades. No entanto, cumpre ressaltar que a nossa defesa prévia se baseia nos caminhos que escolhemos para o

desenvolvimento do presente trabalho e que, portanto, é aquele que, segundo a nossa pesquisa e investigação, faz mais sentido para o público ao qual se destina.

Acreditamos que haverá uma significativa contribuição para a construção do letramento literário através das atividades de leitura literária propostas a partir da sequência básica criada quando se oportuniza inúmeras experiências para o aluno, nas quais são propostas e apresentadas, por meio das atividades, que incitem os estudantes, estimulando-os e aguçando sua curiosidade para a leitura do livro, ou durante as etapas de leitura, quando se sugere que se faça uma relação dos capítulos, a partir da realidade individual de cada um, permitindo que eles exercitem o pensamento crítico e reflexivo.

Há uma valiosa contribuição formativa ao sugerir que os alunos possam refletir sobre quais ensinamentos e valores morais são ensinados a partir das características das personagens e seus posicionamentos; além de outras atividades que, de alguma maneira, consigam levá-los a expressarem seus pensamentos e opiniões e a compreenderem como ocorrem as relações interpessoais e o impacto gerado no mundo em que vivem, com suas igualdades e diferenças.

É imperioso ressaltar nesta conclusão que a proposta de sequência apresentada e detalhada neste trabalho não foi aplicada nas aulas de Língua Portuguesa, como havia sido programado inicialmente, devido aos problemas causados pela Covid-19 e em decorrência das medidas restritivas estabelecidas pelo governo federal, impossibilitando-nos completamente de fazê-lo. É oportuno ainda acrescentar que tais entraves constituíram-se em norma excepcional para todos os alunos do Profletras, que tiveram suas pesquisas realizadas no campo teórico e não na parte prática em função do quadro pandêmico, que está acometendo o mundo todo, desde o final de 2019.

A pesquisa que fizemos e que resultou na presente dissertação de mestrado, que ora apresentamos, não tem como objetivo final esgotar as discussões em torno do ensino de literatura ou tampouco dar por exauridas as discussões acerca da leitura do texto literário em sala de aula, mas, antes, pontuar que, por intermédio da sequência de atividades propostas para revalorar a leitura do texto literário, é possível mostrar outros direcionamentos, apontar novos itinerários de leitura e abordagens promissoras, com vias a conduzir o aluno ao letramento, evidenciando que há a possibilidade da realização de um trabalho, no qual se acredita que, de fato, contribuirá para a formação dos jovens leitores como cidadãos conscientes, que cumprem o seu papel social, como atores que transformam a sua vida por meio do exercício do autodescobrimento, interagem com a Alteridade e promovem continuamente a proficiência leitora, porta de acesso ao verdadeiro conhecimento que está na literatura e para além do saber e da Arte que dela emanam, hoje e sempre.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Áureo José. **A prática docente na formação do leitor literário**. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília, Distrito Federal: Plano Editora, 2002.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação infantil e ensino fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Ministério da Educação. Brasília, 1997.
- CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Lê, 1995.
- CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. 1988. Disponível em: <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>. Acesso em: 1º jul. 2019.
- CASTELLS, Manuel. **A Era da informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil e juvenil**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **O espaço da literatura na sala de aula**. Coleção explorando o ensino da literatura. Vol. 20 - Ensino Fundamental. Ministério da Educação. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.portaltrilhas.org.br/download/biblioteca/literatura-infantil.Pdf#page=55>.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2019.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2020.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O minidicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.
- FILHO, Domicio Proença. **Leitura do texto, leitura do mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela. **A BNCC e o ensino de línguas e literaturas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

GODINHO, Marcio. **Nas entrelinhas de O Pequeno Príncipe**. 1. ed. eBook Kindle. Editora Universo, 2017.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude** – ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

JOUVE, V. **A leitura**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

KLEIMAN, Ângela. Ação e mudança na sala de aula: uma nova pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, Roxane. (org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

LOPES, Edward. **A palavra e os dias: ensaios sobre a teoria e a prática da literatura**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

MARTINS, Ivanda Maria. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2005.

MIGUEZ, Eloisa Marques. **Educação em busca de sentido: pedagogia inspirada em Viktor Frankl**. São Paulo: Paulus, 2014.

PAULINO, Graça. **Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares**. Caxambu, MG: ANPED, 1998.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

RIBEIRO, João Carlos de Souza. **O ensino de literatura: muros erguidos, pontes partidas**. Revista Anthesis, Cruzeiro do Sul, v. 7, n. 13, p. 33-57, jan. - jun., 2019.

ROJO, Roxane H. R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: 2002.

ROSSI, Marcelo. **Ágape**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2011.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Lúcia de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.). **Leitura de Literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Geração Editorial, 2015.

SAVIANI, D. Educação escolar, currículo e sociedade: o problema da Base Nacional Comum Curricular. Movimento: **Revista de Educação**. Niterói, no 04, p. 54-84, 2016.

SCHWARTZ, Katrina. **O incrível potencial do cérebro adolescente**. Instituto Conectomus, 2019. Disponível em: <https://www.institutoconectomus.com.br/cerebro-adolescente/> Acesso em: 14 out 2021.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TARANTINO, Mônica. As revelações sobre o cérebro adolescente. **Revista Isto É**, 2021.

Disponível em:

https://istoe.com.br/170256_AS+REVELACOES+SOBRE+O+CEREBRO+ADOLESCENTE/ Acesso em: 14 out 2021.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da amizade**: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996

ZAPPONE, Mirian M. H. Y. **Fanfics** – um caso de letramento literário na cibercultura? *Letras de Hoje*, v. 43, n. 2, p. 29-33, abr. - jun., 2008.